

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Luciana Costa Pires

**MANIFESTO DO FUNK OSTENTAÇÃO:
o (des) compasso da adolescência na pós-modernidade**

Belo Horizonte

2017

Luciana Costa Pires

**MANIFESTO DO FUNK OSTENTAÇÃO:
o (des) compasso da adolescência na pós-modernidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira

Área de concentração: Processos Psicossociais

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Pires, Luciana Costa

P667m Manifesto do funk ostentação: o (des) compasso da adolescência na pós-modernidade / Luciana Costa Pires. Belo Horizonte, 2017.

152 f. : il.

Orientadora: Jacqueline de Oliveira Moreira

Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Funk (Música). 2. Adolescência - Aspectos sociais. 3. Criminalidade - Aspectos sociais. 4. Narcisismo. 5. Sublimação (Psicologia). 6. Sociedade de consumo. I. Moreira, Jacqueline de Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 159.922.8

Luciana Costa Pires

**MANIFESTO DO FUNK OSTENTAÇÃO:
o (des) compasso da adolescência na pós-modernidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicossociais

Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Oliveira Moreira – PUC Minas (Orientadora)

Prof. Dr. Fábio Santos Bispo – UFES (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Juliana Marcondes Pedrosa de Souza – UFSJ (Banca Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Maria José Gontijo Salum – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2017.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Ensino Superior (PROSUC), viabilizando, assim, a consecução desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PPGSI – PUC Minas) pela aposta neste trabalho e pelo acolhimento.

De modo especial, agradeço à Professora Jacqueline de Oliveira Moreira pelo encontro e pela impecável orientação. Sua condução e escuta sempre cuidadosas foram imprescindíveis nesta trajetória, tornando-a mais leve e ainda mais enriquecedora. Muito obrigada, Jacque!

Aos Professores Fábio Santos Bispo, Maria José Gontijo Salum e Juliana Marcondes Pedrosa de Souza por aceitarem prontamente o convite para comporem a banca examinadora e pelas preciosas contribuições.

Aos professores e funcionários do PPGSI pela atenção com que sempre me atenderam e sanaram minhas dúvidas ao longo desta jornada.

Aos adolescentes e jovens por me inspirarem tanto e aos oficinairos do “Programa Fica Vivo!” por somarem de maneira ímpar à minha caminhada profissional.

Aos meus pais, Dilson e Amália, por sempre me incentivarem e nunca medirem esforços para que eu pudesse trilhar o meu próprio caminho. O amor incondicional de vocês sempre será a minha maior fonte para seguir em frente! Amo-lhes muito!

A Robson, meu companheiro de vida, por seu amor, sua parceria e seu cuidado diários. Obrigada por compreender as minhas “ausências” em virtude dos estudos e, ainda assim, sempre se fazer presente e me impulsionar ao encontro de meus objetivos! Te amo!

Aos “Costa” e aos “Pires” pelo apoio e pelas orações desde sempre. Às famílias “Lyrio Brant” e “Campos”, em nome de meus sogros Suely e Robinho, pelo carinho e incentivo.

Às “Madrinhas do coração”, aos “Padrinhos”, ao “Amarelo”, aos “Jovens”, às “Psi” e ao “Quarteto” por tornarem, com a nossa amizade, tudo muito mais afável!

A Rodrigo Sá pela disponibilidade e atenção constantes.

À Grazi Sales pela notável ajuda e prestatividade.

Aos colegas de trabalho e de estudos que acompanharam e compartilharam comigo as adversidades e as alegrias deste percurso.

A Deus pelas possibilidades, pelas experiências e pelos encontros desta vida.

*“O sonho de vencer na vida é o que me faz seguir em frente...”
(MC Wender – Desabafo de um MC)*

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo principal investigar qual o lugar que o funk ostentação pode ocupar na dinâmica psíquica de adolescentes imergidos em uma realidade social em que a criminalidade é uma condição proeminente. O funk ostentação é sobrelevado pelos adolescentes como uma fonte de tradução dos impasses que os acometem, especialmente diante de um contexto cuja exaltação do consumo evidencia um gozo sem barreiras. Lança-se mão de preceitos sociológicos para circunscrever os aspectos deste cenário onde os ordenamentos “consuma”, “ostente” e “goze” são proclamados de modo uníssono. Conceitua-o como pós-modernidade e se destacam o consumo e a criminalidade como dois dos fatores preponderantes na organização dos arranjos sociais e subjetivos, sobretudo no transcorrer da adolescência. Sustenta-se este ponto de vista sociológico sobre as particularidades da sociedade pós-moderna a partir da interface com o aporte teórico-metodológico da psicanálise. Com isso, notabilizam-se o sujeito e seus singulares laços frente às circunstâncias socioculturais. Metodologicamente, foi delineada uma revisão bibliográfica que convergisse com os objetivos deste trabalho, considerando principalmente os termos: pós-modernidade, adolescência, criminalidade, consumo, música, pulsão, narcisismo e sublimação. Teve-se como base autores clássicos e contemporâneos que trabalhassem os respectivos assuntos, salientando-se como os mesmos poderiam ser articulados com o funk ostentação enquanto gênero musical celebrado pelos adolescentes e identificado por eles como expressão artística sintonizada com as convenções pós-modernas e com as suas próprias. Optou-se pelo termo adolescência para demarcar esse peculiar momento de transição entre a infância e a vida adulta que faz reverberar novos posicionamentos e decisões que o sujeito precisa tomar. Os adolescentes podem encontrar saídas que simulam para ele uma verdade que lhe satisfaça totalmente. De maneira específica, observou-se um lugar privilegiado do funk ostentação na economia libidinal de dois adolescentes que mostraram uma particular forma de borderar o seu circuito pulsional compassado pelos ditames consumistas e hedonistas da pós-modernidade.

Palavras-chave: Funk Ostentação. Pós-modernidade. Adolescência. Criminalidade. Narcisismo. Sublimação.

ABSTRACT

This masters thesis is the result of a research which the main aim was to investigate the place that *funk ostentação* (music genre which ostentation is the main topic) can occupy in the psychic dynamic of adolescents immersed in a social reality in which criminality is a prominent condition. *Funk ostentação* is overtaken by adolescents as a source of translation of the impasses that affect them especially in a context where exaltation of consumption evidences a *jouissance* (referring to the Lacanian concept) without barriers. Sociological precepts are used to circumscribe the aspects of this scenario known as postmodernity where the orders "consume", "show off" and "joy" are proclaimed in unison way. Consumption and criminality are two of the most important factors in the organization of social and subjective arrangements, especially during adolescence. This sociological point of view about the particularities of postmodern society is sustained on the interface with the theoretical-methodological contribution of psychoanalysis. With that, the subject and its singular ties to the socio-cultural circumstances are evident. Methodologically, a bibliographical revision was drawn up to converge with the aims of this work, considering mainly the terms: postmodernity, adolescence, criminality, consumption, music, drive (referring to the Freudian term *Trieb*), narcissism and sublimation. It was based on classical and contemporary authors who worked on their respective subjects, noting how they could be articulated with *funk ostentação* as a musical genre celebrated by adolescents and identified by them as artistic expression tuned to the postmodern conventions and with their own. We chose the term *adolescence* to demarcate this peculiar moment of transition between childhood and adult life that reverberates new positioning and decisions that the subject needs to take. At this moment in which the subject is summoned to re-edit his choices and references, the adolescents' drive circuit can find outputs that simulate a truth that satisfies them totally. Specifically, we observed a privileged place of *funk ostentação* in the libidinal economy of two adolescents who showed us a particular way of skirting their pulsional circuit paced by the consumerist and hedonistic dictates of postmodernity.

Keywords: Funk Ostentação. Postmodernity. Adolescence. Criminality. Narcissism. Sublimation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1. Apontamentos Metodológicos.....	19
2. UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A SOCIOLOGIA SOBRE O MUNDO PÓS-MODERNO.....	27
2.1. Uma introdução ao conceito de pós-modernidade.....	28
2.2. O mal-estar pós-moderno.....	35
2.3. Consumo e criminalidade: (desen) laços na pós-modernidade.....	44
2.4. O espetáculo no mundo pós-moderno.....	57
3. A ADOLESCÊNCIA E SEUS (DES) COMPASSOS.....	63
3.1. Juventude, Adolescência e Puberdade: concepções de um despertar.....	65
3.2. A pulsão e seus imperativos na adolescência.....	74
3.3. O eu, o Outro e o objeto (des) enlaçados pela lógica capitalista.....	84
4. O MANIFESTO DO FUNK OSTENTAÇÃO.....	97
4.1. Nas batidas do funk.....	99
4.2. Posso, logo, ostento: ecos do narcisismo na pós-modernidade.....	106
4.3. Sublimação: um destino possível para a ostentação.....	120
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	141

1. INTRODUÇÃO

Com o domínio de um ideal hedonista como temos observado no contexto pós-moderno, especialmente preconizado pelos veículos midiáticos através de propagandas que anunciam “a receita da felicidade” a partir do dispêndio de seus produtos ou serviços (CARVALHO, 2010), o consumo tem assumido o papel de regente tanto dos arranjos socioculturais quanto dos individuais. Os indivíduos são assim embevecidos pela cultura pós-moderna com uma promessa de satisfação irrestrita através do consumo e da ostentação dos *gadgets*¹ proclamados pelo capitalismo e pela mídia. Todavia, vale ressaltarmos que pelo aporte psicanalítico, delineamento teórico da nossa investigação, trata-se de uma promessa ilusória, pois, como bem nos assegurou a obra freudiana, esta satisfação nunca será completa. Ainda assim, a possibilidade de aparecer adornado pelas marcas de roupas, acessórios, bebidas, automóveis, dentre outros artefatos valorizados por seus altos preços mercadológicos, encanta aos sujeitos que, vislumbram com isso, um reconhecimento. Só que não mais pelo que é, mas, por aquilo que parece ter.

Com a intenção de compreendermos esses efeitos da sociedade sustentada pelo consumo e pelas aparências sobre os vínculos que o sujeito² pode nela estabelecer, propomos um diálogo entre a psicanálise e a música, considerando esta última um modo privilegiado de representações e práticas entre os indivíduos na busca de uma demarcação identitária, especificamente se tratando da adolescência (DAYRELL, 2002). Neste sentido, elegemos o *funk ostentação* como o gênero musical proeminentemente celebrado no cenário pós-moderno, em especial entre os adolescentes e jovens do território brasileiro. Nas composições desse estilo musical, notamos a hegemonia do empuxo consumista como forma de ascensão

¹De acordo com o que assimilamos da teoria lacaniana, os *gadgets* se referem aos objetos fabricados pela ciência e investidos por um mais-de-gozar pela sociedade onde o consumo substitui a produção enquanto anteparo da lógica capitalista, deixando os sujeitos em uma ligação subalterna e contínua com esses objetos.

²Não é nossa intenção detalharmos o conceito de sujeito. No entanto, ao referirmos ao “sujeito”, estamos consoantes à sua noção na psicanálise que, desde a noção de inconsciente revelada pela obra freudiana até a sua formalização conceitual na teoria lacaniana, o considera como sendo *sujeito do desejo*. Ainda nesta direção, ressaltamos que quando utilizamos nesta dissertação o termo “indivíduo”, fazemos coro ao esforço da obra freudiana em compreendê-lo, a partir de seu funcionamento psíquico, como “[...] algo que ultrapassasse a noção de indivíduo centrada na razão e tocasse a construção subjetiva, a partir do descentramento trazido pela descoberta do inconsciente.” (BARROSO, 2012, p. 150).

social e de satisfação plena, tal como nos revela a música *O sofrimento foi embora* de MC³ Luciano SP.

E o sofrimento que cê viu foi embora
E agora é só pano novo, e agora é só pano da hora
E aí moleque aqueles trajes do passado, se passou
Lembra do chinelo, se tornou Springblade
Você que bateu o martelo, eu que ando de Sportage
Sem indireta reta, pra mim assim foi bem melhor
Com o pé direito começamos, no comecinho do ano
Você pensa que não, mas já estamos planejando
E a conta bancária, os números aumentando
Mas sem essa de se apegar
Eu sei que um dia o dinheiro vai acabar, talvez
Quanto mais nós tiver, vamos gastar
Mas com fé em Deus a tendência é faturar

Ao deixar de calçar o chinelo para calçar o tênis de marca e agora vestir “só pano da hora”, percebemos, em certa medida, a passagem do sofrimento para a felicidade proporcionada pelos “números só aumentando”, isto é, pelo sucesso pecuniário. Mesmo considerando que “um dia esse dinheiro vai acabar”, é o momento presente de abundância e de ostentação do que se pode consumir que o sujeito almeja um horizonte a ser perpetuado, pois, “com fé em Deus a tendência é faturar”. Sobre isto, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008) já nos apresentava uma pressuposição de que em uma sociedade onde o consumo representa e reforça a escolha por um estilo de vida, qualquer outra opção é, por sua vez, rejeitada. Esta lógica capitalista do consumo imbui os sujeitos de tal forma que o funk ostentação se torna, por este ângulo, um manifesto em forma de música que reflete a própria condição da pós-modernidade. Neste cenário onde a evidência do objeto sobrepuja a noção de sujeito, este, por sua vez, busca por saídas em identificações que façam ressoar algo de sua subjetividade, tal como faz, por exemplo, através da eleição de uma música que o represente. É, pois, na adolescência, que consideramos a música enquanto uma forma privilegiada do adolescente poder se enlaçar socialmente.

³Acrônimo de “Mestre de Cerimônias”, tal como são conhecidos, principalmente, os compositores e intérpretes ligados ao rap e ao funk no Brasil.

Referimo-nos ao período da *adolescência* como sendo o público-alvo de nossa pesquisa. Embora não tenha sido considerada um conceito próprio da psicanálise freudiana, a adolescência é compreendida por outros autores, orientados por este viés teórico, como sendo um sintoma da puberdade (STEVENS, 2004), isto é, uma resposta única do sujeito frente às transformações corporais e às demandas sociais advindas da puberdade. Destarte, faremos a leitura de dois casos situados na adolescência, cuja realidade social de ambos se localiza em territórios com altos índices de criminalidade violenta e que, dentre outras nuances, uma singular forma de laço com o funk ostentação nos foi demonstrada. Assim sendo, nosso objetivo principal é assimilar, a partir de preceitos fundamentais da psicanálise, os eventuais destinos que o funk ostentação pode ter na dinâmica psíquica desses adolescentes.

A escolha por este recorte temático se justifica a partir da experiência profissional desta pesquisadora em um programa que integra a Política de Prevenção Social à Criminalidade da, até então, Secretaria de Estado de Defesa Social do Governo de Minas Gerais (SEDS)⁴, intitulado “Programa Fica Vivo!”. Tal programa atua com um público na faixa etária de 12 a 24 anos, tendo como propósito fundamental contribuir para a prevenção e a redução de homicídios dolosos desses adolescentes e jovens que moram em áreas onde os índices de criminalidade violenta são eminentes⁵. Tendo em vista o fascínio desses adolescentes pelo compasso do funk ostentação, ou melhor, pelo estilo de vida preconizado por suas letras, o lugar que este gênero musical pode exercer na economia libidinal desses sujeitos, se tornou nosso objeto de pesquisa. Já a exaltação do consumo e da criminalidade como meios de obter prestígio, posses e poder corresponde ao predicativo de nossos estudos, isto considerando a pós-modernidade enquanto contexto heurístico.

Com o intuito de promover um diálogo entre psicanálise e música, devemos levar em consideração que, ao aproximarmos as concepções psicanalíticas dos fenômenos sociais, estamos interessados nas singularidades dos processos de constituição do sujeito e como que tais manifestações sociais se apresentam para cada um. A articulação entre a subjetividade e o

⁴Em razão da reforma administrativa sancionada pelo governador de Minas Gerais em Julho de 2016, a SEDS foi dividida em Secretaria de Estado de Administração Prisional (SEAP) e Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP), sendo o Programa Fica Vivo!, a partir disto, vinculado à esta última.

⁵Essas informações são baseadas no *Portfólio da Política de Prevenção Social à Criminalidade*, disponível em: <http://www.seds.mg.gov.br/images/seds_docs/Prevencao/6%20Anexo%20V%20Portifolio%20CPEC.pdf>.

campo sociocultural já é feita desde a psicanálise freudiana, possibilitando-nos “[...] tomar a pesquisa da psicanálise em extensão como um dos campos da psicanálise, dispondo de uma metodologia para isso e rompendo com a dicotomia entre a psicologia clínica e a social.” (MARCOS, 2010, p. 107). Aproveitando-nos da interface entre a psicanálise e a sociologia, conferimos também à nossa pesquisa o método de análise weberiano, cujo pensamento valoriza as particularidades de cada sociedade na compreensão de seus fenômenos. Dito isto, torna-se fundamental a apresentação de alguns *Apontamentos Metodológicos* ainda nessa introdução como via de sustentarmos nossa hipótese de como o funk ostentação pode funcionar enquanto uma via de tradução particularmente para o adolescente inserido na cultura pós-moderna.

Após estas considerações introdutórias e metodológicas, pontuaremos nossa discussão sobre o conceito de pós-modernidade na seção intitulada *Um diálogo entre a psicanálise e a sociologia sobre o mundo pós-moderno*. A partir da psicanálise freudiana, apresentaremos também reflexões acerca da relação indissociável entre a cultura e o indivíduo, reconhecendo que aquela não é composta apenas por suas características socioeconômicas e culturais, mas também de meios coercitivos que exigem dos indivíduos certos sacrifícios em prol de sua felicidade. Nesta direção, articulamos à nossa problemática o que assimilamos da obra freudiana sobre o *mal-estar na civilização* e sobre o que se denominou *mais-de-gozar* na teoria lacaniana. Evidenciamos, com isso, o consumo e a criminalidade como aspectos preponderantes do capitalismo pós-moderno, ponderando ainda a respeito das circunstâncias que fazem prevalecer as aparências em detrimento do ser nesta *sociedade do espetáculo*, tal como considerada por Debord (1967/2003); prevalência esta, inclusive, igualmente observada nas composições do funk ostentação.

Em *A adolescência e seus (des) compassos*, faremos uma breve distinção conceitual entre juventude, puberdade e adolescência, com o intuito de embasarmos nossa escolha por esta última concepção. Diante disso, dissertaremos sobre alguns elementos subjetivos e políticos que demarcam a adolescência como sendo um importante momento de transição na vida de cada sujeito. É nesse período de despertar que o sujeito se vê convocado a reelaborar suas referências e escolhas, uma vez que “é sobre os adolescentes que se fazem sentir com maior intensidade os efeitos da ordem simbólica em mutação [...]” (MILLER, 2015, *online*). Ao deprendermos sobre esse *tempo lógico* que vivifica e captura os sujeitos na direção de suas invenções diante da lógica capitalista, discutiremos, principalmente através do aporte psicanalítico, as contingências propensas ao envolvimento em condutas de risco (LE BRETON, 2012; LACADÉE, 2011), ressaltando as elaborações freudianas sobre o conceito

de *pulsão de morte*. Finalizando este capítulo, traremos nossa argumentação sobre como *o eu*, *o Outro* e *o objeto* têm se (desen) laçado, sobretudo na adolescência e na pós-modernidade.

Antes de apresentarmos nossas *Considerações Finais*, trataremos sobre *O Manifesto do Funk Ostentação*, apontando alguns princípios que nortearam o surgimento deste ritmo que, embora tenha se consagrado como predileção musical entre os adolescentes e jovens brasileiros, suscita discussões que consideram a sua criminalização. Em uma direção inversa a essa, a psicanálise nos aponta para um horizonte onde nos repousamos em torno da importância de escutarmos junto com esses adolescentes o que a música nos tem a dizer e, mais que isso, como esta, embalada pelo funk ostentação, pode se tornar uma fonte de tradução dos destemperos pulsionais que esses sujeitos vivenciam em sua adolescência perante o discurso tirânico do capitalismo nesta sociedade do consumo.

A partir disso, evidenciaremos a nossa leitura de caso de dois adolescentes que revelaram um laço notável com o funk ostentação e que nos orientaram à reflexão sobre dois dos quatro destinos pulsionais cunhados pela obra freudiana, quais sejam: a *sublimação* e o *retorno ao próprio eu*, sendo este último considerado por nós pelo viés conceitual do *narcisismo*. Para não nos equivocarmos em conclusões precipitadas e deliberativas a este respeito, precisamos estar atentos aos detalhes particulares da trajetória de vida de cada adolescente para não cairmos em protocolos e classificações generalizadas que causam a exclusão dos caracteres subjetivo, político e histórico tão caros à pesquisa-investigação em psicanálise. Isto posto, seguimos com os apontamentos acerca da nossa sustentação metodológica.

1.1. Apontamentos Metodológicos

Para respondermos à nossa questão de pesquisa sobre de que modo o funk ostentação pode se estabelecer como arranjo pulsional na dinâmica psíquica de adolescentes, especificamente aqueles atravessados pela proeminência da criminalidade em sua realidade social, delineamos nossa metodologia a partir de uma abordagem qualitativa, uma vez que esta nos possibilita trabalhar com uma extensa gama de “[...] significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...] que não podem ser reduzidos à operacionalização

de variáveis.” (MINAYO, 2001, p. 21-22). Desse modo, o pesquisador busca por interconectar a teoria com os fenômenos, aspectos e processos que pretende investigar em uma dimensão sistematicamente efetiva (FRANÇA, 2010). Para isso, partimos de uma revisão bibliográfica tracejada pela interface entre a psicanálise e a sociologia através da qual foram realizados um levantamento e leituras prévias de livros, artigos, periódicos e outras produções acadêmico-científicas (em meios impresso e eletrônico). Foram consideradas referências clássicas e atuais que abarcassem assuntos relacionados à pós-modernidade, ao consumo, à criminalidade, à adolescência e à música. Como conjugação desses temas, foi evidenciado, especialmente, o laço do adolescente com a vertente brasileira do funk ostentação.

No âmbito das produções acadêmicas em psicanálise, encontramos alguns estudos que tratam sobre a influência da música nas vivências subjetivas perante à cultura, porém, poucos estabelecem uma discussão mais direta com o funk ostentação. Localizamos nos campos teóricos das ciências sociais, da história e da música algumas contribuições que nos ajudaram a traçar essa nossa argumentação. Por conseguinte, a presente pesquisa expõe uma proposta original ao encetar um diálogo entre a psicanálise, a sociologia e o funk ostentação como sustentáculos teórico-práticos acerca de uma leitura sobre a adolescência e seus arranjos pulsionais na pós-modernidade. A partir do ponto de vista psicanalítico sobre o cenário pós-moderno e a adolescência, destacamos os embasamentos freudianos e lacanianos e de outros psicanalistas contemporâneos como Birman (2001; 2005; 2012), Calligaris (2015), Lacadée (2011), Stevens (2004) e Miller (2015). Nossos fundamentos sociológicos têm como base os pensamentos de Kumar (1997), Bauman (1998; 2001; 2008), Weber (1999), Debord (1967), dentre outros. Além dessa interface entre psicanálise e sociologia, lançamos mão de algumas reflexões filosóficas de Lyotard (1986/2009) e Schopenhauer (1788-1860/2005) para a nossa discussão sobre a pós-modernidade.

Além desse aporte teórico e do repertório empírico no “Programa Fica Vivo!”, fazemos um recorte que nos balizou quanto à escolha dos casos que serão analisados. Baseando-nos no relatório produzido pelo Centro Integrado de Atendimento ao adolescente autor de ato infracional (CIA-BH) e pelo Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais (TJMG), a partir da Vara Infracional da Infância e da Juventude em Belo Horizonte⁶, justificamos, portanto, nosso público-alvo. Tal documento, divulgado em julho de 2016, trouxe um balanço estatístico do ano de 2015, cujos dados mostraram que nesta cidade, os atos infracionais foram cometidos em sua maioria (cerca de 88%), por adolescentes do sexo

⁶Disponível em: <<http://www.tjmg.jus.br/portal/imprensa/noticias/mais-de-5-mil-adolescentes-envolveram-se-com-atos-infracionais-em-bh-1.htm#.WKHAGvkrLIV>>.

masculino na faixa etária de 13 a 17 anos e moradores de aglomerados da capital mineira ou região metropolitana. Apesar de o tráfico de drogas continuar sendo o ato infracional mais incidente, o que se observou neste último ano foi o aumento no número de registros de furtos e roubos. Tais infrações objetivam, em suma, o consumo e o ganho patrimonial de modo direto e imediato, tal qual são propagados na pós-modernidade como sendo “[...] a condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana.” (BAUMAN, 1998, p. 56).

Ao refletirmos sobre o cenário atual da sociedade de consumo e trabalharmos com o funk ostentação enquanto expressão musical celebrada entre os adolescentes e que realça o empuxo consumista em suas letras, mesmo que façamos uso de conceitos que não são propriamente psicanalíticos, ainda assim devemos pensá-los na direção do que a investigação em psicanálise nos propõe (RAMIREZ, 2012). A nossa inclinação pelo aporte teórico-metodológico da psicanálise, portanto, não nos permite inferir generalizações a respeito do fenômeno estudado, muito menos dos indivíduos que por ele se afetam. De forma aplicada, conduzimos nossa atenção para os aspectos que constituem o sujeito que, para a psicanálise, é, acima de tudo, constituído a partir do campo do Outro⁷.

Com isso, elegemos a música como um instrumento notável de investigação que nos permite acessar ao mesmo tempo algo do universo subjetivo que, em forma de canções, pode encontrar uma fonte de tradução daquilo que não se silencia dentro de si e também algo do mundo externo que, ao utilizar-se da arte, faz ecoar as manifestações próprias de uma determinada época e cultura. Todavia, pautados pelo recorte metodológico da pesquisa em psicanálise e ainda sob as circunscrições relativas à pós-graduação em psicologia, nos limitaremos à apreciação da dimensão textual, isto é, da letra da música⁸. Mesmo entendendo que a música aqui evidenciada pelas “batidas do funk”, em especial do funk ostentação, engloba também aspectos de ritmo, voz, dança, dentre outros, a análise de todos esses elementos nos torna inexecutável. As escolhas das letras que serão apresentadas ao longo deste trabalho foram feitas a partir da indicação dos próprios adolescentes que acompanhamos

⁷Depreendemos com a teoria lacaniana que a noção de Outro (com O maiúsculo) se refere à alteridade radical que estabelece o laço social que é, sobretudo, constituído a partir deste lugar simbólico marcado pela linguagem e que precede à condição de sujeito (psicanaliticamente reconhecido como *sujeito do desejo / do inconsciente*).

⁸Utilizamos os seguintes canais eletrônicos como fontes de acesso e transcrição das letras de músicas apresentadas ao longo desta dissertação: Google, YouTube e Vagalume.

durante a experiência no “Fica Vivo!”. Com menção a um vasto repertório de músicas e nomes de MC’s, escutamos o que nos foi apontado pelos adolescentes como os “hinos” e os intérpretes mais conhecidos do funk ostentação e selecionamos algumas com as quais podemos fazer um diálogo condizente com a nossa proposta de pesquisa.

Entre uma argumentação teórica e outra, destacamos alguns trechos dessas composições e buscamos articulá-los aos preceitos fundamentais desta dissertação, quais sejam, os aspectos da pós-modernidade, da adolescência e das saídas genuínas dos adolescentes frente ao cenário pós-moderno. Nos capítulos que se presam à apresentação conceitual dos embasamentos sociológicos e psicanalíticos que sustentam nossa pesquisa, a letra da música exerce a função de ilustração dos ditames capitalistas. As referências consumistas e hedonistas explicitadas pelo funk ostentação ecoam para os sujeitos, em especial para os adolescentes, uma possibilidade deles se reconhecerem e se apresentarem diante de seus pares. O que eles ouvem das estrofes ritmadas pelo funk ostentação e o que cada um nos diz sobre o que elas representam para si, “[...] nos permite acesso a um ponto de vista rico sobre seus impasses e saídas, sobre suas perspectivas sobre a própria civilização e a relação com a coletividade, sobre como buscam participar ou destruir os entornos.” (GOD, 2016, p. 11).

Já na seção quatro deste nosso trabalho, onde uma leitura de caso de dois adolescentes será apresentada, a presença das letras do funk ostentação é tida sobre a inspiração metodológica da pesquisa em psicanálise, especificamente no modelo de pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica pautada nos dispositivos da conversação (MIRANDA; VASCONCELOS; SANTIAGO, 2007) e da construção de caso clínico (FIGUEIREDO, 2004; VIGANÓ, 2010). De maneira análoga ao que pressupõe esses métodos de pesquisa, compreendemos que ao nos manifestar um laço com a música e nos permitir ter acesso às suas construções singulares com o funk ostentação, o adolescente nos diz de um ponto que o localiza enquanto sujeito. Logo, ainda que não sejam de fato casos construídos clinicamente ou formalizados na metodologia da conversação, há elementos em ambos os casos expostos que nos possibilitam tratá-los como se assim fossem, uma vez que o que também está em jogo para nós, ao escutarmos esses adolescentes, é o seu processo de subjetivação e a busca pela dimensão da subjetividade que está “[...] além da mera constatação do problema.” (SANTIAGO, 2008, p. 114).

Como aponta Miller (1996), o sujeito como falta a ser, surge do significante. Que nos dizeres de Lacan (1964/1998) advém do inconsciente e é marcado pela pulsão. Sobre processo de subjetivação, entende-se como movimento de um sujeito que se

constitui a partir dos significantes e, a partir deles significam suas experiências criando assim uma rede de significantes. (SANTOS, 2011, p. 50).

Além de considerarmos a música como essa rede de significantes que o sujeito nos apresenta e se representa, o que interessa também à pesquisa em psicanálise é o desejo do pesquisador na construção do seu problema de pesquisa e o enigma que sua investigação pode propor, fazendo com que sua questão metodológica seja considerada, a partir da inclusão do sujeito, numa totalidade extensiva do campo psicanalítico, isto é, nos campos clínico, científico (teoria e prática), institucional e social. (MARCOS, 2010). De acordo com Pereira (2014a), todo método psicanalítico deve prezar pela perspectiva do caso único, de forma a não mecanizar a técnica e nem universalizar qualquer procedimento. Podemos justificar a partir disso, a viabilidade e a relevância desta investigação no âmbito da universidade, ao legitimarmos não só o caráter clínico, como também “[...] a vocação científica da psicanálise.” (MOREIRA, 2010, p. 148). Esta pesquisa ainda se sustenta metodologicamente no que Ramírez e Gallo (2012) traçaram como relação entre o método clínico freudiano e o paradigma indiciário, que tem uma proposta de método de investigação pautado no detalhe, nos pormenores que são evidenciados enquanto indícios, pistas ou sintomas de um determinado fato e/ou caso.

Assim, ao aproximarmos as concepções psicanalíticas e os fenômenos sociais, levamos em consideração a singularidade e as minúcias do processo de constituição do sujeito e como que as manifestações socioculturais se apresentam para cada um. Neste sentido, ao delimitarmos um diálogo entre psicanálise e sociologia, associamos ao ponto de vista metodológico da pesquisa em psicanálise, uma perspectiva sociológica que nos servirá de iluminação na sustentação desta interface. Tal como a abordagem psicanalítica, o método compreensivo de Max Weber (1999) não admite, dentre outros aspectos, a condição absoluta de “causa-efeito” dos fenômenos sociais e sua relação com os indivíduos. Ao propormos o funk ostentação como uma possível manifestação artística capaz de traduzir os destinos que a pulsão toma na economia psíquica de certos adolescentes, entendemos que os possíveis sentidos existentes nos textos musicais não são capturados e representados por uma mera causalidade.

Vale ressaltarmos que não pretendemos afirmar que a música seja um determinante único na adoção de certos comportamentos, estilos de vida ou padrões sociais, no entanto, a remota ligação entre o sujeito e a música deve ser ponderada e considerada de maneira singular, bem como as *ações sociais* que a contém. Reconhecemos, portanto, as contribuições do método compreensivo cunhado pela sociologia weberiana, embora não nos caiba aqui pormenorizar toda a sua obra. Entretanto, convém-nos mencionar brevemente alguns pontos que retumbam com a nossa proposta metodológica de investigação sobre os possíveis influxos do funk ostentação no investimento libidinal de adolescentes envolvidos (direto ou indiretamente) com a criminalidade no contexto pós-moderno.

Ao fazermos isso, nos inspiramos no conceito weberiano de *ação social*, apreendendo-o enquanto componente primordial das sociedades humanas e na análise de uma determinada realidade social. No entanto, somente podemos dizer de uma ação social quando existe e é compartilhada uma relação entre um indivíduo e outro(s). Há inúmeros exemplos de ações sociais, mas destacamos aqui, em virtude do nosso tema de pesquisa, a música. Ainda que difundido somente após sua morte, o próprio Weber (1995) nos apresentou um texto específico sobre seu interesse, assim como o nosso, pela música como recurso elucidativo e de expressão de uma “individualidade histórica”. Em *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*, podemos encontrar contribuições weberianas surpreendentes à sociologia da arte, estritamente no que tange a uma análise minuciosa acerca de suas ideias músico-sociológicas e problematizações que exigem do leitor um certo arcabouço teórico sobre música, notadamente sobre a história da música ocidental e moderna.

Dadas às nossas delimitações de pesquisa, apenas nos valem de tais considerações weberianas a fim de dar um suporte teórico-metodológico que justificasse a escolha da música, em especial do funk ostentação, como amparo para as nossas discussões que interconectam o sujeito e sua realidade social. Embora sustentados essencialmente pela psicanálise, a eleição de um gênero musical que denota algumas das premissas pós-modernas, como veremos na seção seguinte, ajusta também às concepções weberianas supracitadas, à medida que o indivíduo que compõe uma canção viabiliza, por sua vez, a sua propagação e esta alcança outras pessoas que no que lhe concerne a retém de sentidos próprios. Os adolescentes que elegem o funk ostentação, ou melhor, as composições desse ritmo e as identificam como hinos, encontram nessas letras um sentido para se (re) posicionarem socialmente, promovendo também, dessa maneira, a eleição de modelos que os representam e os definem conforme o que é comunicado para eles pelas estrofes de cada letra. Por este

ângulo, são constituídos os *tipos ideais* que serviriam de parâmetros para a compreensão de um determinado fator social ligado ao indivíduo.

Nesta direção, depreendemos que o funk ostentação torna-se, então, um tipo ideal capaz de nos auxiliar no entendimento de como os ditames proclamados por este ritmo podem (des) compassar as vicissitudes pulsionais do adolescente frente aos conclames consumistas e hedonistas da pós-modernidade, conforme observado durante a experiência no “Programa Fica Vivo!”. Desse modo:

Como não é possível a explicação de uma realidade social particular, única, por meio da análise exaustiva das relações causais que a constituem, uma vez que são infinitas, escolhem-se algumas delas por meio da avaliação das influências ou efeitos que delas se costuma esperar [...] Este modelo (construto) nada mais é do que o tipo ideal, cuja finalidade é servir de baliza, de instrumento de colimação para o cientista se guiar, ao se enveredar na infinitude do real. (MORAES; DEL MAESTRO FILHO; DIAS, 2003, p. 63-64, grifo dos autores).

Ao adotarmos esta compreensão, sustentamos, então, a nossa problemática aqui apresentada, concebendo a complexidade dos aspectos e dos fatores que comungam para as escolhas e compartilhamentos que cada sujeito evidencia em sua trajetória, nos afastando, assim, de uma ideia determinista de que só quem é adolescente, pobre e morador de favelas possa eleger o funk ostentação e a criminalidade, por exemplo, como suas predileções musical e de conduta. Na sequência iniciaremos a apresentação de nossas considerações a este respeito, conforme disposição dos capítulos já mencionada previamente nesta introdução.

2. UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E A SOCIOLOGIA SOBRE O MUNDO PÓS-MODERNO

Historicamente, é possível observarmos mudanças significativas nos âmbitos sociocultural, econômico e político e, com isso, refletirmos acerca de suas influências sobre os indivíduos. Assim sendo, neste capítulo pretendemos elucidar alguns dos aspectos da contemporaneidade que incidem na forma como os sujeitos têm-se apresentado. Logo, ao fazermos um questionamento sobre o lugar que o funk ostentação pode ocupar na economia libidinal durante a adolescência, não o fazemos sem considerar o cenário sócio-histórico onde os adolescentes estão inseridos. A definição de um contexto social se torna fundamental e, para nos referirmos a este momento atual, adotamos o termo *pós-modernidade*. Tal escolha se fez através da afinidade teórica para com os principais autores que embasam a nossa reflexão acerca deste cenário contemporâneo, quais sejam: Kumar (1997) e Lyotard (1986). Além deles, nos referimos também a Harvey (1992), Giddens (1991; 1997; 2002) e à “modernidade líquida” defendida por Bauman (2001). Esse último conceito e outros termos como “contemporaneidade”, “sociedade contemporânea” e/ou “sociedade de consumo”, serão considerados como similares à noção de pós-modernidade apresentada por nós nesta pesquisa, com base nos autores supracitados.

Diante dessa concepção de um mundo pós-moderno, fazemos coro a Bauman (2008) ao evidenciarmos o consumo como o principal operador das relações sociais e subjetivas na pós-modernidade. Juntamente ao consumo, destacamos a criminalidade como uma via sobrelevada para se alcançar os ideais pós-modernos, movidos, prioritariamente, pelo poder aquisitivo e pelas aparências. Dessa maneira, lançamos mão da psicanálise freudo-lacaniana para refletirmos sobre o *mal-estar* ocasionado pela entrada do indivíduo na civilização e como esta tem promovido na pós-modernidade um imperativo consumista que parece convocar os indivíduos a se posicionarem diante de um *mais-de-gozar* através da “deglutição”⁹ dos *gadgets* ofertados incessantemente pelo mercado capitalista.

⁹Apesar de corresponder a um mecanismo neuromotor do organismo humano ligado ao sistema digestivo, fazemos esta analogia ao consumismo na pós-modernidade, entendendo que este é, tal como a deglutição, uma

Neste sentido, o indivíduo se torna também um objeto de consumo que, na vitrine da vida, atrai os olhares pela maneira como se apresenta e se exhibe para si e para os outros, ou seja, adornado pelas marcas de roupas, acessórios e outros produtos que todos querem (parecer) ter. Essa condição da sociedade pós-moderna nos leva a considerá-la enquanto uma *sociedade do espetáculo*, que, em conformidade com o que Debord (1967) asseverou, realça a importância das aparências em detrimento da própria subsistência. Apoiando-nos nessa interface teórica entre a psicanálise e a sociologia e, como forma de ilustrarmos esses aspectos da pós-modernidade, iremos apresentar por meio de composições do funk ostentação, amplamente celebradas entre os adolescentes no contexto brasileiro, os compassos que demarcam essa nossa investigação.

2.1. Uma introdução ao conceito de pós-modernidade

Antes mesmo de nos atermos aos aspectos e às concepções sobre a pós-modernidade, é necessário compreender, ainda que brevemente, o significado e as implicações advindas do conceito de modernidade, já que a pós-modernidade deve estar, inevitavelmente, relacionada à modernidade (KUMAR, 1997). Por mais que ainda não haja um consenso quanto à conceituação do que é tido como moderno e suas derivações, a partir do que Kumar (1997) nos afirmou, consideraremos aqui tais definições como sendo o cenário sócio-histórico que condiz a uma “criação” da Idade Média Cristã, em contraponto ao caráter pagão e ao naturalismo do mundo antigo, isto é, o período anterior ao Cristianismo. Ainda conforme este sociólogo britânico, “com Cristo, algo inteiramente novo aconteceu no mundo. O tempo, a partir desse momento, estava dividido de forma irrevogável entre o tempo ‘antes’ e ‘depois’ de Cristo [...]” (KUMAR, 1997, p. 80). Seguindo o raciocínio deste mesmo autor, apesar de a modernidade ter surgido na Idade Média por intermédio do advento cristão, somente ao final do século XVII é que este termo se aproximou do conceito cuja noção é a que compreendemos hoje; foi no período da Renascença que houve, primordialmente, uma divisão da história ocidental em três distintas épocas: Antiga, Medieval e Moderna.

O novo nascimento prometido pela Renascença foi um retorno a um tempo mais puro, mais luminoso, à Idade de Ouro da Antigüidade (sic). A Idade Média podia ter passado, mas o que estava por vir não seria algo novo e diferente, mas um passado reformado, renascido [...] Mais importante que tudo, a Renascença, em seu ataque à autoridade dos pensadores medievais e à igreja medieval, formulou novos padrões

críticos e racionais que poderiam ser usados contra todas as formas de autoridade intelectual – a dos antigos incluída. E foi isso o que aconteceu no final do século XVII. (KUMAR, 1997, p. 86-87).

Entretanto, a permanente crença das ideias clássicas e cristãs até então praticadas impedia uma maior autenticidade conceitual de modernidade, o que se estendeu até a segunda metade do século XVIII, isto é, quando a era moderna começou a se tornar significativa. À medida que não mais indicava uma mera cópia dos tempos antigos, mas, sobretudo, um rompimento com o passado e um novo início com base em princípios progressistas, a modernidade se tornou “[...] o ponto decisivo da história humana.” (KUMAR, 1997, p. 91). Neste sentido, a Revolução Francesa em 1789 é destacada como sendo o momento histórico que marcou, de fato, o nascimento da modernidade. Além disso, a valorização do indivíduo e da razão é o ponto comum entre os autores que discutem sobre a época moderna que, por sua vez, “[...] consolidou os ideais iluministas e, assim, o que aqui se toma por Modernidade [...]” (COSTA, 2008, p. 4-5), período este que precedeu o atual, chamado de pós-moderno.

Já com a Revolução Industrial na Inglaterra, ao término do século XVIII, a modernidade se concretizou no ocidente e se transformou, mundialmente, em um modelo de civilização. As produções tecnológicas e industriais daquela época, “[...] esmagaram a resistência de todos os povos não-industriais.” (KUMAR, 1997, p. 94). Logo, para ser considerada uma civilização moderna, era preciso industrializar-se, como ocorrera com o mundo ocidental.

Parece-nos importante ressaltar que, enquanto a modernidade em si apresentava uma aposta na razão e no progresso, uma outra expressão, que também é considerada moderna, surgiria no início do século XIX, anunciando um certo favorecimento da sensibilidade, da intuição e da criatividade. Com o nome de “modernidade cultural” (ou “modernismo”), esta corrente subvertera a disciplina e a ordem que até então prevaleciam na organização socioeconômica moderna. O romantismo europeu foi patenteado nesta direção como o movimento-chave “[...] contra os princípios dominantes da modernidade, da forma exposta pelo Iluminismo.” (KUMAR, 1997, p. 97). No entanto, mesmo acreditando de maneira entusiasta em possibilidades renovadoras, este movimento acabou sendo capturado pelas já tradicionais características da modernidade, no que diz respeito à elevação do indivíduo

autossuficiente. Essa consideração, inclusive, é o que muitos teóricos credenciam o dilema que a modernidade imputou a si própria. Apesar das controvérsias a respeito do mundo moderno, o que nos interessa aqui é a sua compreensão enquanto um momento histórico que teve a razão e a industrialização como ferramentas próprias de sua constituição. Bem como assinalou Giddens (2002), em termos gerais, a modernidade corresponde aos modos sociais, comportamentais e institucionais que se concretizaram primeiramente na Europa, após o período feudal, tornando-se mundialmente reconhecidos a partir do século XX.

A “modernidade” pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao “mundo industrializado” desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional. Ele se refere às relações implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção. Como tal, é um dos eixos institucionais da modernidade. Uma segunda dimensão é o capitalismo, sistema de produção de mercadorias que envolve tanto mercados competitivos de produtos quanto a mercantilização da força de trabalho. (GIDDENS, 2002, p. 21, grifo do autor).

Neste sentido, ressaltamos o que Giddens (1991) disse a respeito do capitalismo, isto é, a sociedade capitalista como uma das dimensões institucionais da modernidade, que aqui nos interessa particularmente, pois, é a partir desse aspecto do mundo moderno que fazemos uma ponte para o contexto pós-moderno, cenário social específico desta pesquisa. Sendo assim, como apontado por Costa (2008), “[...] com os avanços tecnológicos acelerados por duas guerras mundiais [...] verificou-se a mudança do modelo ocidental de sociedade, que, se antes se sustentava na *produção*, passou então a fundar-se no *consumo*.” (COSTA, 2008, p. 50, grifos do autor). O acontecimento das duas grandes guerras e a revolução da tecnologia influenciaram demasiadamente as transformações do contexto social mundial, impactando, diretamente, no comportamento dos indivíduos e das coletividades, podendo observar uma dissolução dos sólidos alicerces que amparavam a sociedade moderna. Para Giddens (1997), o progresso, como um ciclo viciante, é um aspecto fundamental para a contínua “destraditionalização da sociedade”, que, a partir do final do século XIX e início do século XX, fora perdendo os caracteres controlador e centralizador que comandavam (“de cima para baixo”) a vida dos indivíduos e dos grupos.

Nesta lógica, pontuamos o pensamento marxista acerca da modernidade, que a relacionava à constante revolução produtiva e à dissolução das representações e concepções outrora consideradas sólidas (MARX; ENGELS, 1848/2004). A modernidade assim compreendida assumiu uma contraposição à ordem tradicional, ao passo que admitiu a formação de um Estado capitalista e industrial. Uma interlocução com as ideias marxistas

supracitadas nos leva, portanto, a introduzir a nossa discussão acerca da pós-modernidade, ao ponderarmos que:

A “era pós-moderna” assinalava uma ruptura com a “era moderna” clássica, que durara aproximadamente da Renascença até fins do século XIX. Em contraste com a crença no progresso e na razão da era moderna, a era pós-moderna caracterizava-se pelas crenças e sentimentos de irracionalidade, indeterminação e anarquia. Essas características estavam ligadas ao advento da “sociedade de massa” e da “cultura de massa” em nossa época. (KUMAR, 1997, p. 118, grifos do autor).

A pós-modernidade, se podemos assim defini-la, se constitui então em “[...] um mundo no qual é impossível achar um centro ou qualquer ponto ou perspectiva do qual seja possível olhá-lo firmemente e considerá-lo como um todo; um mundo em que tudo que se apresenta é temporário, mutável [...]” (KUMAR, 1997, p. 157). Por isto, a ideia que se tem é a de um contexto social sem sólidas estruturas como se teve na modernidade. O mundo pós-moderno parece consoar dessa maneira com o que Bauman (2001) conceituou de *modernidade líquida*. Nesta medida, o sociólogo polonês inferiu que “[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo.” (BAUMAN, 2001, p. 8). O filósofo francês Jean-François Lyotard (1986) também constatou que o cenário pós-moderno se caracteriza justamente por uma incredulidade diante das presunções das metanarrativas modernas. Isto significa que, na modernidade os esforços dos discursos científicos, tecnológicos e políticos se concentravam no rompimento do senso comum em busca de uma verdade consubstanciada no desenvolvimento moral e espiritual da civilização. Já na condição pós-moderna esses “[...] antigos pólos (sic) de atração formados pelos Estados-nações, os partidos, os profissionais, as instituições e as tradições históricas perdem seu atrativo.” (LYOTARD, 1986, p. 27-28).

O que percebemos através da leitura desses autores é que, embora não haja um consenso terminológico entre os teóricos que discutem sobre o assunto, a transição da modernidade para a pós-modernidade ocasionou mudanças enérgicas nos referenciais econômicos, sociais, culturais e políticos, o que ainda, segundo Bauman (2001), caracterizaria o derretimento dos sólidos padrões outrora praticados. Isto não quer dizer, entretanto, que por mais que faltem aos indivíduos tais pontos consolidados de orientação, hajam na

contemporaneidade, livres interpretações para os modos de vida, conforme a escolha individual de cada um. Por mais que estejam difusas e declinadas as referências outrora solidificadas, ainda há um codependência entre os sujeitos e a sociedade. Neste sentido, a diferença entre as configurações modernas e as pós-modernas seria que, no cenário contemporâneo, os parâmetros compartilhados socialmente não se encontram dados de antemão e nem de forma autoevidente, pelo contrário, “[...] eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir.” (BAUMAN, 2001, p. 14).

Tais concepções sobre a pós-modernidade podem ser compreendidas pelo viés teórico da psicanálise à medida que, ao notarmos na contemporaneidade a prevalência pelo que é ligado à imagem, às aparências, os ideais norteadores dos processos identificatórios do sujeito são assim irradiados e também esvaídos simbolicamente. Em se tratando dos adolescentes que analisamos, esses registros simbólicos são ainda mais precários, dadas as condições que, geralmente, desde a infância, eles se deparam nos aglomerados onde moram. Consoante à teorização lacaniana, essa precariedade simbólica condiz ao declínio da função paterna que, ao falhar no recobrimento do real, ou seja, daquilo que é indizível pela palavra, “[...] pode, por exemplo, provocar a sua irrupção sob a forma de violência, delinquência (sic) e drogadicção (sic).” (GUERRA et. al., 2010, p. 448).

Vale ressaltarmos, ainda neste sentido, a afirmação de Agamben (2009) sobre a contemporaneidade que, para ele, é intempestiva e corresponde a uma particular relação com o tempo em que se vive, sendo, simultaneamente, próximo e distante, iluminado e obscuro. Para este autor, o contemporâneo é, de forma sincrônica, a percepção do escuro e a apreensão da luz, uma leitura original da história “[...] segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder.” (AGAMBEN, 2009, p. 72). Em contraponto à modernidade, então, a pós-modernidade surge a partir de uma alteração no contexto onde a verdade e o progresso não mais se qualificam como interesses exclusivos e rígidos para o indivíduo. O desapego quase que imediato daquilo que não lhe confere mais satisfação e a sua substituição contínua, numa tentativa de tamponar um vazio, parece-nos favorável à concepção da realidade pós-moderna.

Como observou Arthur Schopenhauer, a ‘realidade’ é criada pelo ato de querer, é a teimosa indiferença do mundo em relação à minha intenção, a relutância do mundo em se submeter à minha vontade, que resulta na percepção do mundo como ‘real’, constringedor, limitante e desobediente. Sentir-se livre das limitações, livre para agir conforme os desejos, significa atingir o equilíbrio entre os desejos, a

imaginação e a capacidade de agir: sentimo-nos livres na medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem uma nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir. O equilíbrio pode, portanto, ser alcançado e mantido de duas maneiras diferentes: ou reduzindo os desejos e/ou a imaginação, ou ampliando nossa capacidade de ação. (BAUMAN, 2001, p. 24, grifos do autor).

Diante desta reflexão, no entanto, ao considerarmos a condição pós-moderna descrita acima, não assentimos com a ideia de que os sujeitos pós-modernos estejam interessados em minimizar seus desejos, suas fantasias e suas posses, muito pelo contrário. Frente à enorme oferta de produtos fabricados com a crescente automatização dos processos industriais e científicos, os sujeitos são acometidos por uma promessa (ainda que ilusória) de satisfação plena que só será alcançada através da aquisição e deleite desses objetos. Os múltiplos semblantes fálicos proclamados pelo capitalismo por meio desses *gadgets* levam o sujeito a acreditar que o seu consumo irá atender todas as suas fantasias, transformando o hábito de consumir em um ciclo constante e interminável. Assim, ao buscar corresponder aos ideais culturais impostos pela sociedade do consumo, sublinha-se o hedonismo ostentativo como aspecto preponderante da pós-modernidade.

Ao igualar a condição pós-moderna às sociedades mais informatizadas, Lyotard (1986) nos abriu um precedente para localizarmos no funk ostentação um suporte para nossas reflexões acerca dos laços manifestados pelos adolescentes na pós-modernidade. Podemos fazer esta relação ao constatar que os avanços das tecnologias da informação vêm promovendo o surgimento de uma rede comunicacional que ampliou a capacidade de sociabilização dos indivíduos em dimensões jamais imaginadas. Para Pierre Lévy (2000), o advento da conexão via internet possibilitou a criação de um espaço sociocultural que funciona como uma ágora, fascinante pela dispersibilidade e volubilidade com que as informações e as relações são nele enredadas, consoantes com a própria trama do mundo pós-moderno. É neste conjunto de redes de socialização interligadas, portanto, que o funk ostentação despontou como mais uma mercadoria a ser consumida pelos usuários desses meios de comunicação tecnológicos, particularmente celebrada entre os adolescentes. Em suas composições, observamos o reflexo das contingências desses tempos pós-modernos que divulgam marcas registradas como condutos de felicidade estimados pelos sujeitos. A música *Sem Limites* de MC Jeffinho Z.1 nos parece elucidar tal constatação.

O Mizuno no pé, o Rolex no pulso e a corrente de ouro no pescoço
Eu já chego parando os baile, sem miséria e dinheiro no bolso
E pra quem me desacreditou, olha lá minha Hornet e meu Jaguar
Pode vim, chama tuas amigas porque hoje eu vou patrocinar
Botando a bermuda da Oakey e a blusa tem que ser Lacoste
Um Juliet ou um Absurda e o 212 pra exalar
Já estourei o Chandon que é pro clima ficar bom
O baile notou, o clima esquentou, hoje a noite é só curtição
Viver e zuar, ser feliz e esbanjar, dinheiro não é tudo mas dá condição
Moleque novinho só anda nos kit, estilo e naipe de patrão

Nesta letra compassada pelo funk ostentação, podemos identificar diversas marcas de roupas, acessórios, bebidas alcóolicas e automóveis que seduzem o sujeito contemporâneo pelos altos valores pecuniários e mercadológicos. Ao obter e esbanjar tais produtos, sob os ditames capitalistas, faz com que o sujeito seja assim reconhecido socialmente pelo privilégio de deter todos os prazeres que o dinheiro pode oferecer, que na interpretação da música correspondem a “viver, zoar, ser feliz e esbanjar”. Estas circunstâncias sobressaltadas na pós-modernidade provocam, por sua vez, a acentuação do mal-estar que é indissociável à condição humana. Com isso, concordamos com a ideia de que ao ser humano “quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável.” (SCHOPENHAUER, 1788-1860, p. 402).

Ao trazermos esta afirmação schopenhaueriana, consideramos uma peculiar relação entre a filosofia e a psicanálise que, embora polêmica, nos parece ressaltar alguns pontos primordiais acerca da teoria psicanalítica desde a sua origem. Ainda que não nos compete discorrer sobre as contribuições da filosofia à psicanálise ou até mesmo desta última aos pensamentos filosóficos, Moreira (1998) já nos sinalizara que “o criador da psicanálise assume que existiram filósofos geniais, que tiveram intuições antecipadoras daquilo que a ciência psicanalítica viria a descobrir por seu mérito e método.” (MOREIRA, 1998, p 118). Como proposta de continuarmos refletindo sobre isto, evidenciaremos então no próximo tópico o aspecto apontado pela afirmação de Schopenhauer (1788-1860), porém, à luz da psicanálise, de modo a correspondê-lo ao que a obra freudiana nos apontou sobre o mal-estar que o indivíduo é acometido frente aos ideais culturais impostos a ele.

2.2. O mal-estar pós-moderno

Introduzimos aqui uma mudança do ponto de vista em relação à discussão acerca da pós-modernidade. Desta forma, passamos de uma análise sócio-histórica dos conceitos de modernidade e pós-modernidade para uma compreensão desses, sob o prisma teórico da psicanálise, reconhecendo que a civilização¹⁰ não se constitui apenas por seus aspectos econômicos, sociais e históricos, mas também em virtude desses, por meios coercitivos que (re)estabelecem os laços entre os indivíduos e a própria civilização. Mas, antes de chegarmos às considerações psicanalíticas sobre isso, vale a menção ao que Bauman (1998) nos disse sobre esses modos coercitivos que na modernidade imperavam sob os arrimos da beleza, da pureza e da ordem. Para serem ganhos, todavia, os sujeitos deveriam pagar um alto preço, ou seja, renunciarem às possibilidades de felicidade (e seus anseios por liberdade) para receberem em troca uma quota de segurança. Para o autor, essa “[...] coerção é dolorosa: a defesa contra o sofrimento gera seus próprios sofrimentos.” (BAUMAN, 1998, p. 8).

Neste sentido, podemos compreender que a ordem e os padrões impostos pela cultura são, ao mesmo tempo, o que organiza e o que desestabiliza uma sociedade e seus indivíduos, uma vez que o excesso de ordenação característico da era moderna é gerador de mal-estares cujas relações humanas não puderam e continuam não podendo evitar. A renúncia da satisfação dos prazeres individuais é primordial, inclusive, para que a civilização se desenvolva. Essa ambivalência é o que marca o vínculo permanente entre o sujeito e a cultura. Assim, lançamos mão das contribuições daquele que deu origem à psicanálise, ao evidenciarmos a questão subjetiva no âmbito civilizatório, considerando a ideia de que exista um antagonismo fundamental entre o indivíduo e a civilização. Partimos, então, desse pressuposto freudiano, ao salientarmos os conflitos entre a sociedade e os seres humanos – contrariando a sua primeira constatação sobre uma possível harmonia entre os registros social e subjetivo.

¹⁰Assim como Freud (1927/1996), não distinguimos o uso das palavras civilização e cultura, ambas significam toda e qualquer condição humana que se difere e se eleva em relação à condição animal, isto é, engloba tanto os aspectos de controle do homem diante da natureza quanto o conjunto de regulamentações necessárias ao ajustamento das relações entre os seres humanos.

Em consonância com a ressalva feita por Joel Birman (2005), apesar de demonstrar em seu trabalho de 1908, *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*, que os hábitos socialmente compartilhados são, de certa maneira, empecilhos à satisfação pulsional, Freud parecia acreditar, nesta época, em uma possível harmonia dos indivíduos para com a moral civilizada. Para este psicanalista brasileiro, “[...] essa harmonia foi colocada incisivamente em questão, de maneira que a problemática do *desamparo* do sujeito no campo social foi a marca decisiva da leitura daquele sobre a inserção do sujeito na modernidade.” (BIRMAN, 2005, p. 204, grifo do autor). Mesmo com todo o avanço da ciência e da tecnologia, os seres humanos não se desfizeram de seus desejos, a ponto de terem que sacrificá-los em prol da vida em comunidade. Poder-se-ia até pensar em um novo ordenamento social que suprimisse todas as fontes de descontentamento com a civilização, contudo, ao que Freud (1927) nos afirmou, “parece, antes, que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao instinto¹¹ [...]” (FREUD, 1927, p. 17).

Ainda que cessassem os modos de coerção entre a civilização e os seres humanos, esses, por sua vez, não estariam isentos da tendência à hostilidade para com a civilização. Como acreditou Freud (1927), todos os homens apresentam uma inclinação autodestrutiva que os definem, até certo ponto, como antissociais e anticulturais, fazendo com que tais comportamentos determinem, inclusive, seus posicionamentos diante da sociedade. A questão é então saber quais as possibilidades de minimizar o fardo da renúncia pulsional que é imposta aos indivíduos, na tentativa de recompensá-los de alguma forma¹². Isto não significa uma tarefa fácil, pelo contrário. A justificativa da manutenção coercitiva dos regulamentos da civilização perpassa pela questão de os homens não serem de maneira espontânea apreciadores do trabalho e, tão pouco, convencidos sobre sua inevitabilidade, na presença de seus desejos e convicções.

Em *O Futuro de uma Ilusão*, encontramos uma certa aposta no surgimento de civilizações que poderão ser diferentes, dispensando a coerção do trabalho e eximindo os homens de se tornarem amargurados e hostis. Todavia, com a falta de referências que liderem as coletividades de modo a darem exemplos de renúncias pulsionais e disposição para o

¹¹Nota nossa: onde se lê *instinto*, entende-se que se trata do termo freudiano posteriormente difundido como *pulsão*. Contudo, optamos por manter nesta citação a palavra original utilizada na tradução da referência mencionada.

¹²Freud (1927) distinguiu três formas de coerção: a frustração que indica uma não-satisfação de um instinto; a proibição que é a prescrição cuja frustração é convencional e; a privação como resultado da proibição.

trabalho, a *ilusão*¹³ de que novas gerações irão experimentar dessas prerrogativas parece-nos ainda hoje distante. Isto porque o que é praticável aos homens e à civilização não comporta esse tipo de mudança, já que “[...] toda civilização repousa numa compulsão a trabalhar e numa renúncia ao instinto [...]” (FREUD, 1927, p. 20). Importante ressaltar que cada civilização e indivíduo respondem de maneiras diferentes a seus interesses e desejos, mas, há de se considerar a proposta freudiana de explicitar as privações que afetam, assim, toda humanidade.

Para nossa surpresa, descobrimos que essas privações ainda são operantes e ainda constituem o âmago da hostilidade para com a civilização. Os desejos instintuais que sob elas padecem, nascem de novo com cada criança; há uma classe de pessoas, os neuróticos, que reagem a essas frustrações através de um comportamento associal. Entre esses desejos instintuais, encontram-se os do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar. (FREUD, 1927, p. 20).

A partir da manifestação dessas proibições primitivas (dentre outras que podem surgir ao longo das mudanças socioculturais), compreendemos que com o avanço tecnológico e científico é possível também observar o progresso gradativo das internalizações da coerção externa. Como Freud (1927) assinalou, a apropriação do supereu no regimento moral e social dos indivíduos, comporta a ideia de que alguns homens reprimem tais pulsões primárias em virtude de outras que correspondam à sua satisfação, sem que sejam punidos por isso. Em especial, podemos inferir sobre aqueles cujas frustrações são ainda maiores pela imposição excessiva de privações e de trabalho, em detrimento da manutenção dos privilégios daqueles considerados os detentores do poder, como é no caso dos adolescentes envolvidos com a criminalidade.

Frente à incapacidade de vencer as forças da natureza ou conceber a extinção da civilização chegando a um estado natural ainda mais difícil de lidar, o sujeito se vê desamparado e, por isso, “[...] a maioria das pessoas obedece às proibições culturais nesses pontos apenas sob pressão da coerção externa, isto é, somente onde essa coerção pode fazer-se efetiva e enquanto deve ser temida.” (FREUD, 1927, p. 21). Já quando o indivíduo se

¹³“Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro [...] O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos [...] As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade.” (FREUD, 1927, p. 39-40).

depara com uma sequência de danos causados pela civilização, a si próprio e à sua comunidade, ele se torna, em certo grau, resistente e hostil diante das regras culturalmente impostas a ele. Se articularmos essa concepção freudiana ao envolvimento de adolescentes com práticas infracionais e, ao que nos evidencia o funk ostentação como meio de tradução de suas realidades sociais, a música *Mãe Tô Nessa Vida* de MC Juninho parece fazer coro a essas contingências supracitadas pela obra freudiana. O funk ostentação se torna, desse modo, uma ininterrupta trilha sonora que inspira e compõe para os adolescentes suas imagens identitárias (DABLE, 2012).

Eu cheguei lá em casa
Perguntei por minha filha
Minha mãe me respondeu
“Você tá na minha mira”
Tu nunca passou fome
Por que agora tu escolhe a vida bandida
Vida bandida, que adrenalina
Oh, mãe, vou te explicar
Deixa eu guardar minha pistola
Que desde um tempo atrás que a minha mente vira e embola
Se hoje eu tô no crime me perdoa não é culpa da senhora
Oh da senhora, oh da senhora
Que eu nasci num mundo louco onde o bagulho é doido
O mundo que eu nasci morre um e nasce outro
Aqui é Deus por nós e muita fé
E aqui é um pelo outro, um pelo outro
Vários irmãos morreu, vários estão privado
Pra acalmar minha mente acendo um baseado
Por isso que hoje em dia por aí é vários menor revoltado
Muito bolado, descontrolado
Eu já dormi na laje, eu já corri por viela
Já pulei vários muro dentro da minha favela
Cheio de marca no corpo de pinote
Vida de bandido é essa
Não desconversa, mãe, eu tô nessa

A letra da música acima transcreve a ideia frequentemente compartilhada entre os adolescentes que, ao se depararem com um “mundo louco onde o bagulho é doido”, vislumbram uma solução rápida e eficaz para aquilo que lhes falta. Para “acalmar a mente” diante das privações e obstáculos que a vida lhes impõe, “um baseado aceso” funciona como uma das saídas substitutivas apontadas por Freud (1930) para o indivíduo lidar com o sofrimento causado pela sua inserção na cultura. O destaque à intoxicação por via das drogas, por exemplo, é dado pela grande influência que essas causam sobre o corpo, tornando-se “[...] uma das formas mais rústicas, mas ao mesmo tempo mais eficazes de anestesiarem o indivíduo diante das tarefas árduas da vida em civilização.” (PACHECO, 2016, *online*).

Como apreendemos pelo viés psicanalítico, a adolescência é a fase em que o sujeito transita da infância para a vida adulta, sendo com isso, “[...] marcada por uma espécie de não-lugar, um intervalo, um período de espera para a entrada no mundo social.” (GUERRA et al., 2014, p. 173). Nesse ínterim, o adolescente é convocado a fazer certas escolhas frente ao real sexual que lhe é apresentado com a chegada da puberdade¹⁴. Assim, nesse período de moratória e ainda frente às dificuldades impostas socialmente, é na adolescência que o sujeito é mais facilmente subtraído pela quimera capitalista que, além da saída pela drogadição como referida na música supracitada, lhe é também ofertada uma resolução vertiginosa pela via da criminalidade. Nesta direção, “as normas do crime, encarnadas nas lideranças sob a forma de ordens de ferro – o que chamamos de Outro do crime – se oferecem como vetores de orientação para o gozo adolescente.” (GUERRA et al., 2014, p. 173). Neste sentido, a figura de chefes de quadrilhas de traficantes e/ou de assaltantes de bancos, por exemplo, nos parece ser esse Outro do crime, especialmente para os adolescentes, os quais voltamos a nossa atenção nesta pesquisa. Tais “chefões” salientam, dentre outros aspectos, a dominação masculina que nas últimas décadas, segundo Zaluar (2004), reforça a busca dos adolescentes por esses “modelos de masculinidades” sublinhados por valores soberanos e enaltecidos do uso da violência e do prestígio social mensurado pelo poder aquisitivo.

A menção à orientação de um Outro, enquanto norteador dos arranjos pulsionais engendrados pelo sujeito em sua relação intrínseca com a cultura, nos leva a considerar outro

¹⁴Iremos discutir mais detalhadamente os aspectos da adolescência na seção seguinte, intitulada *A adolescência e seus (des) compassos*.

aspecto relevante do pensamento freudiano. Antes mesmo da criação da civilização como a concebemos, os indivíduos já buscavam saídas para amenizar seus sofrimentos. Deste modo, foi criada a figura de um pai universal que exerceria, ao mesmo tempo, a função de proteger e de punir. Por este viés, podemos destacar, ainda que sumariamente, o fato mítico que Freud (1913a/1996) elaborou em sua obra *Totem e Tabu*. Neste trabalho, conhecemos os argumentos freudianos sobre o papel do Complexo de Édipo para o surgimento da civilização, a partir do mito da horda primeva e do parricídio sob um sistema totêmico, conjecturando-se, assim, acerca da gênese das instituições sociais e culturais, além da religião e da moralidade. Isto posto, Freud (1913a) também ressaltou o horror que certos povos primitivos teriam em relação ao incesto e que, sua proibição além de ser fundamental para a preservação da coletividade, indicaria uma íntima ligação com o desejo de cometê-lo, justificando, portanto, o que ele disse sobre os tabus.

Os tabus, devemos supor, são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem ter estado relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação. Devem então ter persistido de geração para geração, talvez meramente como resultado da tradição transmitida através da autoridade parental e social. (FREUD, 1913a, p. 48).

O totemismo seria então, segundo Freud (1913a), um sistema que funcionaria enquanto base para a organização social de todas as civilizações, ao englobar em suas relações a reverência a um totem e a obediência aos seus tabus. Geralmente, atribui-se à figura de um animal o caráter totêmico, com isto, este ocuparia, para os membros de um determinado clã, o lugar do pai absoluto. Outro ponto importante que Freud (1913a) trabalhou, foi o surgimento do sentimento de culpa correspondente à morte do pai executada pelos filhos que, conseqüentemente, o devorariam, pondo fim à horda patriarcal; só que, “o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo [...] O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos [...]” (FREUD, 1913a, p. 146-147). Pela proibição do incesto, os filhos, entretanto, se viam obrigados a renunciar o desejo por todas as mulheres que os impeliram a matar o pai para então assumirem o seu lugar. Neste sentido, o sentimento de culpa se despontaria e a religião totêmica serviria “[...] para mitigar esse sentimento e apaziguar o pai por uma obediência adiada. Todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema.” (FREUD, 1913a, p. 148). Por este ângulo, as religiões serviriam para impedir a repetição do acontecimento que ocasionou a morte do pai real. A busca por um deus através das religiões, após o parricídio da horda totêmica,

representa, na obra freudiana, uma tentativa de se alcançar o ideal que fora materializado pelo poder irrestrito do pai primevo, fazendo com que as sociedades voltassem a se ordenar em um arrimo patriarcal.

Ao retomarmos o texto de 1927, Freud afirmou que, o desamparo do homem se mantém através dos seus anseios por um pai e por um deus, exercendo a tripla missão de “[...] exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs.” (FREUD, 1927, p. 26). O que podemos depreender a partir dessa leitura psicanalítica é que, com o advento da modernidade e, conseqüentemente, da tecnociência, a religião¹⁵ veio perdendo forças sobre os povos, não no sentido da sua oferta, mas sim pela descrença entre os indivíduos frente às inúmeras possibilidades de produtos disponíveis e de acesso a esses e ao conhecimento, servindo-lhes para tamponar, ainda que ilusoriamente, suas faltas. Sem a crença na existência de um deus soberano, as pessoas não mais temem serem castigadas ao satisfazerem seus desejos, mesmo que estes sejam considerados proibidos socialmente.

Por sua vez, essa percepção de uma certa liberdade não dispensa o sujeito da sua condição de desamparo, quiçá extingue a sua constante luta contra a civilização. Como Freud (1930/1996) nos alertou, “uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se-nos como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo.” (FREUD, 1930, p. 85). É, pois, em *O mal-estar na civilização*, que o fundador da psicanálise nos fez compreender, através da leitura deste seu celebrado ensaio, que o sujeito não consegue atingir o prazer irrestrito enquanto houver civilização, ou melhor, o indivíduo não conseguirá se afastar do desprazer durante o tempo que viver em sociedade. Sociedade esta que sempre exigirá em contrapartida à satisfação, um sacrifício. Tal mal-estar é justamente por esse processo civilizatório que

¹⁵Vale ressaltar que se trata da religião de tradição judaico-cristã. Como Miller (2015) oportunamente nos elucidou, há uma brusca inscrição da tradição islâmica que até então estivera adormecida, mas que tem, atualmente, ocupado o vazio deixado pelo declínio do Nome-do-Pai, em especial relação com uma população mais jovem, com a qual “o islã, diferentemente do judaísmo e do cristianismo, não foi intimidado pelo discurso da ciência.” (MILLER, 2015, *online*).

exige renúncias de cada um e de todos ao mesmo tempo, ocasionando insatisfações que não serão supridas de modo algum. Psicanaliticamente, temos a seguinte explicação:

[...] o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio de prazer [...] O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. (FREUD, 1930, p. 84).

Nesta lógica, Freud (1930) asseverou sobre três fontes cujo sofrimento humano advém: do próprio corpo, do mundo externo e dos relacionamentos com os outros. Desta última fonte, inclusive, emanaria o sofrimento mais penoso para os seres humanos. Em detrimento da inevitabilidade de tais sofrimentos, os homens aprenderam, de certa forma, a controlar suas pretensões de felicidade, colocando-as em segundo plano, sob a influência do mundo externo que converte o princípio de prazer em princípio de realidade, ao fazer com que “[...] um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento [...]” (FREUD, 1930, p. 85). Dentre as maneiras que os homens podem encontrar uma tentativa de solucionar esta inevitável sensação de sofrimento, Freud (1930) apresentou algumas possibilidades, mesmo acreditando ser esta uma investigação incompleta sobre o assunto. Ainda assim, considerou: o isolamento frente à pressão da realidade e das outras pessoas, os sintomas enquanto manifestações substitutivas aos desejos recalçados, o trabalho (mesmo que não seja escolhido de forma espontânea), os adventos da tecnologia e da ciência e a drogadição (FREUD, 1930).

Além disso, podemos destacar neste ensaio freudiano a sublimação das pulsões enquanto uma saída para nos afastarmos do sofrimento¹⁶. Entretanto, tal vicissitude não é aplicável a todos os indivíduos, uma vez que “pressupõe a posse de dotes e disposições especiais que, para qualquer fim prático, estão longe de serem comuns.” (FREUD, 1930, p. 87). E, mesmo aos poucos que dela usufruem, não há garantias de êxito contra o sofrimento, especialmente quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo. O que pretendemos aqui, a partir das contribuições da celebrada obra de Freud (1930), é fazer alguns apontamentos acerca dessa reflexão que a psicanálise freudiana nos trouxe, ao relacionarmos-la a alguns dos propósitos desta pesquisa. Logo, após conceituarmos o que é a chamada pós-modernidade,

¹⁶O conceito de sublimação será trabalhado no tópico *Sublimação: um destino possível para a ostentação* do capítulo 4 desta dissertação.

tentamos compreender pelo viés psicanalítico, quais os aspectos culturais, subjetivos e políticos que podem influenciar o envolvimento com a criminalidade, especialmente na adolescência. Seguindo esta perspectiva, quando pensamos na estabilidade que a modernidade prometera a seus indivíduos através de uma organização social que se sustentava nos pilares da segurança e da racionalidade, resgatamos o que Harvey (1992) observou sobre o esforço dos pensadores iluministas em alcançar a liberdade por meio do desenvolvimento de uma ciência objetiva, da moralidade e da lei, contudo:

O século XX – com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência em Hiroshima e Nagasaki – certamente deitou por terra esse otimismo. Pior ainda, há a suspeita de que o projeto do Iluminismo estava fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca de emancipação humana num sistema de opressão universal em nome da libertação humana. (HARVEY, 1992, p. 23).

Nota-se aqui um paralelo ao que Freud (1930) afirmou sobre a liberdade individual, ou seja, para ele, ainda que outrora buscássemos por liberdade, esta não é tão pouco um desígnio da civilização. O homem civilizado teve que abrir mão de ser livre em troca de sua segurança, acarretando-lhe, como já mencionamos, consequências onerosas como a supressão, a repressão e/ou o deslocamento de suas pulsões. Logo, com o desencantamento diante das propostas modernas que não se efetivaram e a rejeição a tudo o que era considerado reacionário, a pós-modernidade surgiu enquanto uma descrença ao potencial dos ideais iluministas. A condição pós-moderna trouxe uma ambivalência e uma incerteza frente ao mundo onde nos deparamos com uma permissividade caótica e total que tem angustiado os sujeitos. De acordo com a máxima, “se Deus está morto, então tudo é permitido”¹⁷, essa noção de “vale tudo” é tão pungente quanto a ideia de “não poder nada”. Se tudo é factível, especialmente no “aqui e agora”, podemos argumentar sobre o constante aumento desse mal-estar, além da crescente manifestação de patologias como depressões, transtornos do pânico, transtornos alimentares, toxicomania, dentre outras, por força desta (pseudo) liberdade, pois, “[...] uma cultura que fracassa na criação de formas de acolhimento e minimização do desamparo irá produzir mais sujeitos vítimas desse mal.” (MOREIRA, 2006, p. 71).

¹⁷DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamazov**. São Paulo: Editora Martin Claret, 1879-1880/2003.

Os esplendores da liberdade estão em seu ponto mais brilhante quando a liberdade é sacrificada no altar da segurança. Quando é a vez de a segurança ser sacrificada no templo da liberdade individual, ela furta muito brilho da antiga vítima. Se obscuros e monótonos dias assombraram os que procuravam por segurança, noites insones são a desgraça dos livres. Em ambos os casos, a felicidade soçobra. (BAUMAN, 1998, p. 10).

Neste contexto, compreendemos que cada sujeito tem uma escolha particular de se posicionar na sociedade em busca da sua felicidade, ainda que esta nunca seja alcançada plenamente. Contudo, parece-nos que a pós-modernidade tem demarcado tais subjetividades de forma que façam prevalecer uma cultura do consumo desenfreado e uma certa exacerbação da criminalidade como via de ascensão pecuniária. Dentre tantos modos simbólicos ofertados pelo mundo pós-moderno, optamos por esses dois aspectos para dissertamos no ponto seguinte sobre a relação entre este cenário contemporâneo e as perspectivas psicanalíticas acerca dos imperativos capitalistas que demandam do sujeito um gozo desmedido que contrasta com a segurança e a racionalidade modernas. Ressalta-se, por sua vez, que mesmo liquefeitos esses aspectos da modernidade, o empuxo a um mais-de-gozar não exonera o sujeito do seu mal-estar.

2.3. Consumo e criminalidade: (desen) laços na pós-modernidade

O hábito de consumir não é algo novo entre os indivíduos e a cultura, muito menos se caracteriza como um comportamento exclusivo da pós-modernidade. Apesar disto, o consumo tem se tornado algo predominante nas ordenações social e individual, à medida que, “[...] o *consumismo* chega quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho.” (BAUMAN, 2008, p. 41, grifo do autor).

[...] o consumo é ao mesmo tempo um processo social que diz respeito a múltiplas formas de provisão de bens e serviços e a diferentes formas de acesso a esses mesmos bens e serviços; um mecanismo social percebido pelas ciências sociais como produtor de sentido e de identidades, independentemente da aquisição de um bem; uma estratégia utilizada no cotidiano pelos mais diferentes grupos sociais para definir diversas situações em termos de direitos, estilo de vida e identidades; uma categoria central na definição da sociedade contemporânea. (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p. 26).

Não obstante, ponderamos que o reconhecimento de uma sociedade de consumo sustentada pelos excessos e pela necessidade e rapidez em corresponder aos ideais da cultura pós-moderna, seja um fomento à criminalidade, especificamente à criminalidade violenta, através do estabelecimento de um sistema “[...] progressivo e ininterrupto de desagregação

social que conduz à barbárie [...] Ou seja, representa a progressão rumo a um estado de anomia que equivale à negação da Lei e, portanto, da própria civilização.” (COSTA, 2008, p. 26-27). Entendemos também que nem sempre uma sociedade favorece meios legítimos para se alcançar as metas por ela designadas. Aqueles que se encontram em territórios marcados por vulnerabilidades sociais, dentre elas, um alto índice de criminalidade violenta, ainda que não seja de maneira única e determinante, podem se envolver com práticas ilícitas, a partir da sua condição de desamparo, especialmente, conforme ressaltado por Merton (1968/1970), por se tratar de uma sociedade que enfatiza o sucesso pecuniário e individual, cujo acesso por meios socialmente aceitos não é igual para todos.

O filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek (2016) nos proporcionou uma reflexão importante neste sentido. O envolvimento com práticas delituosas não é um “privilegio” dos indivíduos pertencentes às classes sociais em situações de vulnerabilidades, uma vez que a criminalidade não é um desvio exclusivo de um determinado grupo de pessoas. Trata-se, acima de tudo, de um aspecto intrínseco ao modo regular de funcionamento do capitalismo. O que diferencia o ingresso de desabastados e dos tidos “poderosos”, é que falta àqueles um acesso a recursos simbólicos, restando-lhes sempre atividades subalternas, comandadas, muitas vezes, por “generais do capital” que não se arriscam, mas tiram vantagens dessas práticas criminosas. Destarte, a lógica do consumo que incita a criminalidade como meio de obter e ostentar os *gadgets* e o *status* enfatizados pelo capitalismo, não deve ser concebida de forma moralista, como uma propensão individual e/ou circunstancial (ŽIŽEK, 2016), em específico nesta pesquisa, como uma fraqueza psicológica dos adolescentes em situações vulneráveis.

Sobre isso, o psicanalista asseverou ainda que o capitalismo, enquanto operador socioeconômico da nossa sociedade é “[...] em sua dimensão mais fundamental, corrupção legalizada. A questão de onde começa o crime [...] não é portanto uma questão legal, mas uma questão eminentemente política – é uma questão de disputa de poder.” (ŽIŽEK, 2016, *online*). Nesta direção, ao tratarmos do fenômeno da criminalidade, especificamente na pós-modernidade, é possível observar que este tem se apresentado, ainda que de maneiras diferenciadas, na vida das pessoas de tal forma que nenhuma organização social seja isenta de sua insurreição. Todavia, se difere da pulsão agressiva inerente ao sujeito. Podemos

compreender através de concepções psicanalíticas que a criminalidade, como sendo uma das formas de violência¹⁸ mais em evidência na pós-modernidade:

[...] é vista sempre em um referencial que mostra que o encontro com a linguagem não é sem conseqüências (sic) para o humano. Compreender a violência por meio desse ensino supõe adentrar-se na constituição do laço social, considerar os discursos que imperam em dado contexto histórico e não perder de vista as formas como os sujeitos são capazes de responder aos mesmos, já que a pulsão está presente também em momentos pacíficos. Com referência à agressividade, tanto Freud quanto Lacan situam-na como constitutiva do eu, na base da constituição do eu e na sua relação com seus objetos. Não negam sua existência, ao contrário, afirmam a agressividade na ordem humana, ordem libidinal. Existe a agressividade, mas ela pode ser sublimada, pode ser recalçada, não precisa ser atuada, pois o humano conta com o recurso da palavra, da mediação simbólica. (FERRARI, 2006, p. 52).

Mas, voltando ao consumo, aqui evidenciado como um dos empuxos capitalistas que o sujeito tem de se a ver na sociedade pós-moderna, é importante ratificar que, apesar desta sua proeminência nos dias atuais, trata-se de algo trivial de toda e qualquer civilização, que pode ser realizado em diversas situações que não nos demanda sequer algum planejamento ou intencionalidade. Para Bauman (2008), o consumo é, inclusive, uma circunstância permanente e atemporal, que não há como conceber a sobrevivência humana sem sua presença, desde os primeiros registros de vida notoriamente conhecidos. Porém, quando ele passa por uma “revolução consumista” é que se torna um ponto-chave na vida de grande parte dos indivíduos civilizados, principalmente, quando “[...] nossa capacidade de “querer”, “desejar”, “ansiar por” e particularmente experimentar tais emoções repetidas vezes de fato passou a sustentar a economia [...]” (BAUMAN, 2008, p. 38-39, grifos do autor).

A transição da sociedade moderna para a pós-moderna trouxe por terra as sólidas bases orientadas pela segurança e pela razão e, em virtude disso, trouxe também uma mudança quanto às necessidades dos indivíduos. Ou melhor, ao expandir-se, o mercado outrora sustentado pela produção, passou a se amparar no consumo e com isso, criam-se, reiteradamente, novas demandas e mercadorias que, com a promessa de satisfazerem os desejos dos indivíduos, ditam a lógica do consumo. O resultado disso é um hedonismo e uma insaciabilidade próprios da tendência consumista que patenteia aquilo que é instantâneo e passageiro como pressupostos típicos da pós-modernidade. Por este viés, Featherstone (1990)

¹⁸Segundo Zaluar (1999), “a dificuldade na definição do que é violência e de que violência se fala é o termo ser polifônico desde a sua própria etimologia. Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente.” (ZALUAR, 1999, p.8, grifos da autora).

nos disse sobre esta cultura pós-moderna, que é por ele considerada como a cultura de consumo. Este modelo cultural se arrimou nos fundamentos capitalistas após a Segunda Guerra Mundial, quando a vida em sociedade assumiu um caráter desregulado, tornando-se mais volúvel e menos organizado por normas consistentes. Paralelamente a este pensamento, Bauman (2008) nos afirmou também que:

[...] uma economia orientada para o consumo promove ativamente a deslealdade, solapa a confiança e aprofunda o sentimento de insegurança, tornando-se ela própria uma fonte do medo que promete curar ou dispersar – o medo que satura a vida líquido-moderna e é a causa principal da variedade líquido-moderna de infelicidade. A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua *insatisfeito*; mais importante ainda, quando o cliente não está *plenamente satisfeito* [...] (BAUMAN, 2008, p. 63, grifos do autor).

A ampla gama de produtos e serviços ofertada no atual contexto socioeconômico faz com que consideremos o que Featherstone (1990) constatou acerca do simbolismo que esses produtos e serviços carregam no imaginário coletivo, bem como no de cada sujeito. Isto é, além do aspecto material difundido através dos processos de produção e da publicidade, “[...] as associações simbólicas das mercadorias podem ser utilizadas e renegociadas para enfatizar diferenças de estilo de vida, demarcando as relações sociais.” (FEATHERSTONE, 1990, p. 35). Na contemporaneidade, nos deparamos com uma constante troca de mercadorias por outras consideradas mais atuais e, com isto, desperta-se o desejo de querer tê-las a qualquer custo, mesmo que a precedente ainda esteja em plenas condições de uso. Conquanto, não só a essas mercadorias é imposto este aspecto descartável, mas, ademais, aponta uma direção peculiar na constituição do sujeito. Pois, há de se levar em conta os aspectos subjetivos que conferem anuência a essa ordem consumista que prevalece na civilização pós-moderna.

Deste modo, lançamos mão do que Lacan (1969-1970/1992) asseverou em seu *Seminário 17 – o avesso da psicanálise* sobre os quatro discursos que permitem o laço social¹⁹, quais sejam: discurso do mestre, discurso da histérica, discurso do analista e discurso universitário. Cabe-nos, por ora, determos ao *discurso do mestre*, haja vista o percurso teórico

¹⁹Laço social significa, na leitura lacaniana, a possibilidade do sujeito (de linguagem) se vincular socialmente, a partir do acesso a seu gozo e do discurso que lhe sustenta em determinadas época e cultura.

interessante a esta pesquisa que nos levará à dedução lacaniana sobre o *discurso capitalista*. Logo, o discurso do mestre, conforme formalizado por Lacan (1969-1970), estabelece semelhanças com a dialética hegeliana *senhor x escravo*, cuja ordenação aponta para a existência de um agente dominante (S^1) que impõe sobre um agente do saber-fazer (S^2) suas leis e o trabalho a ser realizado de acordo com as suas vontades. A realização do trabalho por (S^2) vai produzir um *resto*, que é a diferença entre o que ele produziu e o que ele recebeu como pagamento que, para Žižek (1996), norteado pela noção marxista de *mais-valia*, é uma parcela de gozo do escravo que sempre permanecerá em usufruto por parte do seu senhor²⁰.

Antes de prosseguirmos esta discussão, julgamos necessária a exposição de um quadro demonstrativo sobre os elementos e posicionamentos que constituem tais discursos. Excluímos deste quadro os discursos da histérica e do analista, vez que estes não se configuram como imprescindíveis na nossa discussão acerca do lugar do funk ostentação na dinâmica psíquica de adolescentes em contato direto e/ou indireto com a criminalidade. Em breves termos, portanto, os quatro elementos que compõem os discursos condizem a: (*a*), ou seja, ao *objeto a* que simboliza a falta do Outro (causa de desejo ou mais-de-gozar); ($\$$), que é o sujeito barrado pelo significante; (S^1), o significante mestre e (S^2) o saber. Já nos quatro posicionamentos, o *agente* representa aquele que promove o discurso e domina o laço social; o *outro* é constituído pelo discurso e é a quem este se dirige; a *verdade* é sustentada pelo discurso e comporta uma interdição entre ela e a *produção* que, por sua vez, é o efeito (resto) do discurso. A rotação dos quatro elementos acontece em cada um dos quatro posicionamentos, sem que estes se alterem.

<p>Os quatro elementos</p> <p>$a \quad \\$ \quad S^1 \quad S^2$</p>	<p>Os quatro posicionamentos</p> <p><u>o agente</u> → <u>o outro</u> a verdade // a produção</p>
<p>Discurso do Mestre</p> <p>$\frac{S^1}{\\$} \rightarrow \frac{S^2}{a}$</p>	<p>Discurso Universitário</p> <p>$\frac{S^2}{S^1} \rightarrow \frac{a}{\\$}$</p>

Quadro elaborado com base em LACAN (1969-1970).

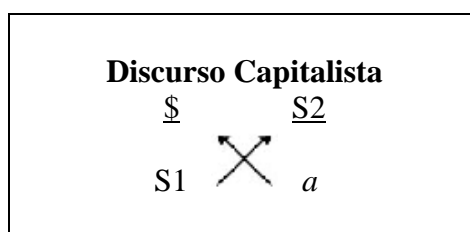
²⁰Em termos lacanianos, seria “o objeto *a*, definido como um resto da operação de surgimento do sujeito na cadeia significante, sendo causa de desejo [...] ou mais-de-gozar, quando é tomado como suplemento de gozo a ser recuperado na repetição da cadeia significante.” (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 586).

Ainda em seu *Seminário 17*, Lacan (1969-1970) já nos apontava uma direção para o que viria a ser suas elucubrações acerca do discurso capitalista, sendo assertivo ao discorrer sobre uma mudança referente a este senhor (S^1). Logo, “[...] o que se opera entre o discurso do senhor antigo e o do senhor moderno, que chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber.” (LACAN, 1969-1970, p. 29-30). Neste momento, Lacan (1969-1970) considerou o *discurso universitário* como sendo o *discurso do mestre moderno*, cujo “[...] sinal da verdade está agora em outro lugar. Ele deve ser produzido pelos que substituem o antigo escravo, isto é, pelos que são eles próprios produtos, como se diz, consumíveis tanto quanto os outros.” (LACAN, 1969-1970, p. 30). Revela-se aí uma menção lacaniana à sociedade de consumo, dando-nos uma abertura para inferirmos que essa mudança no discurso do mestre antigo para o do mestre moderno traduz o que temos discutido aqui sobre a passagem da modernidade para a pós-modernidade. Desse modo, Bispo (2014), inspirado na tese de Walter Benjamin que concebeu o capitalismo como uma nova religião, ponderou que:

Mesmo aceitando como plausível a tese de Benjamin, é possível demarcar uma importante diferença entre a religião tradicional e essa nova religião. Enquanto as religiões monoteístas funcionavam historicamente de acordo com o que Lacan chama de Discurso do Mestre, o capitalismo parece comportar uma substituição em favor do Discurso da Universidade. Traduzindo em termos bastante aproximativos, enquanto a religião tradicional exerce seu poder a partir da evocação do nome de Um que sustentaria o lugar de exceção e destaque entre todos os outros (S^1), o capitalismo suprime esse lugar da exceção, criando uma aparência de igualdade e uniformidade. Enquanto é o Significante mestre que comanda no primeiro, no segundo é o saber (S^2), ou seja, é um sistema de regras e normas abstratas que organiza as situações. Enquanto no primeiro o que está em jogo, em relação a Deus, é a sua vontade, o seu desejo, sempre mais ou menos arbitrário, no segundo, essa vontade é dissociada de uma figura unitária, ganhando aspectos de uma vontade geral e abstrata. Enquanto a igreja sempre consagrava ou santificava (no sentido próprio de operar uma separação, de tornar santo) alguns ícones pessoais como figuras merecedoras de veneração, os santos dessa nova religião são as grandes companhias ou marcas, sempre mais ou menos impessoais [...] (BISPO, 2014b, *online*).

Assim, “[...] os objetos de consumo deixam de ser simples objetos a serem negociados e recebem um investimento de mais-gozar pelo discurso do capitalista [...]” (COUGO; TFOUNI, 2011, p. 1197). Em uma conferência realizada em Milão, em 12 de maio de 1972, Lacan (1972/1953-1978) discorreu propriamente sobre o *discurso capitalista*, indicando-nos uma alteração no posicionamento de (\$) e (S^1), que agora se invertem. Ou seja, no lugar do

sujeito se encontra o agente (\$) – o consumidor, incitado por uma verdade (S^1) – o capital. Além dessa inversão, Lacan (1972) também sugeriu uma disposição específica das setas, implicando na não-relação direta entre o sujeito e o outro. O sujeito, neste caso, está direcionado para o objeto, fazendo valer então a orientação lacaniana de que o discurso capitalista enfraquece os laços sociais. Uma vez que o sujeito se direciona apenas para os objetos (a) – os *gadgets*, a ciência ocupa aqui o lugar de saber (S^2), aquela que produz e é propulsora do consumo desses objetos.



Quadro elaborado com base em Lacan (1972).

Correlacionando o discurso capitalista ao mal-estar tratado por Freud (1930) anteriormente, podemos dizer que o capitalismo, aproveitando-se da busca ilusória do sujeito por uma completude àquilo que lhe falta, une-se ao discurso proferido pela ciência, para seduzi-lo com objetos camuflados como suplementos de gozo, à medida em que é admitido seu súbito e ilimitado deleite. Sobre isto, Teixeira e Couto (2010) argumentaram que a equivalência do discurso capitalista ao discurso universitário, acompanhando o raciocínio lacaniano, pode ser denominado de *capitalismo científico*, sendo que:

Seu desenvolvimento é caracterizado por uma sofisticação do discurso do mestre, graças à sua união com a ciência. É o mandato científico de seguir sabendo, representado pelo S^1 , que comanda o saber no lugar de agente e o torna incessante. O mestre antigo é pervertido por um mestre do saber sustentado pelo encobrimento da verdade, o que caracteriza a sociedade capitalista. No lugar do outro, encontra-se, no discurso do mestre, aquele que sempre trabalha, e no discurso da ciência, o a estudante, como diz Lacan (1969-1970/1992). O lugar que o a estudante ocupa no discurso universitário, ali enquanto discurso da ciência, configura sua equivalência aos objetos de gozo da sociedade capitalista, representados pelo objeto a . (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 587).

Essa associação do capitalismo ao saber científico produz um sujeito interessado apenas em consumir e em gozar dos objetos que são gerados em uma velocidade tamanha à vontade insaciável de esbanjá-los. Em termos do discurso do mestre moderno, do capitalismo, percebemos que não há, desta forma, uma barreira entre o sujeito e o gozo, fazendo valer a lógica do mercado e do imperativo de se ter mais e mais prazer. Por este ponto de vista, o que

está em destaque é o mais-de-gozar como o imperativo consumista tracejado não pelo viés do desejo, mas sim, da falta. Isto deixa do lado do sujeito sempre uma sensação de vazio, que por mais que consuma, a satisfação não encontrará um ponto de basta. A insatisfação não somente persistente, como deve ser produzida constantemente, correspondendo aos valores do capitalismo de consumo, que faz com que o sujeito não se contente com pouco. Assim, resgatamos as conceituações que Freud (1911/1996) fez em seu texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, para tentarmos compreender as mudanças que houveram não só na obra freudiana, mas como essas nos indicam também uma transformação na organização sociocultural, diretamente operante na economia libidinal de cada indivíduo.

Observamos, então, nesta obra freudiana, a afirmação de que os processos mentais inconscientes mais primários dos seres humanos se constituem a partir do encadeamento prazer-desprazer, ou melhor, do *princípio de prazer*. Para Freud (1911), os processos ligados a este princípio “[...] esforçam-se por alcançar prazer; a atividade psíquica afasta-se de qualquer evento que possa despertar desprazer.” (FREUD, 1911, p. 238). Já o *princípio de realidade* funcionaria como um “freio” para a tendência suprema do princípio de prazer, pois, o sujeito apreende que a satisfação dos seus prazeres nem sempre é a melhor saída, visto que alguns deles, em certas circunstâncias, podem estar passíveis de punição. Assim, ao considerarmos a relação indissociável desses dois princípios (prazer – realidade), como algo próprio da constituição do sujeito, poderíamos questionar como eles têm se apresentado neste contexto pós-moderno? É o que apresentaremos como proposta de discussão na seção intitulada *A pulsão e seus imperativos na adolescência*, no capítulo seguinte desta dissertação.

Por ora, valemo-nos da metapsicologia freudiana que considerou, além dos aspectos topográficos e dinâmicos da mente, o caráter econômico do funcionamento do aparelho psíquico, indicando-nos um *princípio de constância* que preservaria em quantidade mais baixa a energia, uma vez que o prazer corresponderia a esta redução da libido em relação aos estímulos advindos do mundo externo (FREUD, 1920/1996). No centro dessa formulação freudiana, encontramos o desenvolvimento das noções de *pulsão de morte* e *compulsão à repetição*, cuja menção fazemos no sentido de pensarmos na relação que estes conceitos têm com o contexto contemporâneo, onde o consumismo se caracteriza enquanto ponto-chave nas relações sociais, bem como nos processos constitutivos de cada sujeito. Tais conceitos

também serão abordados no próximo capítulo sobre os aspectos que marcam a adolescência, como forma de compreendermos o que impulsiona os adolescentes a se envolverem e permanecerem envolvidos em condutas de risco (LE BRETON, 2012; LACADÉE, 2011) como é, por exemplo, o envolvimento com a criminalidade.

Ao concebermos a mudança do paradigma freudiano de que há algo *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1920), que, nos preceitos lacanianos localizamos designado como *gozo*²¹, ponderamos que no cenário atual, mesmo onde há o imperativo do capitalismo para que o sujeito goze sem contenções, ainda há um gozo que permanece aderente ao princípio de prazer. Este gozo, tal como definido por Lacan (1972-1973/1985), é o *gozo fálico* inscrito na linguagem e, por isso, pode ser dito, pois é produzido pelo significante. No entanto, em correlação com a compulsão à repetição trabalhada por Freud (1920), ficamos conhecendo também as postulações lacanianas sobre um outro gozo, ou melhor, o *gozo do Outro*, que não comporta barreiras. Nestes tempos pós-modernos, conferimos a presença notória deste Outro gozo, ao concebermos a prevalência de um excesso, de um “mais-além” ao princípio de prazer. O funk ostentação é neste cenário uma manifestação artística que reproduz em suas letras este empuxo ao gozo sem limites. Mesmo causando certo repúdio em certas classes dominantes em nossa sociedade, este estilo musical adquire relevância principalmente entre os adolescentes, como o ritmo que os seduz por sua convocação ao consumo de maneira indiscriminada.

Sobre isto, Žižek (2008) nos advertiu sobre as reflexões freudianas acerca dos artistas que expressam suas fantasias incômodas para o contexto social por vias socialmente aceitáveis, sublimando-as. Assim, neste momento de permissividades como é na pós-modernidade e como é declarado pelo funk ostentação, o sujeito é colocado frente a frente com seu gozo em seu aspecto mais solipsista, ainda que integrado em uma massa que, tal como a assimilação freudiana, não é senão um *conglomerado de indivíduos solipsistas* (ŽIŽEK, 2008). Destarte, dado que o gozo é preponderante ao sujeito, pode ocasionar-lhe, em vista disso, uma tendência à transgressão, que sobressalta o gozar em detrimento do viver, ou seja, o empuxo ao gozo torna-se mais forte do que a própria vida. Neste sentido, podemos nos valer do que Le Breton (2012) enunciou sobre o posicionamento do sujeito favorável a uma vida de riscos.

²¹De acordo com uma nota estabelecida por Guerra et al. (2010), “o gozo é uma espécie de sofrimento prazeroso. Enquanto o desejo potencializa a relação com a vida, o gozo amarra a relação com a pulsão de morte, sendo-lhe correlata. É o ponto de retorno ao qual o sujeito insistentemente volta, para tentar assimilá-lo simbolicamente, posto que ele é um excedente sem tradução.” (GUERRA et al., 2010, p. 456).

[...] pode se afirmar que as condutas de risco não dizem respeito a uma vontade de morrer, não são formas malsucedidas de suicídio, mas um desvio simbólico para garantir o valor da existência; uma maneira de rejeitar o medo da insignificância pessoal. Longe de estarem fundamentadas na destruição de si, elas devem ser interpretadas como buscas identitárias e apelos à vida. Apesar do sofrimento que causam, elas possuem, apesar de tudo, uma inclinação positiva [...] (LE BRETON, 2012, p. 43).

A música *Faixa de Gaza* de MC Orelha consubstancia esse raciocínio de que, ao eleger o risco enquanto conduta muitas vezes reconhecida e valorizada dentro de uma perspectiva mercadológica, que é o caso da sociedade de consumo, o sujeito, especificamente o adolescente, o faz como esforço de apaziguar o seu sofrimento, ao “[...] interrogar simbolicamente a morte para saber se viver vale a pena.” (LACADÉE, 2011, p. 62).

Na faixa de gaza, só homem bomba
 Na guerra é tudo ou nada
 Várias titânio no pente, colete à prova de bala
 Nós desce pra pista pra fazer o assalto
 Mas tá fechadão no doze
 Se eu tô de rolé 600 bolado
 Perfume importado, pistola no couro
 Mulher, ouro e poder
 Lutando que se conquista
 Nós não precisa de crédito, nós paga tudo à vista
 É Ecko, Lacoste, é peça da Oakley, várias camisas de time
 Quem tá de fora até pensa que é mole viver do crime
 Nós planta humildade, pra colher poder
 A recompensa vem logo após
 Não somos fora da lei, porque a lei quem faz é nós
 Nós é o certo pelo certo
 Não aceita covardia
 Não é qualquer um que chega e ganha moral de cria

O próprio nome da música faz menção a um território conhecido por seus conflitos extremistas que culminam em guerras e outras situações de profunda violência, tal como pode ser admitida, guardadas as devidas proporções, a realidade das comunidades brasileiras marcadas pelo comando do tráfico de drogas. Ao vislumbrar no envolvimento com a criminalidade o acesso ao poder, ao dinheiro e aos objetos de consumo, o sujeito, especificamente o adolescente, se sente então blindado, como quem veste um colete à prova de balas e está preparado para ocupar a linha de frente do crime. Como recompensa desses seus “serviços”, são conquistados assim “mulher, ouro e poder”. A esse respeito, ao considerarmos o contexto pós-moderno, fazemos coro às reflexões lacanianas de que o ideal individual traduzido nas letras do funk ostentação que exaltam e vinculam o consumo à criminalidade, revelam também “[...] uma implicação crescente das paixões fundamentais pelo poder, pela posse e pelo prestígio nos ideais sociais [...]” (LACAN, 1950/1998, p. 147).

Como já observamos, as relações sociais e as formas de subjetivação na pós-modernidade têm sido amplamente direcionadas ao empuxo capitalista. Este, por sua vez, demarca em sua cultura narcísica e individualista a propensão à criminalidade como via de acesso àquilo que se deseja consumir. Isto não significa, em absoluto, que todo indivíduo terá sua trajetória de vida marcada pelo envolvimento com a criminalidade ou que exista um perfil específico que o caracteriza naturalmente como um criminoso, conforme pensado por Cesare Lombroso²². Mas, na verdade, “a cultura de consumo contemporânea parece estar ampliando o leque de contextos e situações em que esse comportamento é considerado adequado e aceitável.” (FEATHERSTONE, 1990, p. 48).

Para além disto, a psicanálise inaugura um novo olhar sobre o sujeito, ao evidenciar a singularidade e a responsabilidade de cada um diante dos seus atos. Mesmo levando em consideração um contexto social como o atual, há de ser levada em conta também, e, principalmente, a relação do sujeito com o seu desejo e com o seu gozo frente às diferentes modalidades de crimes que possam vir (ou não) cometer. Entretanto, o meio social imbuído pelo discurso universalizante da ciência tem negado, cada vez mais, a alteridade, promovendo o apagamento do sujeito em relação ao outro e privilegiando o individualismo.

As transformações sociais se consolidaram através dos tempos utilizando-se de várias bandeiras ideológicas visando adequar as *performances* individuais ao que o grupo social estabelece como valor. Disso decorre uma infinidade de ofertas de visão de mundo e estilos de vida que põe o homem atônito e perdido por não saber o que e como escolher [...] Um novo princípio passa a ser determinante: o valor do homem está no objeto. A relação sujeito-objeto foi pervertida tanto no capitalismo

²²LOMBROSO, Cesare. **O Homem Delinquente**. São Paulo: Ícone, 1885-1909/2013.

como no socialismo que, ao pensar uma distribuição de renda mais justa, o faz de tal forma que não há para o sujeito do desejo, somente para o objeto da realização. (BARBIERI, 2012, p. 18, grifo da autora).

Diante de uma cultura que parece negligenciar a condição humana de seus indivíduos, Costa (2011) ao evocar Hannah Arendt, ponderou sobre a caráter alienante do sujeito que, a partir do caráter biológico ligado ao consumo “[...] se vê irremediavelmente atado ao imediato de ininterruptas tentativas de satisfação, frente a necessidades sempre renovadas em um moto-contínuo que se retroalimenta a partir do errático e aparentemente inesgotável desejo humano.” (COSTA, 2011, p. 71). Quanto a isto, este mesmo autor considerou que:

Estabelece-se e sedimenta-se, assim, uma forma de descarga libidinal no próprio interior do aparelho psíquico, em processo que, embora atenda ao princípio do prazer no que tange ao equilíbrio das tensões, fomenta uma relação sadomasoquista entre o *supereu* e o *eu*. Dessa patológica relação resultava a opressão e o difuso sentimento de culpa experimentados pelo sujeito moderno, sentimentos que, representando o acúmulo de energia libidinal em tensão, motivavam sua descarga interna, num ciclo de repetição gozosa. (COSTA, 2011, p. 77, grifos do autor).

Não podemos afirmar que há uma total exclusão dos preceitos da modernidade, sustentados em suas sólidas escoras e rígidas metas e nos valores praticados nas esferas sociais e individuais. No entanto, as transformações sócio-históricas pelas quais a civilização passou com o advento da pós-modernidade acarretaram também significativas mudanças no funcionamento psíquico dos indivíduos, que passaram a estimar determinados comportamentos tidos como antissociais.

Isso nos leva à compreensão de que os valores outrora praticados no mundo moderno se propagaram de forma difusa, ressaltando a crença ilusória de que é possível alcançar um estado total de satisfação, isento de qualquer vínculo de alteridade. Desse modo, não que a marca primordial da falta seja desvanecida, mas confere-se que a pluralização das referências simbólicas na pós-modernidade “[...] impossibilita sua ratificação ao longo da existência do sujeito contemporâneo, que tende a se julgar capaz de tudo, nada havendo que submeta sua vontade, seja a sociedade, seja o outro.” (COSTA, 2011, p. 79).

Com a ordem atual para que o sujeito goze indeliberadamente e com o declínio dos princípios mínimos de justiça e respeito pela condição humana, a criminalidade se apresenta

enquanto um fenômeno típico dessa sociedade contemporânea que parece denegar a alteridade e o caráter essencialmente humano de desamparo. Concomitantemente, subentende-se que com o desenvolvimento urbano, desenvolveu-se também uma cultura voltada para o individualismo, cujas motivações coletivas estão cada vez mais escassas, fazendo com que os sujeitos regridam a seu estado narcísico originário. A questão do narcisismo na teoria psicanalítica freudiana é uma etapa fundamental para o desenvolvimento psíquico dos seres humanos, que consiste, resumidamente, na concentração da energia libidinal no eu, em um primeiro momento, mas que será deslocada para se ligar aos objetos²³. O sujeito transferirá ao outro o seu desejo em satisfazer-se. No entanto, o narcisismo voltado para o consumo, no contexto social aqui evidenciado, não se encontra ligado ao outro, pelo contrário, a libido redirecionada ao eu faz valer as características marcantes da pós-modernidade, como o hedonismo, um crescente desprezo pela alteridade, o egocentrismo e o imediatismo. Assim, prevalecem as representações e imagens conservadas pelo eu narcísico de que “tudo posso” (COSTA, 1988).

As tentativas atuais do sujeito fazer laços prosperam na direção narcísica do eu, ao tentar minimizar as consequências desprazerosas do seu encontro com o real. O desamparo que nos coloca na condição de ser humano é ampliado frente à enorme oferta de produtos e serviços que promete, através dos veículos publicitários e midiáticos, uma (falsa) ideia de felicidade no momento da sua aquisição. Nesta perspectiva, fica evidente de que *ser* é substituído pelo *ter*, ou melhor, é preciso (*a*) *parecer que tem*, isto é, *ostentar*. Por este ângulo, podemos compreender que “[...] a ostentação é o dar a ver, a todo custo, uma imagem sustentada pelos múltiplos e efêmeros semblantes fálicos ofertados pelo mercado capitalista.” (VIDIGAL, 2015, p. 1).

Essas ponderações também nos conduzem ao que o psicanalista Contardo Calligaris (2015) escreveu sobre essas circunstâncias entre “ter, aparecer e ser”. Logo, “hoje, o que temos nos define, à condição, claro, de ostentá-lo o suficiente para que os outros saibam: constatando nossos “bens”, eles reconheceriam nosso valor social.” (CALLIGARIS, 2015, *online*, grifo do autor). Se assim podemos inferir, a expressão *sociedade do espetáculo* cunhada por Guy Debord (1967) parece-nos então a base para continuarmos essa nossa análise que tem como cadência os ditames do funk ostentação.

²³O conceito freudiano de narcisismo será detalhado no tópico *Posso, logo, ostento: ecos do narcisismo na pós-modernidade*, do capítulo sobre *O Manifesto do Funk Ostentação*.

2.4. O espetáculo no mundo pós-moderno

A lógica da ostentação intensifica na pós-modernidade a propagação de imagens e representações que passam a gerenciar as relações entre os sujeitos sob o domínio do que é espetacular, ou seja, daquilo que é ostensivamente aparente. Os imperativos categóricos da sociedade de consumo – “consuma!” e “ostente!” – fazem prevalecer a supremacia das aparências, pressupondo que neste contexto, *poder ser* equivale-se a *poder ostentar*. O significado de *ostentar* é apreendido nos dicionários da língua portuguesa como a ação de expor alguma coisa a alguém ou de exhibir-se com certa presunção intencional. Isso nos indica, conforme pontuado por Calligaris (2015), que à medida que não se tem nada de relevante para mostrar, o sujeito torna-se invisível socialmente. Logo, o discurso capitalista anunciado na contemporaneidade dá ênfase para que se tenha “[...] um anseio maior de conquistar aqueles bens que aumentariam seu valor aos olhos dos outros.” (CALLIGARIS, 2015, *online*).

Ao pensarmos essa condição pós-moderna da ostentação em termos psicanalíticos, podemos aludir ao ensino lacaniano e suas ponderações acerca do *objeto a*. É pertinente esclarecermos que não pretendemos analisar detalhadamente o percurso teórico-lacaniano sobre este conceito. Contudo, achamos apropriado mencioná-lo neste momento para que possamos absorver algo desse empuxo consumista e ostentativo, de modo a responder psicanaliticamente à questão sobre com qual objeto o sujeito se relaciona? Não é uma pergunta simples, tampouco sua resposta é igualmente simples, mas, sem grandes pretensões e, ao mesmo tempo, sem perder de vista a sua importância para o campo psicanalítico (especialmente na orientação lacaniana), o conceito de objeto *a* nos esclarece certas dimensões do ser humano a este respeito da seguinte forma:

[...] quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele. Tudo que ele faz nesse caminho para se aproximar disso dá sempre mais corpo ao que, no objeto desse desejo, representa a imagem especular. Quanto mais ele segue, mais quer, no objeto de seu desejo, preservar, manter e proteger o lado intacto do vaso primordial que é a imagem especular. Quanto mais envereda por esse caminho, que muitas vezes é impropriamente chamado de via da perfeição da relação de objeto, mais ele é enganado. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 51).

Segundo Lacan (1962-1963) é assim que a angústia surge, quando aparece no lugar que ele chamou de “natural”, *uma coisa qualquer* “[...] que corresponde ao lugar ocupado [...] pelo *a* do objeto do desejo.” (LACAN, 1962-1963, p. 51). Ao pensarmos sobre o discurso homogeneizador do consumo e da ostentação dos famigerados *gadgets* anunciados de modo indeliberado na pós-modernidade como o meio de apaziguar os sofrimentos humanos, a busca por essa quietação pulsional sobressalta ao sujeito como uma verdade a ser consumada (e consumida) incessantemente. Se Freud (1930) já nos havia advertido sobre a inevitabilidade do mal-estar na civilização, na organização social onde o *ter* e o *aparecer* constituem-se como princípios obrigatórios da existência humana, podemos encontrar sujeitos ainda mais angustiados pela impossibilidade de tamponar a falta que lhes assalta desde a sua entrada na cultura. Como tentativa de dar conta desse seu aspecto faltoso originário, o sujeito cria verdades que nem sempre correspondem à realidade de fato por ele vivenciada. Isto não quer dizer que sejam realidades falsas. Pela psicanálise de orientação lacaniana, podemos nos valer de suas considerações sobre o *semblante*, cuja noção advém da interceptação entre o simbólico e o real condizentes à verdade que é própria de cada sujeito.

O semblante vem então para dar conta da relação sexual que não existe, tratando, portanto, de dispor recursos para que os sujeitos possam lidar com o lado insuportável da desproporção entre os sexos, de forma a se produzir um parecer [...] Se o semblante é o que aparece, o que se mostra, o que faz parecer, há nessa visada uma estampa de verdade, a própria verdade do sujeito, a verdade entendida como aletéia, num movimento dialético de velamento-desvelamento, onde a marca do real se apresenta como a impossibilidade de tudo mostrar ou tudo esconder. (CAMARGO, 2009, p. 2).

No momento em que os ideais sociais e individuais estão sendo modelados pelo consumo ostentoso, a prevalência das identificações que representam o sujeito não está distante das interpretações que o funk ostentação faz dos lugares e dos objetos almeçados na contemporaneidade em suas letras. Os laços sociais organizados às voltas desta lógica mercadológica do capitalismo parece dispensar, continuamente, o caráter subjetivo do desejo, anunciando e evocando em uníssono para todos: *consuma!*, *ostente!*, *goze!*. Na adolescência, especificamente, as composições do funk ostentação são então autenticadas como hinos. Ao eleger este gênero musical como trilha sonora de seu devir, o adolescente escuta nas palavras dos MC's uma espécie de voz de comando que parece dar um lugar ao vazio que ecoa dentro de si. A música *Como é bom ser vida loka* de MC Rodolfinho traduz bem esta constatação.

Bolso esquerdo só tem peixe e o direito tá cheio de onça
 Ai meu deus como é bom ser vida loka
 De carrão, de motona, o bagulho te impressiona
 Ela brisa, ela olha, ela pisca, ela chora só pra andar de navona
 Ai meu deus como é bom ser vida loka

[...]

E nós sai de casa pesadão, apavorando de carro zero
 Bate o contato da ix35, acelera o camaro amarelo
 Tamo de grife, de areá vip, envolvido na situação
 Novo mizuno, boné da quik e as ice thug tampando a visão

[...]

Nossa senhora, ave maria, eu vou tocar o puteiro
 Ficar à vontade na limousine, que eu vou fazer chuva de dinheiro
 Jogo a de 5, jogo a de 10, jogo a de 20, jogo as onça
 Ai meu deus como é bom ser vida loka

Ser vida loka corresponde a viver uma vida sem limites e sem regras, a não ser pelas aventuras, privilégios e perigos que, geralmente, são atribuídos ao envolvimento e à ascensão no mundo do crime. A impressão que se passa ao “apavorar de carro zero”, ter os bolsos cheios de “peixe e onça”, referindo às notas de cem e cinquenta reais, usar roupas e acessórios de grife, é a de que o sujeito goza na vida a partir desse semblante que encobre o real da falta, camuflada pelos aparatos clamados pela sociedade de consumo como escoras de felicidade plena. É por meio de sua aparência, daquilo que dar-se a ver, que o sujeito se posiciona diante dos outros como alguém merecedor de prestígio e de reconhecimento pelas posses que aparenta ter. Tendo isto em vista, a referência a Guy Debord (1967) e suas considerações acerca da *sociedade do espetáculo* se faz concernente. Para este pensador francês, toda a vida em sociedade se constitui por meio da acumulação de espetáculos. Se a sociedade *com* espetáculo sempre existiu, ao anunciar a sociedade *do* espetáculo, Debord (1967) nos apontou para o surgimento de um contexto social regido, prioritariamente, por imagens forjadas pelo mercado, que passam, por sua vez, a mediar as relações entre as pessoas. Deste modo:

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo se constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário – o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. (DEBORD, 1967, p. 15, grifos do autor).

O processo pelo qual a sociedade do espetáculo pode ser assim definida condiz ao que Marx (1867/2013) considerou sobre *o caráter fetichista da mercadoria*. A princípio, uma mercadoria parece ser algo trivial e que, ao ser-lhe concedido um valor de uso, torna-se um elemento útil pela sua capacidade de satisfazer as necessidades humanas e pelas suas propriedades enquanto resultado do trabalho humano. Porém, não são esses aspectos subjetivos em si que tornam a mercadoria um produto simbólico, mas sim a forma objetiva que ela toma nas relações econômicas e aos valores reais que os indivíduos atribuem a ela. Nessas circunstâncias, a mercadoria se personifica, e as pessoas se tornam mercadorias, expostas na vitrine da vida como as imagens a serem veneradas pelos seus adornos. Neste sentido, o espetáculo, na compreensão de Debord (1967), não é a simples contemplação daquilo que se pode criar e consumir, mas da maneira como se pode mostrar e de como o sujeito vivifica seus bens de consumo. Neste sentido, o sujeito é subvertido enquanto objeto; objeto fetichizado que pode ser compreendido tanto pela proposta marxista sobre esse aspecto da mercadoria, quanto pela reflexão da psicanálise freudiana como um elemento-chave da perversão.

Sem nos atermos à definição da perversão enquanto estrutura clínica, lançamos mão desse pensamento freudiano apenas para cogitá-la enquanto uma certa organização sociocultural na pós-modernidade. Diferentemente da perversão enquanto tipo clínico, ao pensá-la como uma característica da sociedade pós-moderna, referimo-nos à promoção do gozo através do consumo de objetos parciais que, neste caso, enaltece a fluidez, a descartabilidade, o individualismo e o hedonismo como *modus operandi* da contemporaneidade. Voltaremos a essa discussão mais adiante, no tópico do terceiro capítulo intitulado *O eu, o Outro e o objeto (des) enlaçados pela lógica capitalista*. Ao traçarmos brevemente este paralelo entre a sociedade do espetáculo e o caráter fetichista dos objetos de consumo no contexto pós-moderno, o fazemos consoante ao nosso interesse de pesquisa, pois, a partir da experiência com os adolescentes acompanhados pelo “Programa Fica Vivo!”,

também nos foi manifestada por eles a importância de se apresentar para os outros, ornado com as marcas e produtos mais cobiçados.

Neste sentido, não importa os meios pelos quais se teve acesso a esses bens de consumo e nem a sua legitimidade. Na sociedade do espetáculo, o indivíduo está interessado apenas em ostentá-los e, além disso, nestes tempos pós-modernos, o que prevalece é “[...] a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser [...]” (FEUERBACH apud DEBORD, 1967, p.13). Se assim podemos concordar com Debord (1967), desde o advento da era digital e, particularmente na última década, com a ampliação da conexão com a internet e do uso de suas redes sociais e de *smartphones*, esta relevância ao que se apresenta diante dos outros tomou uma dimensão ainda mais significativa. Aproveitando-se dessa parafernália tecnológica de acesso rápido e instantâneo, o funk ostentação divulga suas produções audiovisuais e transmitem, em alto e bom som, a mensagem de que:

A riqueza que acumulamos não vale “em si”, ela vale para ser vista e reconhecida pelos outros: é a inveja deles que afirma nossa desejada “superioridade” [...] A procura por bens é infinita ou, no mínimo, indefinida, como é indefinida a procura pelo reconhecimento dos outros. Os bens que conquistamos (roubando ou não, tanto faz) não estabelecem nenhum “ser”, apenas alimentam, por um instante, um olhar que gratificaria nossa vaidade. Não existe uma acumulação a partir da qual nós nos sentiríamos ao menos parcialmente acalmados em nossa busca por esse reconhecimento. Ao contrário, é provável que a cobiça e a vaidade cresçam com o “ter”. Ou seja, é bem possível que a tentação do crime seja maior para quem tem mais do que para quem tem menos. (CALLIGARIS, 2015, *online*, grifos do autor).

Com isso, buscaremos argumentar no próximo capítulo, dentre outros aspectos, como estes ditames da pós-modernidade podem influenciar, particularmente na adolescência, o permanente envolvimento com condutas de risco (LE BRETON, 2012; LACADÉE, 2011), exemplificadas, de modo específico, com o envolvimento com a criminalidade violenta.

3. A ADOLESCÊNCIA E SEUS (DES) COMPASSOS

Tal como a definição de um contexto social, o recorte do público ao qual direcionamos nossa investigação se torna de suma importância. Quando identificamos a influência do funk ostentação na maneira como os adolescentes cadenciam seus arranjos pulsionais na pós-modernidade, é necessário, pois, tentarmos compreender o que se passa com esses sujeitos nessa mais delicada das transições que é a *adolescência* (LACADÉE, 2011). Embora o termo adolescência não tenha sido trabalhado enquanto um conceito próprio da psicanálise freudiana, ele parece estar atrelado ao que esta teoria nos apresentou desde a sua fundação sobre a puberdade. Por este viés, conforme nos afirmou Miller (2015), sendo a adolescência um conceito, ela deve ser compreendida sob o princípio “[...] de que tudo é construção, tudo é artifício significativo.” (MILLER, 2015, *online*). Assim, a adolescência pode ser interpretada como uma resposta subjetiva frente às transformações advindas da puberdade e das demandas sociais que exigem do sujeito um posicionamento diferente daquele da infância e que, ao mesmo tempo, lhe conduza à idade adulta. Trata-se de uma transição que coloca para o adolescente o árduo trabalho de (re) elaboração do seu desamparo. Deste modo:

O adolescente é convidado, tanto pelo meio que o cerca quanto pelas suas próprias determinações inconscientes, pulsionais e identificatórias, a tomar uma posição na partilha dos sexos. Este convite é mesmo mais que um convite, é uma exigência. Não vai aqui nenhuma crítica, simplesmente é assim. Pois se na infância ele acreditava — porque tinha de acreditar, da mesma forma como tinha de idealizar os pais por deles depender para sobreviver — que o encontro com o outro sexo tinha a possibilidade de ser harmônico, ele agora se depara com o fato de que há mais desencontros com o outro sexo do que encontros, e que mesmo estes são sempre faltosos, marcados pela incompletude. (ALBERTI, 2010, p. 26).

Interessa-nos, assim, desestigmatizar a noção que reduz a adolescência a um momento “problemático” da vida, ao compreendermos a complexidade e a amplitude subjetivas no que diz respeito às suas vicissitudes. Para isto, ponderamos sobre os aspectos conceituais que circunscrevem esse período peculiar do processo de subjetivação. Logo, cunhados pela orientação psicanalítica, defendemos a nossa escolha pelo conceito de adolescência, diferenciando-o dos de puberdade e juventude, embora consideramos também a importância do uso desses dois últimos a depender dos critérios que se pretendem investigar a este

respeito. O processo de *adolescere* consiste então em uma construção discursiva, cuja dimensão é singular a cada um. Para a psicanálise, o sujeito é um sujeito em seu tempo e do seu tempo, logo, não há como desassociar o psíquico do social, esferas essas que não só o constitui, como também, produz-lhe um sentido único de ser (humano).

Ainda que lancemos mão de uma análise de um fenômeno de massa como a música compassada pelo funk ostentação que ressalta em suas composições o consumo e a criminalidade como predicativos da pós-modernidade, na direção que a investigação em psicanálise nos propõe, ratificamos a ideia de que não se trata de inferirmos conclusões genéricas sobre a influência de tais aspectos, nem sobre os sujeitos que deles são influenciados em seu processo de subjetivação. Entretanto, ao apontarmos nossas reflexões para as perspectivas psicanalíticas acerca da constituição do sujeito, compreendemos que este processo constitutivo está em ligação direta com o campo da linguagem, isto é, a uma cadeia de significantes que é fundamental para as identificações que o sujeito se ancora, especialmente na adolescência.

Com base no que nos diz a psicanálise freudiana particularmente, salientamos neste capítulo um dos conceitos fundamentais à teoria psicanalítica em geral para tentarmos assimilar como o adolescente pode se lançar em condutas, muitas vezes consideradas de risco (LE BRETON, 2012; LACADÉE, 2011), como é o envolvimento com a criminalidade, por exemplo. Essa alternativa surge, comumente para o adolescente, como uma tentativa de dar um contorno ao que não consegue silenciar dentro de si. Destarte, com o conceito de *pulsão* e em específico, com o que Freud (1920) conceituou como *pulsão de morte* e *compulsão à repetição*, buscaremos elucidar sobre os imperativos pulsionais que fazem o adolescente reincidir constantemente em tais condutas.

Sob os ditames consumistas e hedonistas, as músicas do funk ostentação parecem assim ecoar para a adolescência pós-moderna os tipos ideais (WEBER, 1999) a serem seguidos, isto é, aqueles que ostentam poder, dinheiro, carros e motos de luxo, roupas e acessórios de grifes, lugares privilegiados em festas e no mundo do crime. Com a eleição de algumas letras desse estilo musical, objetivamos demonstrar neste capítulo como o funk ostentação pode se tornar na dinâmica psíquica dos adolescentes uma versão traduzida de suas inquietudes pulsionais que, neste caso especificamente, estão atreladas à oferta da criminalidade como uma via possível para ser reconhecido entre seus pares. Em seguida, portanto, faremos nossas considerações acerca de como o *eu*, o *Outro* e o *objeto* têm se (des) enlaçados nesta lógica capitalista do consumismo ostentativo que, apesar de dissipar a

alteridade, coloca para o sujeito a inegável presença do outro para que, então, seja enobrecido através de suas posses.

Dito isto, ao pretendermos dissertar sobre a adolescência e seus (des) compassos, fazemos a alusão ao “compasso” enquanto a unidade que marca o tempo, o pulso e o ritmo de uma canção, tal como o funk ostentação parece ritmar o devir dos adolescentes nas cidades brasileiras. Porém, a introdução do prefixo “des” traz uma dimensão que não segue um ritmo regular. Assim, tanto quanto a pós-modernidade, que para Kumar (1997) não se centra em uma única marcação, a adolescência, pelo viés psicanalítico, não comporta uma única medida, indicando-nos, por sua vez, um tempo pautado por particularidades concernentes ao ritmo que cada sujeito dá a seu processo constitutivo. Com esse intuito, por conseguinte, passamos primeiramente para as nossas breves anotações acerca da diferenciação conceitual referente à adolescência.

3.1. Juventude, Adolescência e Puberdade: concepções de um despertar

Quando pesquisamos sobre o período da vida transcorrido entre a infância e a idade adulta, encontramos uma certa variedade de conceitos para designá-lo. Afinal, o que define os termos juventude, adolescência e puberdade? Quais as implicações conceituais da escolha do uso de cada um deles? Em alguns dicionários da língua portuguesa são encontradas descrições consideradas como sinônimas, mas, ao mesmo tempo, é possível observar outras que causam ambiguidades acerca dessas terminologias. Entretanto, optamos por seguir o prisma teórico da psicanálise para expormos as diferenças e particularidades das concepções que correspondem a este momento peculiar de transições na vida de cada sujeito.

Diante disso, concordamos com Moreira, Rosário e Santos (2011) ao apreendermos o termo *juventude* enquanto uma construção social, política, econômica, cultural e histórica. Com a modernização do mundo, especialmente no período pós-guerra, a juventude se tornou uma categoria que impôs aos indivíduos novos arranjos e posicionamentos perante à sociedade. Após as duas Grandes Guerras, de modo específico, a “população jovem” passou a não compactuar com o modelo racional moderno, ocasionando rupturas com os paradigmas e tradições outrora praticados. Com isso, a juventude passou a ser evidenciada neste contexto,

sendo uma representação dessa época que salienta as vivências no “aqui e agora”, refletindo no desejo juvenil de se manter no momento presente, o que, inclusive, “[...] para autores como Kumar (1997), Harvey (1992) revela que estamos em uma época pós-moderna.” (MOREIRA; ROSÁRIO; SANTOS, 2011, p. 460). Neste sentido, a juventude se articula com os mais variados processos sociais, políticos, históricos, culturais e econômicos que marcam este momento entre a infância e a vida adulta, com tendências, símbolos, atitudes e crenças particulares a uma determinada sociedade e a uma determinada época.

A transição da modernidade para a pós-modernidade firmou o capitalismo enquanto sistema socioeconômico, cujo cenário vem notabilizando essa parcela da população que vive os mais intrínsecos impasses e, além disso, “[...] acabou por produzir o que as pesquisas de marketing definem como uma nova fatia de mercado. A partir daí – viva o jovem! Passou a ser considerado cidadão, porque virou consumidor em potencial.” (KEHL, 2004, p. 45-46). Se levamos em conta os aspectos jurídicos e sociais no Brasil, a juventude é uma categoria que compreende a faixa etária de 15 a 29 anos²⁴. Porém, também consoante ao que nos afirma Kehl (2004), trata-se de um conceito elástico e de difícil precisão, uma vez que, principalmente nos tempos pós-modernos, parece que todos querem se incluir e permanecer dentro dessa “fatia do mercado” que tem protelado, cada vez mais, as suas decisões e responsabilidades ditas da vida adulta. De um certo desterro a um certo estrelato, a juventude se transformou “[...] em uma faixa da população privilegiada pela indústria cultural.” (KEHL, 2004, p. 45). Podemos pensar, então, que a juventude sendo uma categoria social, também corresponde à identificação que cada um faz com os comportamentos tidos, socialmente, como juvenis.

Ao reconhecermos tais circunstâncias, nos aproximamos da noção de *adolescência*, que para a psicologia e, em especial, para a psicanálise, é analisada sob uma perspectiva que parte do que é singular para cada sujeito em seu processo constitutivo. Apesar de termos em nosso país uma lei²⁵ que determina os direitos e certos limites da adolescência, incluindo a faixa etária que vai de 12 a 18 anos, entendemos nesta pesquisa, e por isso optamos pelo uso deste conceito, que a adolescência é um *tempo lógico* do sujeito em que ele passa por complexos processos. De acordo com Ferrão e Poli (2014), tais movimentos correspondem, por exemplo, à perda das referências e do corpo infantis, à elaboração dessa perda e também da falta do Outro, de forma que não há como precisar universalmente a resolução que cada um

²⁴Conforme a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que institui o *Estatuto da Juventude*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>.

²⁵Segundo a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>.

dá a essas transformações, concebendo a adolescência como uma resposta particular do sujeito à chegada da puberdade.

A *puberdade*, por sua vez, aparece enquanto um conceito que comporta uma certa dimensão cronológica, em virtude das mudanças corporais e hormonais que são inevitáveis a todos. Os campos da medicina e da biologia, por exemplo, consideram a puberdade como uma fase do desenvolvimento humano em que o indivíduo começa a assumir características de um corpo adulto, sobretudo, alterações físicas que viabilizam a sua capacidade de reprodução. Assim, reconhecem a puberdade enquanto “[...] um fenômeno biológico associado às mudanças morfológicas e fisiológicas (forma, tamanho e função) resultantes da reativação dos mecanismos neuro-hormonais do eixo hipotalâmico-hipofisário-adrenalgonadal.” (EINSTEIN apud SOUZA, 2015, p. 20). Todavia, essas mudanças físicas e biológicas nos convocam a ponderar sobre o que pode estar além dessa condição púbere, uma vez que acreditamos que cada sujeito tenha uma resposta única à questão “quem sou eu?”. À vista disso, nos valem das ideias do fundador da psicanálise para trabalharmos com a noção de *puberdade*, pontuada em um dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905/1996).

Esta obra é considerada um dos mais importantes basilares da teoria freudiana, ao colocar a sexualidade como ponto-chave da vida psíquica humana. Ao longo da sua prática clínica, Sigmund Freud foi consolidando a compreensão de que há sempre uma causa para cada processo mental, especialmente no que tange à sua investigação sobre o funcionamento das neuroses. Dessa forma, concluiu que grande parte dos desejos e pensamentos eram reprimidos e conflitantes a partir de experiências sexuais localizadas desde os primeiros anos de vida de cada indivíduo. Com isso, Freud (1905) disseminou a ideia de que é na infância que se encontram as principais ocorrências que irão estruturar os posicionamentos individuais ao longo da vida. Ao desenvolver o conceito de *sexualidade infantil*, Freud (1905) pôs em destaque uma noção oposta da que era concebida pela sociedade daquela época, afirmando que a ideia de que a pulsão sexual só seria despertada no período da puberdade não era apenas um mero erro, mas, acima de tudo, “[...] um equívoco de graves conseqüências (sic), pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual.” (FREUD, 1905 p. 163), salientando a importância que o primeiro tempo da vida tem para a constituição humana.

Contudo, antes mesmo de discorrer sobre a sexualidade infantil, Freud (1905) apresentou, em seu primeiro ensaio sobre a teoria da sexualidade, suas considerações científicas acerca dos desvios e aberrações sexuais, alertando-nos para a existência de um *objeto* e de um *alvo* os quais a pulsão sexual se direcionaria²⁶. A partir dessa constatação, é possível observar nesta obra, a descrição que o fundador da psicanálise fez sobre os *desvios com respeito ao objeto sexual*, que são por ele nomeados de *inversão* (absoluta, anfígena ou ocasional) e que embasam, de forma elementar, as explicações acerca da homossexualidade/bissexualidade. Além disso, ele descreveu sobre os indivíduos (invertidos) que escolhem crianças ou animais como seu objeto sexual, considerando-os “aberrações esporádicas”, mas, não incomuns.

Já os *desvios com respeito ao alvo sexual* são considerados aqueles que escapam à “normalidade” da “[...] união dos genitais no ato designado como coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual (uma satisfação análoga à saciação da fome).” (FREUD, 1905, p. 141). As *perversões*, assim admitidas por Freud em 1905, são o fetichismo e os pares *voyeurismo/exibicionismo* e, *sadismo/masochismo*. A partir dessas elaborações freudianas é que buscamos compreender quais os impactos da sexualidade no processo psíquico e, por sua vez, no estabelecimento dos laços que acontece de forma específica para cada indivíduo e que é originado desde a sua infância.

Para chegarmos ao terceiro ensaio da teoria da sexualidade que aqui nos interessa particularmente, sobre *as transformações da puberdade*, faz-se necessário retomarmos ao que Freud (1905) pontuou sobre *a sexualidade infantil*. Nesse segundo ensaio freudiano, há a inferência sobre o indivíduo erotizado que, desde a infância, localiza em determinadas partes do corpo (zonas erógenas), fontes de excitações sexuais, cuja energia sexual (*libido*) encontra no próprio corpo o seu ponto de satisfação. Esta noção conduziu Freud a pronunciar-se, posteriormente²⁷, sobre as fases do desenvolvimento psicosssexual (oral, anal, fálica, latência e genital), associando-as aos processos de subjetivação que terão, até a vida adulta, marcas permanentes das vivências infantis. Neste sentido, o texto freudiano mesmo apresentando as etapas do desenvolvimento psicossocial mencionadas acima, nos faz refletir sobre uma certa subversão à noção cronológica dessas etapas, ao ressaltar o *infantil* como uma construção subjetiva alicerçada na alteridade, isto é, na relação com o outro que é singular a cada um.

²⁶O *objeto sexual* é a pessoa de onde se origina a atração sexual e, o *alvo sexual* é a ação para a qual a pulsão incide. (FREUD, 1905).

²⁷Em 1915, Freud acrescentou ao seu texto original de 1905, a sua formulação acerca das “fases de desenvolvimento da organização sexual”.

A noção freudiana da sexualidade humana defende que esta não é instintiva, pois, o indivíduo irá procurar prazer e satisfação para além das questões fisiológicas primordiais (como por exemplo, a fome, sede e reprodução). Com isso, a história individual é marcada de forma única pela multiplicidade dos aspectos da sexualidade infantil, o que levou Freud (1905) considerar a sexualidade na infância como perverso-polimorfa, que, sob tal ponto de vista, “[...] nos oferece a conclusão de que há sem dúvida algo inato na base das perversões, mas esse algo *é inato em todos os seres humanos*, embora, enquanto disposição, possa variar de intensidade e ser acentuado pelas influências da vida.” (FREUD, 1905, p. 162, grifos do autor).

Contudo, devemos admitir que também a vida sexual infantil, apesar da dominação preponderante das zonas erógenas, exhibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como objetos sexuais. Dessa natureza são as pulsões do prazer de olhar e de exhibir, bem como a de crueldade, que aparecem com certa independência das zonas erógenas e só mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital²⁸, mas que já na infância se fazem notar como aspirações autônomas, inicialmente separadas da atividade sexual erógena. (FREUD, 1905, p. 180-181).

Com esta passagem do texto freudiano, podemos aludir ao que este psicanalista já nos apresentava desde o seu *Projeto para uma Psicologia Científica* (FREUD, 1895/1996) acerca das experiências originais (de dor e de satisfação), responsáveis pela estruturação do funcionamento do aparelho psíquico. Ainda que seja um texto fundamentado a partir da sua formação médico-neurológica, o projeto freudiano buscou definir o aparelho psíquico de modo a ultrapassar as ideias biologizantes evidenciadas pela ciência daquela época, que considerava o indivíduo meramente racional e indivisível (o *cogito* cartesiano). A novidade trazida pela obra freudiana a respeito do funcionamento psíquico dos seres humanos rompeu com essa barreira epistemológica do que viria ser o sujeito para a psicanálise, inaugurando, pois, a concepção de uma das suas mais célebres elaborações, qual seja, o *inconsciente*.

Mas concentremo-nos, pois, no que Freud (1895) expressou sobre a *experiência de satisfação* para seguirmos até a discussão que esta pesquisa propõe em relação à adolescência circunscrita pela criminalidade e seus possíveis laços com o funk ostentação. A experiência

²⁸A nota aqui assinalada corresponde, tal como está na edição do texto original referido, à indicação de que ao invés de “genital” ler-se-ia “sexual”, em 1905 e 1910, respectivamente.

primeira de satisfação consistiria na necessidade de descarga após uma sobrecarga neuronal no aparelho psíquico que, por sua vez, requer uma intervenção do mundo externo, já que os estímulos endógenos por si só não são capazes de suprimi-los. É por meio desta *ação específica* efetuada por uma *ajuda alheia* que o indivíduo se saciaria (a princípio, o organismo humano é incapaz de promover tal ação sozinho). Tal experiência em sua totalidade traz “[...] as conseqüências (sic) mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo.” (FREUD, 1895, p. 370). Isto porque, a exemplo da vivência original da amamentação de um recém-nascido, como observado por Freud em 1905, a necessidade apenas de ser alimentado e saciar sua fome é acrescida pelo *desejo* que está além da função instintiva. Com a noção de *apoio* nas funções de conservação da vida, Freud (1905) nos disse das manifestações sexuais infantis como “o chuchar (*Ludeln* ou *Lutschen*) que já aparece no lactente e pode continuar até a maturidade ou persistir por toda a vida [e que], consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição.” (FREUD, 1905 p. 169, grifos do autor). A partir disso, a satisfação pulsional é voltada para o próprio corpo, ou seja, é *autoerótica*.

[...] o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado [...] A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer [...] A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se (sic) primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas [...] A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de alimento [...] A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo [...] e porque desse modo ela se proporciona como que uma segunda zona erógena, se bem que de nível inferior. A inferioridade dessa segunda região a levará, mais tarde, a buscar em outra pessoa a parte correspondente [...] (FREUD, 1905, p. 171).

Mesmo a sexualidade infantil sendo essencialmente caracterizada pelo *autoerotismo* já é possível verificar com ela uma escolha objetal, apesar de que, muito provavelmente, passará por renovações com o advento da puberdade. Isto posto, chegamos ao ensaio freudiano da teoria da sexualidade que nos é caro nesta pesquisa. Ao discorrer sobre *as transformações da puberdade*, Freud (1905) nos advertiu para as mudanças que irão ocorrer neste período de transição, cuja configuração autoerótica da pulsão sexual encontra agora o objeto sexual direcionado ao outro e não somente ao eu. Com isso, surge também um novo alvo sexual subordinado à *primazia das zonas genitais*, que irá estabelecer funções muito diferentes para homens e mulheres. Por mais que o texto original publicado em 1905 tenha sofrido alterações em suas edições, o que não se altera, em suma, é a reflexão que a psicanálise freudiana nos

trouxe de que a puberdade não é só uma fase da vida, conforme supõe uma perspectiva desenvolvimentista e cronológica, mas é, sobretudo, um momento único para cada sujeito com relação a sua escolha objetal.

Neste sentido, Freud (1905) já pressupunha que o desenvolvimento psíquico na puberdade permitiria “[...] o encontro do objeto para qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância.” (FREUD, 1905 p. 210). Os traços originados pela relação primordial entre mãe e filho sugerem que a pulsão sexual teria um objeto exterior ao próprio corpo que, mais tarde, a criança o perderia justamente quando conseguisse “[...] formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação.” (FREUD, 1905, p. 210). Tal órgão se trata do seio materno. A pulsão sexual torna-se então, autoerótica e só após sobrepujado o período de latência, a relação originária é reestabelecida. Em 1915, Freud acrescentou uma nota a este trecho, indicando-nos que haveriam dois caminhos para o encontro do objeto: 1) por *apoio* em modelos infantis e; 2) o *narcísico*, em que a busca do eu do próprio sujeito encontra em outrem, o correspondente ao objeto perdido na infância. Sobre esse segundo caminho, trataremos mais detalhadamente quando discutirmos sobre o conceito de narcisismo no capítulo seguinte.

Por ora, vale apontarmos uma articulação entre esse ensinamento freudiano e a nossa proposta de pesquisa. Nesta direção, podemos inferir que a observância de uma constante prática de atos infracionais por parte de adolescentes na pós-modernidade parece materializar, em parte, a irrupção de um movimento que surge com a adolescência, como uma convocação para (re)afirmar a existência do eu diante do outro. Assim, o adolescente pode se lançar em condutas de risco que, apesar do sofrimento que lhe causa, “[...] devem ser interpretadas como buscas identitárias e apelos à vida.” (LE BRETON, 2012, p. 43). É interessante fazermos uma ressalva que não pretendemos com isso, determinar que todo adolescente vá encontrar no ato infracional uma descarga para suas irrupções pulsionais, tampouco, que todo ato infracional se resulte pelo fato do sujeito estar transcorrendo pela adolescência. Tal inferência corresponde tão somente à leitura dos casos que fazemos nesta dissertação que é, sobretudo, orientada pela perspectiva da psicanálise do *caso-a-caso*.

Como forma de acentuar a própria existência, esse envolvimento de alguns adolescentes com certas atitudes que evidenciam o caráter efetivo e irredutível do próprio eu,

na pós-modernidade, o interesse em satisfazer-se narcisicamente colocando o gozo à frente de qualquer moderação, nos parece pertinente grifar uma estreita afinidade ao conceito freudiano de *pulsão de morte*. Quanto a isso, Žižek (2003) nos mostrou uma leitura que podemos aqui citá-la de maneira que a compreendemos em relação a essa particular vinculação entre a adolescência e o risco, ou melhor, entre a busca por essa imagem inabalável do eu do adolescente ao se envolver com certas condutas de risco, que na sociedade do espetáculo como discutido anteriormente, o que vale é ostentar essa aparência intrépida. Logo, “se a paixão pelo Real termina no puro semblante do espetacular *efeito do Real*, então, em exata inversão, a paixão pós-moderna pelo semblante termina numa volta violenta à paixão pelo Real.” (ŽIŽEK, 2003, p. 26).

Destarte, compreendemos que o envolvimento de adolescentes com determinadas condutas de risco não deve ser reduzido “[...] a um jogo simbólico com a eventualidade de morrer ou ser, de algum modo, violentamente ferido [...]” (LE BRETON, 2012, p. 34). Ainda que isso possa acontecer, o que está em jogo, particularmente na sociedade de consumo, é gozar sem limites e ostentar esse gozo ilimitado que, mesmo atravessado por essa via mortífera, ao mesmo tempo, está interligado com o desejo imbuído de (sobre) viver. O funk *Bonde dos Menor 2* de MC Daleste (um dos principais nomes do funk ostentação no Brasil²⁹), parece traduzir, em certa medida, essa dualidade imanente entre vida e morte, em particular relação com a adolescência.

Criado no crime ZL SP, nós somos o poder
 Se tenta, tu sai furado, esse é o Bonde dos Menor
 É nós que soma aqui
 De quebrada em quebrada seguindo a voz e o verme virou pó
 Demorô, fechô, tá ligado que é nós Bonde dos Menor
 Iniciativa, força de vontade pra matar ou pra morrer
 Criado no crime ZL SP nós somos o poder
 Já falei dos menor que partiu pra guerra
 Vitória é digna de quem merece
 Tropecei, caí, levantei, prossegui, tô fortalecendo quem me fortalece

²⁹A influência de MC Daleste é notória para a consolidação do funk ostentação no Brasil. Mas, paradoxalmente, isso aconteceu somente após a sua morte em julho de 2013, quando, durante um show, foi atingido por dois tiros de arma de fogo, que segundo as investigações sobre o caso, revelaram que a motivação para tal crime tenha sido pelo envolvimento do MC com a esposa de um traficante de drogas no estado de São Paulo. Este fato foi amplamente noticiado na mídia nacional e até mesmo na internacional.

Portando AK, revolta na mente dentro do coração
 Criando esperanças pra não desistir
 Vou até o final com meus irmãos
 Corro sempre pelo certo, contra maré jamais vou remar
 Se tentar falar mais alto é só bala de AK
 Tá ligado é nós que tá de ponta-a-ponta nessa contenção
 De AK, pistola Glock, G3 de falcão
 A guerra foi lançada e os vermes virou pó
 Vai, levanta a mão esse é o Bonde dos Menor
 A justiça será feita hoje, amanhã ou depois
 Tô bolado, falando realidade, essa é a parte 2
 Há três anos atrás os verme invadiu dando tiro pro céu
 De AK trovão quem bateu de frente foi o Léo
 O menor não recuou, gritando bem alto não vou desistir
 Com meus aliados vou até o fim
 Preparado pra guerrilha pronto pro que der e vier
 Não fujo da luta, não temo a guerra, o crime é pra quem é

Podemos notar com essa afamada letra do funk ostentação uma referência ao ímpeto adolescente de se fortalecer com seus pares, estando “pronto pro que der e vier”. Em nome da honra e pela irmandade estabelecida pelo envolvimento com os parceiros na vida do crime, o “menor” tem que ter “força de vontade pra matar ou pra morrer”. Mesmo com os tropeços que possam vir, o “menor” se sente amparado e fortalecido pelo que a vida no crime lhe proporciona, isto é, armamentos e aliados que “fecham” com ele “até o fim”. Um fim recorrente para os adolescentes que “não fogem da luta”, é de fato a morte, tal como aconteceu com o “Léo” que “bateu de frente e não recuou” diante de um conflito com a polícia (“os verme”). Essa energia agressiva que faz o sujeito “não temer a guerra”, logo, a própria morte, tem consonâncias com o conceito freudiano de pulsão de morte e que, em termos lacanianos:

É o gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita a repetição. Na medida em que há busca do gozo como repetição que se produz o que está em jogo no franqueamento freudiano – o que nos interessa como repetição, e se inscreve em uma dialética do gozo, é propriamente aquilo que se dirige contra a vida. É no nível da repetição que Freud se vê de algum modo obrigado, pela própria estrutura do discurso, a articular o instinto de morte. (LACAN, 1969-1970, p. 43).

Antes de darmos sequência a este pensamento, que será abordado no tópico seguinte, o que compreendemos até aqui é a importância que devemos dar às conceituações que se apresentam em relação a esse momento de transição entre a infância e a vida adulta que irrompe no sujeito tentativas ainda mais vigorosas de dar conta de seu desamparo. Portanto, ao nos referirmos ao conceito de juventude, estamos tratando das relações e estruturas sociais e institucionais que o indivíduo está inserido. Todavia, ainda que os jovens sejam reconhecidos através dessa noção de coletividade, é imprescindível que, além do reconhecimento da sua realidade social, o jovem deve ter também reconhecida a sua condição de sujeito (LEON apud SOUZA, 2015).

Nesta direção, buscamos com o ponto de vista da psicanálise freudiana, o entendimento para o que chamamos de puberdade, ao considerá-la enquanto o período de mudanças corporais que, para além dessas implicações biofisiológicas, coloca para o sujeito questões que demandam uma certa elaboração psíquica diante da sua sexualidade. Com isso, exige-se abandonar tanto a imagem do seu corpo infantil, quanto o par parental enquanto objeto de amor. Isto posto, ao escolhermos nesta pesquisa pelo conceito de adolescência sob o referencial teórico psicanalítico, concebemos o adolescente enquanto o sujeito que, singularmente, precisa responder ao real do sexo revelado pela nova configuração do seu corpo púbere. É na adolescência que o sujeito deverá fazer uma nova escolha objetal, distanciada das referências de seus pais, posicionando-se subjetivamente diante do Outro³⁰. É a partir dessa noção que pretendemos dar continuidade à nossa discussão acerca dos imperativos pulsionais, especificamente para a adolescência na pós-modernidade.

3.2. A pulsão e seus imperativos na adolescência

A partir da apresentação de algumas letras relevantes no cenário do funk ostentação, temos buscado apreender com isso algo dos aspectos da pós-modernidade que se apresentam e

³⁰O Outro, como já notificado, é um dos conceitos primordiais da teoria lacaniana, sendo importante também considerá-lo neste aspecto, como aquele que faz emergir o significante unário que marca o lugar de onde o sujeito e seu desejo se constituem, “[...] pelo fato de que o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro.” (LACAN, 1964/2008, p. 201).

representam para os adolescentes como formas de laço. Ao fazermos essa leitura sob o viés psicanalítico, acreditamos então que seja possível construir “[...] saberes sobre os arranjos pulsionais, as formas de laços e as inscrições no campo dos afetos que esses MC’s lançam ao mundo em alto e bom som.” (GOD, 2016, p. 11). Neste sentido, iniciamos esta discussão com o desafio de explorar um dos mais originais conceitos trabalhados pela psicanálise freudiana, qual seja, o conceito de *pulsão*, buscando compreender como os imperativos que marcam a pós-modernidade impactam de maneira peculiar o circuito pulsional na adolescência.

As divergências terminológicas e a complexidade com que tal conceito é problematizado são, ademais, um divisor de águas na teoria freudiana, uma vez que um conceito inédito como este não surge com delineamentos e sentidos rígidos, pelo contrário; exige do seu criador uma certa flexibilidade de avançar e recuar conforme o desenrolar de suas ideias. Em uma nota acrescida em 1924 na parte sobre as *Pulsões Parciais e Zonas Erógenas* do primeiro ensaio sobre a teoria da sexualidade, o fundador da psicanálise nos disse, inclusive, que “a doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica.” (FREUD, 1905, p. 159).

Nesse turbilhão conceitual que nos indica justamente o movimento pendular que o circuito pulsional irá engendrar na constituição do sujeito, podemos começar com a menção que Freud fez ao termo alemão *Trieb* (pulsão) já em seus textos nos anos 1890. No *Rascunho E de Como se origina a angústia*, Freud (1894/1996) já cogitava uma ligação próxima da angústia de seus pacientes neuróticos com a sexualidade, cujo vínculo combinava a presença da angústia e a concentração da tensão sexual física, devido a sua contenção. Para o autor, o enfoque estaria na excitação endógena, como a fome, a sede e a pulsão sexual, sendo esta última a mais relevante para a investigação acerca da sua clínica. Neste momento concebia-se especificamente a ideia de que, a pulsão sexual quando ultrapassa o seu limite significa algo psiquicamente, isto é, estimula a libido, o que promove uma ação psíquica em busca de solucionar tal tensão. Porém, é somente no *Projeto para uma Psicologia Científica* que o termo *Trieb* apareceu, fundamentado na formulação freudiana de que haveria uma quantidade

de estímulos oriundos do interior do corpo que serviriam como “[...] a *mola pulsional*³¹ do mecanismo psíquico.” (FREUD 1895, p. 368, grifo do autor). Ainda que nesta época, a pulsão não fosse tratada enquanto um conceito próprio, vale a ressalva feita por Garcia-Roza (2004) de que o termo *Trieb* em nenhuma ocasião da obra freudiana é confundido ou considerado como sinônimo de *Instinkt* (instinto). Mesmo com algumas imprecisões na tradução³², o termo instinto aparece na obra freudiana ou de forma genérica ou para denominar o instinto animal.

É sabido que as ideias postuladas no projeto freudiano de 1895 vão ao encontro de uma concepção mais biológica do aparelho psíquico (até então predominantemente neuronal). Assim, o *princípio de inércia* apareceu nesta ocasião para designar o movimento pretendido pelos neurônios de se aliviarem dos estímulos neles contidos, isto é, descarregar os estímulos provenientes da quantidade de energia recebida externamente. Para Freud (1895), há uma maneira de *fugir desses estímulos externos* que é se manter distante das fontes de excitação. Entretanto, por mais que os estímulos exógenos possam ser evitados, os endógenos não. Logo, o aparelho psíquico irá trabalhar de forma a deixar a energia na menor quantidade possível ou mantê-la numa constante interminável (*princípio de constância / princípio de Nirvana*).

Na sequência desse pensamento freudiano vamos encontrar, dez anos depois, uma primeira consideração ao conceito de pulsão; mais pontualmente a pulsão sexual, aceitando-a inicialmente, como “[...] o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora.” (FREUD, 1905, grifo do autor). A pulsão se localiza, então, na compreensão freudiana, em um limítrofe entre o anímico e o somático, enfatizando sua função apenas enquanto uma exigência de trabalho empreendida à mente. Pode-se observar a partir disso, um constructo menos biológico, dando margem à argumentação freudiana a respeito do aparelho psíquico. Ao estabelecer um vínculo restrito entre pulsão e sexualidade, sobretudo, a sexualidade infantil, o propósito de autopreservação, como já mencionado, encontra na noção de *apoio* a sugestão do que viria a ser o primeiro dualismo pulsional da teoria freudiana.

Nesta primeira etapa do seu constructo teórico sobre as pulsões, apesar de certa dificuldade em nomear a pulsão não-sexual, Freud (1910a/1996) distinguiu a pulsão em

³¹Nota nossa: a expressão que aparece na edição referida é “mola mestra”, contudo, optamos por trocá-la por “mola pulsional” para mantermos em consonância ao termo utilizado por Freud em alemão (*Triebfeder*) e à nossa proposta de discussão.

³²Inclusive, a tradução do termo alemão *Trieb* para o de *instinct* em inglês foi realizada por James Strachey e mantida como *instinto* na *Edição Standard Brasileira* aqui referida. Todavia, nesta pesquisa apreendemos, como devido, a terminologia original (pulsão), cuja utilização passou a ser evidenciada nas traduções francesas das obras freudianas.

pulsão sexual e *pulsão do eu* (ou de autoconservação), indicando-nos a libido como energia exclusiva das pulsões sexuais. Neste texto é possível notar também uma alusão à questão da renúncia pulsional que o indivíduo terá de fazer diante da sua inserção na cultura que, posteriormente, seria detalhada por Freud (1930). Não obstante, foi com a virada teórica trazida pela introdução ao conceito freudiano de narcisismo em 1914, como veremos ainda no próximo capítulo, que o primeiro dualismo pulsional foi colocado em risco. Mas Freud (1920) salvaria o caráter dualista da pulsão em sua segunda tópica, que aqui nos interessa em particular, principalmente pelo surgimento do conceito de pulsão de morte. Mas antes disso, cabe-nos mencionar as considerações freudianas acerca das características da pulsão. Em seu ensaio sobre as vicissitudes pulsionais, Freud (1915a/1996) fez importantes advertências quanto à delimitação do conceito de pulsão, cabendo-nos destacar que se trata de um conceito psicanalítico que subverte a noção de instinto ao ligar mente e corpo e cujos elementos se desdobram em quatro: pressão (*Drang*), finalidade (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*).

A *pressão* é a força-motora da exigência de trabalho que ela desempenha; é, em suma, a própria essência da pulsão que está sempre em atividade. A *finalidade* da pulsão é sempre a satisfação, ao buscar reduzir a tensão provocada pelo acúmulo de estímulos, mas que sempre será parcial. O *objeto* é o ponto mais variável da pulsão, já que se trata da coisa à qual ou através da qual a pulsão se satisfaz, mesmo parcialmente e “[...] não é necessariamente algo estranho: poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo.” (FREUD, 1915a, p. 128). Além disso, ele pode ser modificado quantas vezes for necessário ao longo da trajetória de vida de cada sujeito, sendo que esse deslocamento “[...] desempenha papéis altamente importantes.” (FREUD, 1915a, p. 128). Já a *fonte* da pulsão é um órgão ou outra parte do corpo de onde provém a excitação. Há de se considerar também os destinos pulsionais, que, para Freud (1915a), se modificam ao longo da vida de cada indivíduo. Neste texto, em que o psicanalista se referiu restritamente às pulsões sexuais, por elas serem mais fáceis de observar e interessantes à sua investigação, ele destacou como sendo os destinos do

representante ideativo da pulsão: a reversão a seu oposto; o retorno em direção ao próprio eu (*self*) do indivíduo; a repressão (recalque) e a sublimação³³.

Especificamente neste texto, Freud (1915a) se concentrou apenas em duas vicissitudes. A *reversão a seu oposto*, que se desdobra em dois processos que devem ser considerados separadamente, isto é, “[...] uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão de seu conteúdo.” (FREUD, 1915a, p. 132). A primeira forma de reversão afeta somente a finalidade da pulsão e é apresentada por Freud (1915a) sob os dois pares de opostos *masoquismo-sadismo* e *escopofilia-exibicionismo*. Assim, “a finalidade ativa (torturar, olhar) é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). A reversão do *conteúdo* encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio.” (FREUD, 1915a, p. 132, grifo do autor). Já o *retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo*:

[...] se torna plausível pela reflexão de que o masoquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo. A observação analítica, realmente, não nos deixa duvidar de que o masoquista partilha da fruição do assalto a que é submetido e de que o exibicionista partilha da fruição de [a visão de] sua exibição. A essência do processo é, assim, a mudança do *objeto*, ao que a finalidade permanece inalterada. Não podemos deixar de observar, contudo, que, nesses exemplos, o retorno em direção ao eu do indivíduo e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem. (FREUD, 1915a, p. 132, grifos do autor).

Os sujeitos, em específico os adolescentes, encontram na sociedade pós-moderna uma multiplicidade de *gadgets* que, sob o discurso dominante do capitalismo, só são vistos (e assim reconhecidos pelos outros) a partir do consumo e ostentação desses objetos. Além disso, de acordo com Birman (2001), a subjetividade contemporânea tem a sua marca registrada no campo do imaginário em detrimento do simbólico, encontrando nas manifestações como os distúrbios psicossomáticos, toxicomanias e aqui podemos incluir a criminalidade violenta, o estatuto de sintomas no tecido social que exige do sujeito um posicionamento parecido com a “completude” experienciada em seu narcisismo. Esta interpretação trazida por Birman (2001) nos leva pensar a cultura atual sob o prisma da violência (no caso, da criminalidade violenta) enquanto uma conduta ética compartilhada entre os indivíduos que, de certa forma, anula o campo da alteridade em virtude da utilização de si mesmo e do outro apenas como objetos de consumo e de satisfação do gozo. Trata-se de uma *cultura do narcisismo* que reflete as mudanças específicas pelas quais o contexto social

³³Considerando a nossa proposta de pesquisa, destacaremos no capítulo sobre *O Manifesto do Funk Ostentação*, as vicissitudes pulsionais correspondentes à sublimação e ao retorno ao próprio eu (esta última sob uma leitura específica do conceito freudiano de narcisismo).

pós-moderno têm passado, ou seja, mudanças “[...] da burocracia, da proliferação de imagens, de ideologias do consumismo e, em última análise, das mudanças na vida familiar, assim como de padrões variáveis de socialização.” (LASCH, 1983, p. 57). Mesmo sendo um conceito originalmente freudiano acerca dos processos de subjetivação, a noção de narcisismo como característica da civilização parece justamente fazer coro à proposta psicanalítica, pois, “[...] ao fazer uma análise intensiva de casos individuais, que estão presentes mais na evidência clínica do que em impressões do senso comum, a psicanálise nos diz algo sobre as operações internas da própria sociedade [...]” (LASCH, 1983, p. 58).

Por conseguinte, ao defendermos a hipótese de que, ao ter traduzida nas músicas de funk ostentação a predileção pelo consumo e pela criminalidade violenta como forma de reconhecimento social, o adolescente vivencia nesse período de transições que é a adolescência, particularmente no contexto pós-moderno, algo de uma reversão pulsional. Ao provocar dor e/ou torturar o outro nas práticas infracionais de roubo, furto e sequestro, por exemplo, volta para si alguma coisa que também o angustia e, ao se exhibir para os outros, portando armas, joias, drogas, carros e outros *gadgets*, exhibe-se também para si mesmo, na tentativa de nomear-se *sujeito*. Ao buscar dar sentido à sua própria vida e ressignificar o enfretamento das dificuldades que surgem, sobretudo na adolescência, cada um então inventa-se “[...] um modo de “se autorreferenciar”. Entre essas invenções, encontra-se o arriscar-se sob dois aspectos: o da aventura [...] e o das condutas de risco [...]” (LACADÉE, 2011, p. 62, grifo do autor).

O envolvimento com tais condutas não deve ser encarado como um fato isolado, principalmente se tratando de casos de adolescentes envolvidos com o cometimento de atos infracionais, pois, o que se observa, muitas vezes, é uma constante reincidência. Por este ângulo, podemos recuperar alguns pontos fundamentais da psicanálise freudiana para seguirmos este pensamento. Decorrida então a escrita de seus artigos metapsicológicos, ainda inspirados pelo primeiro dualismo pulsional, Freud (1920) inaugurou a segunda tópica da sua obra com uma mudança radical acerca da sua teoria das pulsões, que viria afetar a compreensão da teoria psicanalítica de modo geral. Dessa maneira:

A nova tópica reorganiza toda a dinâmica e todo o ponto de vista econômico [...] Sobre o plano dinâmico, o dualismo pulsional caracterizado pela oposição entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação será redefinido por meio da noção de narcisismo e culminará em um novo dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte. Sobre o plano econômico, Freud será levado a formular a noção do além do princípio do prazer por intermédio da compulsão à repetição. E sobre o plano tópico, surge uma nova representação do aparelho psíquico: o isso, o eu e o supereu. (MARCOS, 2016, p. 16).

Ao se questionar sobre a premissa do encadeamento prazer-desprazer, Freud (1920) considerou uma complexidade neste que diz respeito à compreensão de que o princípio de prazer deve ser visto como uma predisposição e não como uma predominância do funcionamento do aparelho psíquico. Se fosse dominante, os eventos mentais fluiriam ordinariamente em direção ao prazer, todavia, como exemplificado na obra freudiana, não é bem assim que os fatos escutados em sua clínica pareciam sinalizar. Através das situações expostas em seu texto, Freud (1920) tratou do aspecto da *repetição*, levando em conta suas observações sobre os sonhos repetidos na neurose traumática, sobre a brincadeira infantil de “ir embora” e sobre a transferência. Nesta direção, abriu-se margem para afirmar que “resta inexplicado o bastante para justificar a hipótese de uma compulsão à repetição, algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais instintual do que o princípio de prazer que ela domina.” (FREUD, 1920, p. 34).

A partir do reconhecimento de que uma *compulsão à repetição* de fato ocorre no psiquismo, que faz o sujeito rememorar no instante atual, experiências passadas percebidas como desprazerosas, Freud (1920), a fim de aprofundar em suas circunstâncias e em sua relação ao princípio de prazer até este momento colocado em evidência no curso dos processos excitatórios da vida mental, especulou uma ideia muito despreziosamente, mas que com ela “[...] o campo psicanalítico, até então todo ocupado pela ordem, dá lugar ao caos, ao acaso, transformando por conseqüências (sic) a própria prática psicanalítica.” (GARCIA-ROZA, 2004, p. 157). Trata-se do estabelecimento do novo dualismo pulsional entre *pulsão de vida* e *pulsão de morte*, que ainda de maneira mais específica, relacionaria a compulsão à repetição com esta última (FREUD, 1920). Tal especulação inicia-se com o entendimento da consciência como uma função especial dos processos mentais e não o aspecto mais importante destes. O que se produz na consciência é resultado das percepções de excitação advindas do mundo externo e de sentimentos prazerosos e desprazerosos que só podem despontar do interior do aparelho psíquico. O sistema *Pcpt.-Cs.*³⁴ localizado entre os limites do que é

³⁴O sistema perceptivo-consciente corresponde ao trajeto de um conjunto de ações psíquicas que farão (ou não) com que um elemento percebido se torne uma representação na consciência (FREUD, 1895).

externo e interno desempenha a função de um escudo de *proteção* das excitações externas capazes de romper esta fronteira, cujo caráter traumático pode suspender, temporariamente, o princípio de prazer. Apesar disso, o complexo perceptivo-consciente não recebe somente estímulos externos; estes são minimizados em contato com o aparelho psíquico em virtude da sua dimensão protetora, porém, o mesmo não acontece com as estimulações de procedência do mundo interno. Assim:

A situação do sistema, entre o exterior e o interior, e a diferença entre as condições que regem a recepção de excitações nos dois casos, têm um efeito decisivo sobre o funcionamento do sistema e de todo o aparelho mental. No sentido do exterior, acha-se resguardado contra os estímulos, e as quantidades de excitação que sobre ele incidem possuem apenas efeito reduzido. No sentido do interior, não pode haver esse escudo; as excitações das camadas mais profundas estendem-se para o sistema diretamente e em quantidade não reduzida, até onde algumas de suas características dão origem a sentimentos da série prazer-desprazer. (FREUD, 1920, p. 39).

Consequentemente, Freud (1920) ponderou sobre o aparelho psíquico sem o papel protetor que o resguardasse das excitações internas que, muitas vezes, ocasionam mudanças no funcionamento psíquico correspondentes às propiciadas por eventos traumáticos que deveriam ser esquecidos, mas, ao contrário, se repetem produzindo um desprazer. Há, portanto, segundo Freud (1920), uma tendência inerente do organismo de retornar a um estado primeiro, inorgânico, que ao ser provocado externamente por esta busca constante pela satisfação da experiência original, coloca para o indivíduo esse impulso de sempre querer retornar a este mesmo estado. Desse modo, é pontuado que “se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive morrer por razões *internas*, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que ‘*o objetivo de toda vida é a morte*’ [...]” (FREUD, 1920, p. 49, grifos do autor).

Na perspectiva do segundo dualismo pulsional da teoria freudiana então, a pulsão de vida é relativa à junção das outrora pulsões sexual e de autoconservação, e corresponde à tendência construtiva e substanciada de unidades cada vez mais multifacetadas e evoluídas (*Eros*). Já a pulsão de morte se delinea por uma inclinação ao retorno do estado inorgânico (*Thanatos*), impelindo o organismo de arranjar meios de descarregar e eliminar de imediato a tensão nele existente. Em sua essência, a pulsão apresenta um caráter conservador que, pela

tensão gerada através da origem da vida, provoca no organismo um impulso que tenta voltar ao estado inanimado anterior (por isso, Freud (1920) nos asseverou sobre a compulsão à repetição). Por este ponto de vista, a constância de adolescentes envolvidos com a criminalidade violenta também pode ser compreendida e, além deste viés freudiano, ressaltamos o conceito postulado por Lacan (1970/2003) que ao conferiu ao campo do *gozo* esse pendor para o que os levam a obstinar este estado mortífero, mas que nem sempre é a busca pela morte de fato, pelo contrário, é uma forma de revelar a si mesmo e aos outros o que ainda lhes resta de vida.

Dessa maneira, os apelos do funk ostentação, ao darem ênfase no vínculo entre o envolvimento com a criminalidade e o poder consumista e ostentativo que o sujeito pode ter, parecem nos apontar para uma relação que o sujeito faz com seu gozo que, apesar de malogrado, estabelece uma relação clara com o princípio de prazer, tal como destacado por Freud (1911) e, por isso, restando-lhe um sobressalto de vida quando a morte lhe desponta. Diferentemente de pensarmos os modos de gozo de um usuário de drogas como, por exemplo, o crack, que remetem o sujeito a um gozo mais puramente desprazeroso e destrutivo, quando o adolescente vislumbra na figura do MC que enriqueceu com sua música ou na do traficante que “fez nome e dinheiro” no mundo crime, o que está por traz disso não seria um semblante da ostentação como lastro que o permitiria (re) ligar-se ao desejo que o torna sujeito de fato, mesmo que por uma conduta muitas vezes arriscada? Tal possibilidade de laço, entretanto, não deixa de ser traumática para o adolescente. Contudo, funcionando-lhe como uma aposta para a sua sobrevivência, ele possa encontrar na ilusão da ostentação um apoio, ainda que provisório, para sua satisfação pulsional frente ao seu desamparo.

Com o efeito, as características pós-modernas que demarcam o consumo ostentativo e hedonista elevam o objeto *a* ao zênite social, de forma que, o que está em jogo para o sujeito, em específico na adolescência, é o gozo e não mais o ideal do Outro que orientava sua vida. Nesta direção, sob um discurso que (des) agrega todos na premissa de que “todos são iguais e têm o mesmo direito”, o que se observa é que, comumente, se trata de “[...] um direito de gozar como se quer e que repousa na recusa em dar um lugar à exceção.” (LACADÉE, 2011, 109). Como estratégia subjetiva, mas frequentemente compartilhada entre os adolescentes moradores de territórios em situações de vulnerabilidades sociais, o laço com a criminalidade conduz o sujeito “[...] a uma busca sôfrega por situações provisórias das quais possa facilmente se desvencilhar para continuar sua caminhada, ainda que não saiba aonde pretende

chegar.” (MOREIRA; GUERRA; COSTA, 2012, p. 401). A música *Ilusão de uma criança* de MC Hudson 22 faz um esboço desse caminho que o adolescente pode percorrer³⁵.

Essa é uma história que comove todos nós
 De uma criança que via no chefe um super-herói
 Idolatrava o poder, ele adorava o respeito
 Dizia “quando eu crescer, vou ser daquele jeito”
 Só via carro de luxo, só motão 1,100
 E seus olhos brilhavam naquilo que o convêm
 Via fama, mulheres, “ó quanto ouro ele tem”
 Quando eu crescer eu quero ser assim também
 Já era parte do bonde e afinal, era o cria
 E os mandamentos do crime, o menor já sabia
 Era um soldado valente, seja de noite ou de dia
 Na comissão de frente, da mesma hierarquia
 Muita garra e coragem, com fé em Deus
 Foi passando de fase, aquele menor cresceu
 E guardava em memória ouvia o chefe falar
 “Quando eu morrer aí vem outro em meu lugar”
 E logo pela manhã, é, a bala comeu
 E o seu patrão caiu, arrastou, ele socorreu
 Os olhos lacrimejaram e ele veio a dizer
 “Crime pra mim termina aqui, agora é com você”
 A lágrima rolou, e o patrão faleceu
 Fecha tudo, isso é luto, que agora sou eu
 E a história do menor se cumpriu

³⁵A ostentação nessa letra, especificamente, aparece como pano de fundo do caminho “de sucesso e poder” que o adolescente acredita ser possível construir com o seu envolvimento com a criminalidade. A vertente do funk que esta composição se aloca, por sua vez, busca transmitir uma mensagem mais “consciente” desse vislumbre pela vida de ostentação que o mundo do crime pode proporcionar. Falaremos mais sobre esses diferentes estilos do funk no tópico *Nas batidas do funk* do capítulo sobre *O manifesto do funk ostentação*.

Profetizou em palavras, eu sei que alguém ouviu
E já formado no crime, com seu diploma na mão
Foi nomeado como o novo patrão

Se tomarmos de inspiração a ideia que Freud (1927) teve da religião como uma ilusão, que exerce um papel fundamental no psiquismo humano como um anteparo das ameaças da natureza e dos sofrimentos mundanos, a ilusão de uma criança que “via no chefe do tráfico, um super-herói” e a imagem de um “cara poderoso” que tinha respeito, fama, ouro e outros artefatos de luxo, não está muito distante dessa acepção freudiana. A lógica da ostentação, que tem, muitas vezes, o mundo do crime como pano de fundo, torna-se essa “crença religiosa”, à medida que o sujeito, neste caso específico “o menor que cresceu” e foi se tornando “parte do bonde” e “conhecedor dos mandamentos do crime”, acredita ser essa a sua salvação, a sua verdade. Verdade esta que, por mais que possa lhe trazer privilégios e prazeres de “uma vida de patrão”, não o exime de uma vida marcada por destemperos e com um fim igual ao de seu antecessor. Nessa caminhada onde “quando morre um vem outro para ocupar o seu lugar”, o adolescente devaneia um futuro próspero, mas, um futuro de ilusões que não se sabe ao certo como será.

A partir do que já foi exposto até aqui e, seguindo a tese defendida por Salum (2009), consideramos que em todo ato criminoso, neste caso, os atos infracionais análogos aos crimes contra o patrimônio em ascendência no contexto pós-moderno, onde há uma relação direta com o objeto, perde-se o vínculo com o desejo, com a falta. Com isso, “[...] ao atuar, um crime é uma forma de pretender fazer um curto-circuito na articulação do objeto com sua falta, com a castração.” (SALUM, 2009, p. 125). Dessa maneira, nos questionamos e pretendemos discutir a seguir como o eu, o objeto e o Outro se apresentam e se entrelaçam nas particularidades da sociedade contemporânea que inaugura, conforme afirmado por Lipovetsky (1944/2004), uma temporalidade social marcada pela prevalência do “aqui e agora”, bem como por uma cultura hedonista que nos termos psicanalíticos, localizamos no gozo este ponto de orientação do que é singular a cada sujeito, a cada adolescente.

3.3. O eu, o Outro e o objeto (des) enlaçados pela lógica capitalista

Desde Freud (1914/1996), compreendemos que o sujeito somente se constitui através da sua relação com o outro, o que corresponde a um circuito que envolve um movimento que parte da sua fonte primeira, o eu, indo em direção ao objeto e retornando para o eu,

continuamente. Algo é produzido nesse ir-e-vir e podemos apreendê-lo como sendo variável em suas manifestações ao relacionar-se com os modos de organização da civilização onde é originado. Também neste sentido, haverá sempre uma procura incessante por satisfação que coloca para o sujeito uma hiância entre os princípios de prazer e de realidade, ao tentar encontrar o objeto que lhe tampone a falta que é, por sua vez, a condição para a sua constituição enquanto sujeito do desejo.

Por este ângulo, concordamos com Lacan (1956-1957/1995) que não se trata do objeto absoluto, que funda o indivíduo em uma realidade, mas, de uma repetição em busca desse objeto “perdido” que não será, de maneira alguma, o mesmo objeto, pois, “a primazia dessa dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado.” (LACAN, 1956-1957, p. 13). Trata-se de um objeto impossível para o desejo e, que desde o início das formulações freudianas encontramos referência a esse respeito, quando Freud (1895) nos elucidou sobre as experiências de satisfação e de dor. Se considerarmos, por sua vez, a leitura lacaniana sobre esse assunto, vamos conceber a hipótese de que essa experiência primeira de satisfação aconteceu miticamente e, por isso, o objeto desta ao qual o desejo se dirige de fato nunca existiu. Logo, uma miríade de objetos pode surgir como substituto desse lugar/vazio. Na sociedade pós-moderna, notadamente, essa proporção se torna ainda maior por meio da oferta e alternância de produtos, bens, serviços e relacionamentos iminentemente descartáveis e insuficientes. Assim:

Uma vez que a linguagem só pode tocar o real de modo a representá-lo, sobra um resto sem ser dito e a articulação significante se repete sem cessar nas tentativas malogradas de se dizer tudo. Essa repetição da cadeia significante consiste na resposta à perda de gozo, através da produção de uma espécie de entropia que funciona a partir de um suplemento de gozo denominado “objeto *a*” na vertente do *mais-de-gozar*. [...] No sistema capitalista, os objetos da cultura são elevados à categoria desse suplemento de gozo representado pelo objeto *a*. Nesse sentido, o funcionamento do capitalismo é alimentado pelo poder de consumo desses objetos. A veiculação midiática de novos ideais relacionados a esse poder que se encontra ligado, por exemplo, à beleza, à riqueza e à sensualidade, atrai os sujeitos na procura da pretensa completude. (TEIXEIRA; COUTO, 2010, p. 584-585, grifos dos autores).

Entretanto, a civilização é falha na mediação dos laços a serem estabelecidos e mantidos socialmente; os mecanismos que ela utiliza para que esses laços não nos causem qualquer angústia, são sempre falhos. O discurso invocado pelo capitalismo, de certa maneira, faz o sujeito rejeitar a sua castração, através da promessa de satisfação total que tais objetos irão promover. Porém, nesta ilusão, o sujeito se apaga, o desejo é escamoteado e, com isso, os laços sociais enfraquecidos e, como nos lembra Soler (2000-2001/2004), são os objetos que comandam o sujeito neste circuito que não encontra uma barreira, um limite. Na contemporaneidade, os laços sociais são organizados às voltas desta lógica mercadológica do capitalismo que parece dispensar, continuamente, o caráter subjetivo do desejo, anunciando e evocando em unísono para todos: *consuma!*, *ostente!*, *goze!*.

Podemos pensar que é pela via do excesso e do imediatismo proclamados pela sociedade de consumo, que o sujeito, especialmente o adolescente envolvido com a criminalidade violenta, vivencia a presença do Outro; isso, para não descreditarmos o poder exercido por essa figura Outra e assim supormos uma completa inexistência das vicissitudes que fundam o sujeito como tal (só para citar algumas: inconsciente, desejo, pulsão, linguagem). Ainda que observamos uma certa subtração da alteridade no contexto contemporâneo, a representação simbólica do Outro é inquestionável mesmo que seja “apenas” enquanto reforço do autocentramento do eu narcísico do sujeito que sugere o lugar do outro como mais um objeto de consumo qualquer que, findada a sua “utilidade”, é velozmente descartado e substituído. Tanto que “para gozar, é necessário passar pelo Outro.” (SALUM, 2009, p. 9). Isso nos indica que os modos de laços estabelecidos na sociedade contemporânea passam por significativas mudanças, não a ponto de aniquilá-los, mas, enfraquecidos, impactam, ao que nos é cabido investigar, “[...] na configuração do crime e, por conseguinte, da possibilidade de responder diante do Outro e da lei.” (SALUM, 2009, p. 9-10).

Assim sendo, ainda de acordo com Salum (2009), ao se fundamentar através da proposição lacaniana sobre o *acting out*, podemos supor que os atos infracionais análogos aos crimes contra o patrimônio frequentemente cometidos por adolescentes e jovens na contemporaneidade, têm ressaltado aspectos dessa atuação que suplica ao Outro, em forma de ato, uma ordenação do seu mundo subjetivo, ao rearranjar-se diante do objeto que lhe é apresentado, ou seja, o objeto de angústia forjado pelos *gadgets* ofertados pelo sistema capitalista. Seguindo este raciocínio:

O *acting out* é, em essência, a mostração, a mostragem, velada, sem dúvida, mas não velada em si. Ela só é velada para nós, como sujeito do *acting out*, na medida em que isso fala, na medida em que poderia ser verdade. Ao contrário, ela é, antes, visível ao máximo, e é justamente por isso que, num certo registro, é invisível, mostrando sua causa. O essencial do que é mostrado é esse resto, é sua queda, é o que sobra nessa história. Entre o sujeito \$, aqui “Outrificado”, se posso me expressar desse modo, em sua estrutura de ficção, e o Outro, A, não autenticável, nunca inteiramente autenticável, o que surge é esse resto *a* [...] O que quer dizer que podemos fazer todos os empréstimos que quisermos para tampar os furos do desejo [...] É essa a marca que vocês sempre encontrarão no que é *acting out*. (LACAN, 1962-1963, p. 138-139, grifos do autor).

Diante do declínio das sólidas referências modernas, o que marca a virada para a sociedade pós-moderna e, especialmente a partir do momento que o consumo se liga ao campo do gozo, é no *tempo lógico* da adolescência que o sujeito pode encontrar no ato uma forma de ratificar a novidade trazida pelo real da puberdade, de modo a se fazer notar, testando seus limites e questionando-se “[...] metaforicamente a morte, fazendo com ela um contato simbólico que venha justificar sua existência. Trata-se, portanto, não de morrer, mas sim, de viver mais.” (LACADÉE, 2011, p. 65). Ao retomarmos os significantes *vida e morte*, lembramos da acepção freudiana sobre o dualismo das pulsões, à medida que estas se diferem da pura necessidade instintual de satisfação, colocando em jogo a dimensão do gozo, de um *mais-de-gozar* que, para Lacadée (2011), fundamenta o masoquismo primordial que pode levar o sujeito a se deslumbrar pelo seu próprio sofrimento.

Nos casos de adolescentes envolvidos com a criminalidade violenta, em específico pelas práticas infracionais voltadas para a subtração de objetos de consumo, que deixam escapar em suas tentativas discursivas, tentativas de fazer laço, é possível pensar na falta de um ideal do eu que os amarre e os estabilize, construindo identificações mais em direção ao registro imaginário do que ao simbólico. Isso pode levá-los a se identificarem com certos vícios e condutas que parecem nos indicar que “são sujeitos que não se veem mais ligados a nada, salvo a esse objeto de consumo a que se reduz seu ser de gozo [...] preso num gozo particular e equivalente a uma nova forma de sintoma que desemboca numa *consumerização* do sujeito.” (LACADÉE, 2011, p. 95, grifo do autor). Em uma sociedade onde não se reconhece a alteridade nesses adolescentes, esses ao se envolverem com a criminalidade violenta, aos olhos indiferentes dos outros indivíduos, fazem apenas por maldade, por “vagabundagem” ou por serem determinados a isso, já que “meninos da favela não têm saída

mesmo”. Porém, para a psicanálise, são nessas *contingências* do que resta, do que escapa, do que ninguém quer ver “[...] que Freud vai buscar a emergência da verdade escondida nas racionalizações do nosso discurso oficial [...] e é assim que ela opera para desfazer os engodos que o narcisismo produz ao lidar com as pulsões sexuais e agressivas.” (BISPO, 2014a, p. 80).

Como já bem nos afirmou Freud (1930), não há existência humana fora da civilização, tal como esta não subsiste sem uma ordenação legal e/ou normativa que, por sua vez, impõe aos indivíduos um mal-estar ao lhes exigir uma renúncia para que possam alcançar sua finalidade, que é a satisfação pulsional. Os laços sociais serviriam como bordas nessa relação dialética entre o sujeito e o outro, mas, no instante em que tais laços se enfraquecem, como já discutido, o gozo surge nesta relação de maneira a cristalizar o sujeito nos imperativos da cultura que, no momento contemporâneo, (des) enlaçam-no nos preceitos do consumo e da ostentação que exacerbam o individualismo e o hedonismo. Neste sentido, os investimentos que outrora se direcionavam para o coletivo, para o outro, estão voltados atualmente para o próprio eu, numa constante regressão ao funcionamento narcísico, tal como descrito na teoria freudiana e que iremos melhor apreender no segundo tópico do capítulo seguinte a este.

A partir dessas questões, a música exerce um papel de suma importância na compreensão dos aspectos históricos e socioculturais em que são apresentadas, pois, podem influenciar e traduzir certos modos de pensar e agir dos indivíduos inseridos na civilização. O funk ostentação é a manifestação musical que parece melhor retratar essa realidade narcísica em que o eu (e não o outro) passa a ser o objeto da libido, na tentativa final de evitar o desprazer e angústia que subvertera o *ser no parecer ter*. Por isso, cada vez mais acredita-se na promessa da sociedade de consumo de que, adquirindo os produtos por ela evidenciados, esses irão funcionar como “tampa da falta”. Essa certeza, porém, é ilusória, gerando e potencializando o mal-estar sustentado por um delineamento assertivo de que, na sociedade pós-moderna:

[...] o gozo não está inscrito na linguagem, que barra o sujeito, alocando-o no Simbólico. Pertence o gozo caótico Real e, desconhecendo limites, tende a se confirmar pela repetição. É, assim, uma forma de responder à falta que institui o sujeito, calando-a para ele em processo não menos angustiante, já que, desse circuito de constante repetição, ele nada quer saber ou consegue dizer. No panorama capitalista, o exército de consumidores se irmana nessa lógica do nada querer saber sobre o que sustenta o funcionamento das coisas [...] Não é que os sujeitos não saibam das mentiras que sustentam o sistema capitalista, é que ninguém mais quer saber sobre as ideologias, desde que elas cumpram sua função. Para o consumidor não interessa que os anúncios ou plataformas políticas sejam necessariamente verdadeiros ou certos, o que esperam é que tudo funcione e que a música que os embale não pare, jamais. (REZENDE; COSTA, 2011, p. 187).

De acordo com Birman (2012) o sujeito contemporâneo tem no narcisismo uma saída, uma defesa em relação à precariedade de suas referências do mundo externo que se localizavam, nos tempos modernos, no registro do simbólico. Atualmente, os laços sociais circunscrevem-se no campo da imagem, particularmente, na imagem de si mesmo, na imagem da perfeição narcísica enquanto objeto a ser investido. Em outra obra desse mesmo autor, depreendemos que no cerne da cultura do narcisismo, todos os modos de subjetivação têm privilegiado o eu em contrapartida à predação do outro (BIRMAN, 2001). Ao manter o sujeito terminantemente no registro especular, não admitindo o outro em sua alteridade, mas, exaltando a si mesmo de maneira análoga à incandescência de Narciso ao contemplar seu reflexo nas águas de um lago, a sociedade de consumo, pelas vias da criminalidade violenta e da ostentação que deixam margens ilimitadas para o gozo, instaura o declínio dos arquétipos do ideal do eu e, conseqüentemente, “[...] uma crise no *supereu*, que se enfraquece a ponto de não mais conseguir conter os impulsos narcísicos primários, que não encontram limites na tentativa de sua satisfação gozosa.” (COSTA, 2008, p. 26, grifo do autor).

Vale ressaltarmos neste ponto, as formulações freudianas acerca do supereu, enquanto instância psíquica que representa o enlace do indivíduo com a civilização. Ao longo de suas obras, o fundador da psicanálise nos apresentou notas de fatos míticos e também de seus casos clínicos que servir-lhe-iam para o desenvolvimento da teoria que cunhou, em 1923, as instâncias psíquicas de sua segunda tópica. Em *Totem e Tabu* já é notório o fundamento de Freud (1913a) sobre a existência de uma lei universal que comanda uma horda, através do mito do parricídio. Já no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914), podemos ressaltar o conceito de *ideal do eu* que é, por sua vez, formado a partir de um ideal vindo do mundo exterior, principalmente, sob a influência dos ideais familiares e societários. Ainda neste texto de 1914, vamos encontrar a noção de *clivagem do eu* ocasionada pela atuação de um sensor crítico que se estabelece entre o eu e o ideal e que irá fundamentar, posteriormente, a elaboração do conceito de supereu.

Ainda que não fosse assim conceituado, o supereu já parecia se delinear a partir da obra *Luto e Melancolia* (FREUD, 1917[1915]/1996). Neste texto encontramos a indicação de que na melancolia, uma parte do eu se defronta com a outra, fazendo-lhe críticas e a tomando por objeto. No íterim das publicações freudianas até 1923, localizamos também a descrição o

ideal do eu como sendo a instância crítica do eu (FREUD, 1921/1996). Para se chegar ao trabalho *O Ego e o Id* (FREUD, 1923/1996), houveram percalços teóricos que, ainda neste trabalho de 1923, de certo modo, foram mantidos ao equivaler o ideal do eu ao supereu, ao mesmo tempo que buscava diferenciá-los. O que não se pode negar, sobretudo, é que a formulação do supereu faz um giro na concepção freudiana acerca da organização do aparelho psíquico que, até 1923, se dividia em: consciente, pré-consciente e inconsciente, para então emergir as instâncias psíquicas: *eu/ego*, *isso/id* e *supereu/superego*.

Em suma, o eu representa a instância do que podemos chamar de razão, estaria ligado à consciência. Contudo, Freud (1923) nos disse de um caráter inconsciente desse eu, que produziria efeitos tal como o recalçado. Logo, o inconsciente deixa de ser sinônimo de recalçado, mesmo o recalçado sendo inconsciente, tal como também é uma parte do eu. Para justificar essa proposição, o id seria essa parte desconhecida, relacionada às pulsões, onde o eu encontraria um lugar para se aliviar. Trata-se não de duas partes claramente separadas, sendo o eu uma parte do id que fora modificada pelo seu contato com a realidade externa, no entanto, se assim fosse tão somente “[...] teríamos um simples estado de coisas com que tratar. Mas há uma outra complicação.” (FREUD, 1923, p. 41). Essa complicação se refere ao que ele denominou de supereu que neste primeiro momento foi concebido com sentido semelhante ao de ideal do eu.

Por esse viés, o supereu seria o herdeiro do Complexo de Édipo, por ser consequência das primeiras identificações infantis. Mas, além disso, o supereu é um representante do id, ou seja, ao agregar as forças do id, o supereu se manifesta enquanto um imperativo categórico dos impulsos e vicissitudes libidinais do id, permanecendo, por outro lado, inacessível ao eu. Embora tenha sido conceituado de início como sinônimo de ideal do eu, o supereu se difere deste na seguinte medida: o primeiro diz respeito ao modelo moral que orienta o eu, enquanto o segundo conceito é tratado, *a posteriori*, como o:

[...] dispositivo instituinte da personalidade, que tem por funções precípuas o controle, por intermédio do *eu*, dos *impulsos demoníacos* do *id*, bem como o julgamento do *eu* a partir de sua aproximação ou distanciamento em relação ao arcabouço de valores contidos naquele modelo, ou seja, no *ideal do eu*. (COSTA, 2008, p. 58, grifos do autor).

Destarte, o supereu se constitui como o representante do ingresso do sujeito na civilização. Nesta sequência, somente a partir de 1930, em *O mal-estar na civilização*, é que iríamos conhecer na teoria freudiana a articulação do supereu com a cultura, já discutida por nós anteriormente. Não obstante, ao sublinharmos a adolescência nesta reflexão, pelo ponto

de vista da psicanálise, fazemos alusão ao que Lacadée (2011) nos asseverou sobre *o objetivo da demanda de respeito*. Tão logo o adolescente se vê convocado pela cultura a dar respostas que o identifique no corpo social. A partir das questões que emanam em seu corpo púbere, ele então “[...] vivencia, no âmago de seu ser, um paradoxo essencial à compreensão que o conduz a estar no limite da demanda ao Outro.” (LACADÉE, 2011, p. 118). Desse modo, a demanda de respeito se apresenta para o adolescente de forma paradoxal, isto é, pela conquista de uma autonomia ao mesmo tempo que se reivindica a manutenção de uma dependência. Isto faz com que irrompam no sujeito durante a adolescência, as exigências superegóicas de se conceber a ideia que ele possa ter para o Outro, ao passo que parece recusá-la, simultaneamente.

Tal ideia, até então, encontrava seu ponto de ancoragem no ideal do eu que vinha amarrar a existência do sujeito, estabilizando seu sentimento de vida. Ideal que lhe dava um nome no Outro, apoiando-se na função paterna, e lhe permitia pôr sua vida em *père-spective*³⁶. (LACADÉE, 2011, p. 118, grifo do autor).

Por este ângulo, a adolescência é, por si só, o período em que o sujeito se enuncia pela descrença no Outro que já não lhe garante o lugar de referência conforme o foi na infância. Ao considerarmos a adolescência como um sintoma da puberdade (STEVENS, 2004) e como ideal cultural, em particular na sociedade pós-moderna, consideramo-la também como o momento próprio do desamparo que rememora no sujeito a sua condição de ser faltante, que incide, por sua vez, na condição de sujeito desejante. A confluência desses dois momentos, adolescência e pós-modernidade, acentua o desamparo, levando o adolescente, muitas vezes, se deslumbrar com os discursos do consumo e da ostentação que lhe asseguram o gozo desmedido.

Essa universalização conclamada pelo mestre contemporâneo – o capital – tende a fazer com que quase nada da subjetividade humana se manifeste em contraposição a essa proposta de homogeneização. Sobre isto, o filósofo Newton Bignotto, citado por Macêdo (2015), nos afirmou que o consumo se constitui como esse traço homogeneizador da nossa cultura, fazendo valer o aumento da intolerância, da segregação e da indiferença à alteridade.

³⁶Nota adicionada pela tradutora do livro referido, transcrita em sua integralidade: “no sentido de uma perspectiva encontrada através do pai [père]”. (LACADÉE, 2011, p. 118, grifo do autor).

Logo, “no mundo regido pelo consumo, as trocas já não se fundam no registro simbólico, são regidas pela uniformidade da satisfação dos imperativos de gozo do momento.” (MACÊDO, 2015, p. 6).

É notória, nesta perspectiva, uma incursão generalizada da perversão como *modus operandi* da contemporaneidade. Essa realidade social a qual os sujeitos se encontram e, com tudo o que foi exposto até aqui sobre os aspectos da pós-modernidade, nos fazem pensar em um contexto favorável ao gozo perverso, cujo acesso é permitido a todos. Entretanto, destacamos “[...] que o capitalismo não fabrica o perverso no sentido estrutural. Ele favorece, sim, gozo com objetos parciais e satisfação em todas as zonas possíveis do corpo [...]” (FERRARI, 2014, p. 654). A sociedade de consumo atual ao promover uma crença de que o sujeito “pode tudo”, faz com que a limitação constitutiva do sujeito seja velada, desmentida, já que aquilo que mantinha o seu desejo recalcado fora retirado da sua relação com o gozo que, agora, é operado pelo capitalismo numa lógica irrestrita de consumo de objetos fetichizados. É nessa *relação de objeto*, inclusive, que Lacan (1956-1957) introduziu a noção de *fetiche* como uma forma de proteção à angústia de castração própria do sujeito. Com esta inspiração lacaniana, depreendemos, portanto, que:

O que é visado no fetiche está para além daquilo que se apresenta, como falta, tendendo a realizar-se como imagem. Se ele é modo de dizer que a castração é afirmada e negada, é em torno do objeto fascinante, inscrito sobre o véu, a cortina que há entre sujeito e objeto, que gravita a vida erótica. Sobre esse véu, situado à frente do objeto, faz-se a projeção imaginária, figuração da falta, constitui-se o fetiche, “que pode ser o suporte oferecido a algo que assume ali, justamente, seu nome, o desejo, mas como desejo perverso” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 162). Sobre esse véu o fetiche figura o que falta para além do objeto. (FERRARI, 2014, p. 655).

A generalização da perversão como um modo de funcionamento da sociedade contemporânea nos indica que este contexto sociocultural tem promovido o mal-estar não mais pela repressão e renúncias pulsionais, mas passa a ser caracterizado pelo aspecto hedonista que a cultura atual preconiza. Diante desta afirmativa, Safatle (2006) nos assinalou que essa forma perversa da organização social se deve ao ponto central dado ao fetichismo na organização da economia libidinal, que, tal como as próprias operações fetichistas de suspensão, idealização e congelamento, se aproximam da noção de simulacro – podemos aqui traçar um paralelo também à noção de espetáculo como apreendemos com Debord (1967). Isto porque, “[...] por meio do fetiche, é possível produzir um objeto, que, ao mesmo tempo, é uma aparência posta como aparência e que permite ao sujeito “agir como se não soubesse” estar diante de uma aparência.” (SAFATLE, 2006, p. 48, grifo do autor).

Se trouxermos este pensamento para as nossas ponderações acerca do lugar do funk ostentação na economia psíquica de adolescentes que deparam com o predomínio da criminalidade na realidade social onde vivem, algo nos soa parecido com a *Verleugnung* da teoria freudiana e que aqui traduzimos como *desmentido*. O adolescente mesmo sabendo que não será abastado o suficiente tal como “o cara todo poderoso” retratado nas composições do funk ostentação, ainda assim coloca para si a crença de que quanto mais puder ostentar mais se afastará das mazelas da vida em civilização e dos sofrimentos que lhe acometem internamente. Esta constatação nos leva a inferir que o desmentido se torna assim:

“[...] uma forma de defesa que prepondera na atualidade, redundando num empuxo ao gozo, bem como num mergulho ao imediatismo da satisfação pulsional. Nessa circunstância, o supereu não funciona comparando o eu com seu ideal, tal como Freud descrevia quando falava da relação entre essas duas instâncias (FREUD, 1933/1996). O supereu parece não encontrar hoje respaldo nos valores mediados pelo ideal para sustentar sua punição ao eu e satisfazer o masoquismo moral. Na clínica atual o supereu, desatrelado do ideal do eu, aparece muito mais desmedido, violento ou compulsivo — figura do supereu que Zizek (1999) aponta como sendo a própria raiz obscena da voz imperativa que exige, irracionalmente, o gozo sem medida ou cálculo que adie o encontro do sujeito com a própria morte. (QUINTELLA, 2016, p. 123).

Para Lima (2013), é na perversão que o desejo toma para si o estatuto de *vontade de gozo*, por se colocar ao lado do excesso, logo, da pulsão de morte. Posicionado assim, “o objeto escolhido pela pulsão conserva sempre o caráter de fetiche, pois ocupa o lugar daquilo do qual o sujeito está simbolicamente privado.” (LIMA, 2013, p. 473). Não se trata de inferirmos que os sujeitos hoje são perversos em sua estrutura, pois, diferentemente da perversão estrutural, o uso social de mecanismos perversos incita o consumo de objetos de maneira permutável e não fixada. O foco mercadológico nos *gadgets* é o que produz esse efeito difuso da perversão, logo, frente à generalização da perversão promovida pelo “[...] imperativo de gozo do discurso capitalista, os sujeitos buscam, nessa massa indiferenciada, alguma forma de diferenciação, buscam *ter voz*, ainda que se utilizando dos mesmos dispositivos ofertados pela cultura para *calar o sujeito*.” (LIMA, 2013, p. 495, grifos da autora).

O capitalismo contemporâneo ao salientar modos de gozo que enfraquecem o laço social, liga o sujeito diretamente com o objeto, apagando qualquer manifestação de

subjetividade. Os sujeitos não mais se questionam sobre o seu desejo, querem apenas gozar ilimitadamente dos objetos que, ilusoriamente, prometem tamponar a sua falta. Na tentativa de reduzir a sua insatisfação, o sujeito, dentro dessa lógica capitalista-perversa, se envolve em um ciclo interminável em sua necessidade de saciar-se, porém, não há um ponto de basta que o indique para uma “placa” de *pare!*. Neste lugar, encontra-se um “painel luminoso” com o enunciado que o (des) enlaça: *goze!*. Ao passo que lançamos mão do funk ostentação como meio de tradução dessa condição atual valorizada, sobretudo, na adolescência, salientamos a música *O céu é o limite* de MC Menor da Baixada, para ilustrar essa nossa ideia.

Os prédio em frente à praia
Rasante de i30, Bmw X5, de Captiva
Estoura o Chandon, bate no meu Id
Porta o kit novo que hoje é baile em SP, papai
Nike no pé, cordão que chama atenção
As novinha se entrega no mundo da perdição
Mas não é ostentação, se encantou com o cifrão
Quando viu na minha conta um bancarel, mais de 1 milhão
Então, vem que tá tendo, o que cês tão querendo?
Ser cobiçada, mas fica no momento
Os menino tem mó talento, te passo procedimento
Em cima da Bandit o cabelo voa com vento
Dizem que o céu é o limite mas com nós tu vai a lua
Os menino anda chique, porta roupa de grife, aroma é 212
Monta vou te levar pra lua de R1, de X1
Quer forgar, rasante Beira Mar
Copacabana, Ilha Bela, Maresias
Ostentação, a luta não foi em vão
Agora gasta, forga, goza e desfruta
Pra obter tivemos que debater
Cabeça erguida, firme e forte, vamo à luta
Agora só embrazar, as novinha cobiçar
E na noitada de Sonata ou Hayabusa

Ao colocar o céu como limite, o adolescente tem decifrada nesta música, na verdade, a falta de limite que se pode ter após “a luta que não foi em vão” e que através do “seu talento” agora poderá “gastar, gozar e desfrutar” de todos os bens e produtos que o dinheiro puder comprar. São apartamentos à beira-mar, automóveis de luxo, bebidas, roupas e acessórios com altos preços que só quem tem “um bancarel com mais de 1 milhão” pode ostentar e com isso também “as novinhas cobiçar”. Com o intuito de alcançar esse “padrão de vida” de maneira rápida e ascendente, como já tratamos, a criminalidade pode se tornar neste contexto uma das vias que os adolescentes têm encontrado para dimensionar as suas vicissitudes pulsionais que empuxam para o gozo imediato e irrestrito por meio do consumo e da ostentação desses *gadgets*.

Em particular, as reincidências no cometimento de roubos, furtos, tráfico de drogas e outros atos infracionais que mantêm uma relação direta com o objeto sem a mediação do Outro, podem ser pensadas como correlatas a compulsão à repetição associada à pulsão de morte, conforme a obra freudiana nos apresentou, “[...] na medida em que o sujeito revive situações que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca trouxeram satisfação [...]” (GUERRA; PINHEIRO, s.d., p. 1).

Sob o “amparo” do consumo e da ostentação na contemporaneidade, o lugar de repressão que o supereu outrora teve na dinâmica psíquica, é modificado por contornos categóricos de um mais-de-gozar que, mesmo acreditando que cada sujeito seja capaz de arranjar compassos singulares para seu circuito pulsional, tais circunstâncias, balizadas pela lógica capitalista, nos parecem configurar algo maior a nível social, político e cultural.

Ao dissertarmos sobre esse panorama mais geral da adolescência, bem como lançarmos mão do funk ostentação para ilustrarmos as “convocações” que o adolescente tem que se deparar na contemporaneidade, passamos adiante para nossa discussão acerca da origem desse estilo musical e como ele se conectou à adolescência, por nós observada durante a experiência no “Programa Fica Vivo!”, especialmente a partir de dois casos que nos serviram para refletir sobre o lugar que a música pode ocupar no circuito pulsional desses adolescentes. Neste sentido, nos pareceu acertada a compreensão dos conceitos de *narcisismo* e de *sublimação*, que desde o aporte freudiano nos indicam perspectivas essenciais da constituição do sujeito.

4. O MANIFESTO DO FUNK OSTENTAÇÃO

Após contextualizarmos o cenário social e o público-alvo desta nossa investigação, isto é, ao destacarmos o contexto pós-moderno e a adolescência envolvida (direta ou indiretamente) com a criminalidade, pela interface entre a sociologia e a psicanálise, chegamos à discussão propriamente do nosso problema de pesquisa: qual lugar que o funk ostentação pode ocupar na economia libidinal de adolescentes envolvidos com uma realidade social proeminentemente marcada por um alto índice de criminalidade? Este questionamento tem como predicativos a exaltação do consumo e da criminalidade na pós-modernidade e as saídas singulares que os sujeitos, particularmente na adolescência, têm encontrado para seus imperativos pulsionais que não cessam frente aos conclames hedonistas do capitalismo contemporâneo para consumir, ostentar e gozar sem barreiras.

Sem que lhes seja apresentado um ponto de basta, os adolescentes nos apresentam tentativas de contornarem o real que irrompe com a chegada da puberdade e que lhes impõe um encontro com seu corpo sexuado de modo a lhes imputar também indagações sobre “o que fazer com isso?”. Diante das exigências de um novo posicionamento perante os outros e de uma nova escolha objetal, diferentes daqueles tomados durante a infância, o adolescente nos manifesta suas insígnias que estão, muitas vezes, contíguas aos ditames proclamados pela sociedade de consumo. Dentre esses emblemas contemporâneos da adolescência, observamos um estilo musical se despontar como um verdadeiro hino que representa suas ideias e vontades. A música, neste sentido, “[...] é uma maneira de significação capaz de expressar o que a palavra não conseguiria.” (CAMPOS, 2015, p. 61). No momento da adolescência (ALBERTI, 2010), tal como no da pós-modernidade (COSTA, 2011), quando o simbólico declina, o adolescente pode se ancorar em certas expressões musicais como forma de dar evasão ao que não se cala dentro de si e, de modo a decifrar suas pulsões, encontra no *funk ostentação* uma fonte de tradução para suas vontades diante do discurso impiedoso do capitalismo.

Quando fazemos a menção a um manifesto do funk ostentação no título desta pesquisa e mais pontualmente neste capítulo, temos como inspiração provocativa a obra *Manifesto do partido comunista* (MARX; ENGELS, 1848) que, em síntese, ressaltou os ideais do

comunismo e a força do trabalho (e dos trabalhadores) como substitutos do sistema capitalista que tornava visível a desigualdade social entre proletariados e burgueses. O que é manifestado pelo funk ostentação, por sua vez, são outros ideais, muito mais propínquos à consolidação do capitalismo e do consumo como regentes da sociedade e dos interesses individuais. Através das letras do funk ostentação que os MC's compõem e que os adolescentes celebram como trilha sonora de seus devires, o discurso capitalista consubstancializa seus ditames e ritmiza, especificamente, o circuito pulsional da adolescência na contemporaneidade.

Mas afinal, o que o funk ostentação nos manifesta? Vimos ao longo desta dissertação algumas letras desse gênero musical que nos serviram para ilustrar os compassos que os adolescentes têm seguido ao elegerem essas canções em suas *playlists*. Faz-se necessária, neste momento, uma explanação sobre o surgimento desse ritmo e como ele tem se conectado à adolescência no território nacional. Após uma breve exposição sobre as *batidas do funk* no cenário brasileiro, esta conexão entre funk ostentação e adolescência será retratada a partir de dois casos que acompanhamos durante a experiência com o “Programa Fica Vivo!” e que nos demonstraram dois laços diferentes com a música. Um caso nos pareceu dialogar com o que Freud (1915a) denominou como um dos destinos da pulsão, o *retorno ao próprio eu do indivíduo*, o qual faremos uma leitura a partir do conceito freudiano de *narcisismo*. Já o outro caso nos apresentou uma proximidade com a vicissitude pulsional da *sublimação*. Assim, ao buscarmos fazer essa ligação entre a teoria e o que podemos observar na prática, ressaltamos pelo viés psicanalítico os destinos pulsionais, analisando-os a partir dos imperativos pós-modernos, mas, sobretudo, como manifestações subjetivas de cada adolescente neste cenário.

De acordo com o que a pesquisa em psicanálise nos convoca a investigar, o que nos interessa é, pois, o que é singular e próprio de cada sujeito. Dessa maneira, o nosso método de leitura das letras do funk ostentação se transforma. De uma fonte de ilustração, torna-se uma fonte de tradução, uma vez que nos foi assim apresentada através das próprias falas dos dois adolescentes que evidenciamos neste capítulo e que nos demonstraram laços genuínos com o funk ostentação.

Com isso, compreendemos que cada adolescente nos disse algo dele enquanto sujeito e nos manifestou uma verdade inconsciente que lhe é peculiar. Logo, inspirados pelo método psicanalítico da construção de caso clínico (FIGUEIREDO, 2004; VIGANÓ, 2010), tomamos a música como se esta fosse um fenômeno do inconsciente, isto é, um “material clínico” que diz respeito à economia psíquica desses adolescentes que escutamos ao longo da nossa trajetória junto ao “Programa Fica Vivo!”.

4.1. Nas batidas do funk

Entre os aspectos correspondentes à pós-modernidade, podemos destacar o fenômeno da virtualidade como um dos que mais tem sido notado como parte integrante na vida dos indivíduos e nos modos como eles têm se socializado. A era digital inaugurou novas possibilidades de as pessoas vivenciarem comportamentos e hábitos já conhecidos, mas, em um novo cenário, marcado por uma derrubada de fronteiras e limites ocasionada pela revolução tecnológica.

A partir de uma bombástica convergência entre a informática e as comunicações, a sociedade entrou, definitivamente, na era da informação. É ainda na última década do milênio que o cidadão urbano dos grandes centros conhece o auge resultante desse cruzamento. Uma nova e revolucionária configuração de mídias inaugura algo ainda mais radical do que havia surgido até então: a Internet. Até então, nada havia possibilitado grau tão elevado de interatividade e participação, não apenas no compartilhamento de informações, mas, principalmente, no provimento de conteúdo por parte de cada usuário. Seu formato rizomático, interativo, atual, portátil e extremamente acessível fez desse fenômeno a ponta de um processo tecnológico sem precedentes no campo das comunicações do acesso a informações. (NOBRE, 2010, p. 37).

É nesse ilimitado espaço de socialização promovido com a chegada da Internet que novas manifestações artísticas, a exemplo da música, puderam se configurar e serem disseminadas entre um vasto número de pessoas nos quatro cantos do mundo. No Brasil, especificamente, ficamos conhecendo o *funk ostentação*, celebrado especialmente entre adolescentes e jovens que parecem seguir ideologicamente os (des) compassos revelados em suas letras, que incitam e ostentam o consumo de armas, joias, *smartphones*, roupas e acessórios de marca, bebidas e outras drogas, carros, motos e o *status* desejado pelas mulheres e invejado pelos homens que não podem bancar esse “lugar de luxo” que só quem tem “poder” pode ocupar. O estilo musical supracitado foi assim denominado no ano de 2008 entre as comunidades da região metropolitana da cidade de São Paulo e da Baixada Santista. Em 2011, com a utilização expandida de vídeos publicados nas mídias e redes sociais como *YouTube* e *Facebook*, foi que o estilo tomou as proporções conhecidas atualmente. Tais recursos audiovisuais serviriam para, além de divulgar as músicas produzidas pelos MC's, ilustrar a posição ostensiva destacada em suas letras.

Apesar desse movimento específico ter se originado em São Paulo, de maneira geral, “as batidas que caracterizam o funk no Brasil se desenvolveram a partir das apropriações feitas das músicas emergentes da cultura periférica dos Estados Unidos [...]” (NEVES, 2016, p. 26). Segundo Neves (2016), foi em decorrência das mudanças do cenário urbano norte-americano, devido à crise da desindustrialização, que jovens, em especial aqueles moradores de regiões marginalizadas, inventaram atividades artísticas para poderem expressar seus descontentamentos. Inicialmente, a dança e a pintura, sob a versão do *break* e do *graffiti*, foram as manifestações que ocuparam as ruas da cidade, sendo “[...] nos anos 1970 e 1980 que estas práticas se desenvolveram e organizaram alguns dos principais elementos que fundamentariam o funk nos anos 1990 e 2000 no Brasil.” (NEVES, 2016, p. 26). Em um processo gradativo de incorporação e apropriação culturais, o funk se estabeleceu como um ritmo celebrado em clubes, festas e bailes que visavam (e visam) atender a uma parcela específica da população, geralmente localizada nas favelas brasileiras.

De início, o funk no Brasil ganhou notoriedade nos territórios das periferias do Rio de Janeiro que, dentre os mais variados estilos, destacamos o que ficou conhecido como “funk proibidão”, que em suas letras exaltam a criminalidade, o consumo de drogas e práticas sexuais ou outras consideradas libidinosas. Os “pancadões”, como são chamados os eventos que tocam esta vertente do funk, começaram a ser vistos com “maus olhos” pelos moradores das comunidades onde eles aconteciam e também pela mídia de massa, que deu um tom moralizante a esses bailes. Além disso, pôde-se observar recorrentes ações repressoras da polícia para barrar esses eventos (PEREIRA, 2014b). Isso, no entanto, não impediu que o funk carioca se propagasse pelo Brasil, sobretudo em São Paulo, onde tal estilo teve “[...] uma diminuição radical das referências diretas à criminalidade, por um lado, e, por outro, a adoção constante e intensa da temática do consumo e das marcas.” (PEREIRA, 2014b, p. 6). Essa amplitude do funk ostentação chegou, se não em todos, em boa parte dos estados brasileiros depois disso.

Histórico-conceitualmente, o funk ostentação versa, portanto, sobre o consumo em excesso às vias de uma preocupação com a produção da imagem, retratada não só em suas letras, mas também em seus videoclipes. Concomitantemente, é possível reconhecermos também entre as músicas celebradas e compartilhadas pelos adolescentes e jovens, algumas que ao provocar-lhes o desejo de consumir tais objetos, drogas e relações, apresentam a criminalidade violenta como meio de obtê-los e de sustentar essa imagem de poder através da posse de armas, envolvimento com o tráfico de drogas ou com outras práticas ilícitas, como furtos e roubos.

O funk é um dos ritmos musicais mais exaltados pelos adolescentes e jovens, especialmente nesta pesquisa, entre os que moram nas comunidades das periferias brasileiras³⁷. Como já mencionamos, o gênero popularmente chamado de *funk ostentação*, independente do estado de origem, evidencia, em sua grande maioria³⁸, conteúdos voltados para a criminalidade como via de obter e ostentar os objetos e as relações de poder preconizados pelo sistema capitalista. Dessa forma, o *desejo apaixonado*³⁹ desses adolescentes por esses *gadgets* e *status*, dentro da lógica pós-moderna, pode levá-los a se envolver em condutas de risco, com a finalidade de alcançarem seus objetivos, pois como já vimos, “é por essa via que a paixão se faz pulsão, pulsão de morte. Por essa via, deparamo-nos, então, com fato de que essas figuras de gozo, essas figuras de gozo contemporâneo são figuras da morte.” (TARRAB, 2004, p. 57).

Não pretendemos inferir sobre o funk ostentação como fator definitivo para o permanente envolvimento do adolescente com a criminalidade violenta, tampouco conferir aos adolescentes e, especificamente, aos adolescentes que moram em favelas, a exclusividade de tal conduta e/ou predileção musical. Mas, ainda que pelo viés teórico da psicanálise ressaltamos a condição do caso único, compreendemos que a nossa questão de pesquisa “[...] está mais além do caso a caso clínico. É um fenômeno de estrutura em nossa sociedade, consecutivo aos efeitos do desenvolvimento da ciência e da universalização da cultura.” (STEVENS, 2004, p. 37). Com as referências simbólicas declinadas, há o apagamento da exceção, definindo-nos como sendo “todos iguais”. Isto, por sua vez:

[...] provoca, também, um efeito de segregação devastador. Esse efeito devastador se acentua ainda com as dificuldades econômicas atuais, o desemprego, etc. Vê-se nas periferias um certo número de fenômenos da ordem desse mal-estar da segregação. Hoje, a adolescência rima, por um lado, com segregação [...] Tem-se aí a organização de substitutos sintomáticos sociais para a adolescência, que se conjuga

³⁷Evidencia-se aqui a experiência enquanto técnica social do Programa Fica Vivo!, já mencionada.

³⁸Podemos apontar o *funk consciente* como um dos estilos que se contrapõem ao funk ostentação, ao lançar suas letras com conteúdos mais politizados, como o enfrentamento de questões sociais que assolam o país, destacando-se o preconceito racial, o cenário sociopolítico atual que desemboca no crescente índice de desemprego e descaso com as políticas públicas voltadas, principalmente, para a educação e a saúde.

³⁹Considera-se que o objeto da paixão é algo de uma dimensão idealizada e de um investimento maciço da libido narcísica no outro que o transforma com a idealização, em um objeto absolutamente arrebatador. Freud (1921) ao descrever a paixão, nos disse de um estado em que o próprio eu é malogrado, em virtude do objeto que torna cada vez mais precioso e que coloca o apaixonado a serviço do objeto da paixão.

ao efeito segregativo da sociedade capitalista de hoje nessa proporção do “todos iguais.” (STEVENS, 2004, p. 37-38).

Se por um lado, impera-se o empuxo capitalista de que todos podem e devem consumir, por outro, nota-se uma desigualdade de oportunidades de acesso a esses bens, serviços e relações proclamados pela sociedade contemporânea por vias sociais e legalmente aceitas. Arriscamo-nos inferir, assim, que a constante incidência de atos infracionais análogos aos crimes de roubo, furto e tráfico de drogas, por exemplo, tem consonância com o que Costa (2008) nos asseverou sobre o aumento dessas infrações no cenário contemporâneo. Para ele, tais delitos são ressaltados na pós-modernidade por seu caráter de acesso imediato aos bens de consumo, ao dinheiro e a outros ganhos patrimoniais (COSTA, 2008).

Por meio dos imperativos da ostentação, por conseguinte, o sujeito é evocado a dar um posicionamento para suas eleições, as quais na sociedade atual muito frequentemente perpassam pela satisfação granjeada pela obtenção de *gadgets* e de uma alta soma monetária, que não mais perpassam pelo crivo da produção outrora praticado na modernidade, mas pelo consumo que na pós-modernidade assume esse papel de regência sociocultural. O funk ostentação surge então neste cenário atual como uma forma de expressão artística que também promove o consumo como o canal de suplência para a falta originada pela castração. O sentido da música para o sujeito articulado ao ponto de vista psicanalítico, nos leva a compreender que:

A contribuição da psicanálise não passa por um estudo erudito da música. Começa pelo básico: se há prazer ou angústia na música é porque ela é investida libidinalmente pelo sujeito. E se é assim é porque a música já não é música <<em si>>, mas instrumento de simbolização de uma outra coisa, uma outra mensagem, que encontrou nessa forma um modo de tradução. (BELO, 2011, p. 65-66, grifo do autor).

Para Lima (1995), a abordagem da música através da psicanálise possibilita relacioná-la à linguagem falada, cuja dimensão pode nos colocar a questão de um não-falável, mas que, pela música, pode encontrar alguma representação. Por este ângulo, este compositor e professor de música cita o filósofo Arthur Schopenhauer, em uma passagem de *O Mundo como Vontade e Representação* (SCHOPENHAUER, 1788-1860), para se referir a esta condição que a música nos provoca e que nos parece ilustrar a notabilidade que o funk ostentação tem entre os adolescentes que analisamos.

Há na música qualquer coisa de inefável e de íntimo; além disso, ela passa perto de nós semelhante à imagem de um paraíso familiar embora eternamente inacessível;

ela é para nós ao mesmo tempo perfeitamente inteligível e completamente inexplicável; isso deve-se ao fato de que ela nos mostra todos os movimentos do nosso ser, mesmo os mais escondidos, libertos daí em diante dessa realidade que os deforma e os altera. (SCHOPENHAUER apud LIMA, 1995, p. 56).

Às luzes da obra *Le leçon de musique*, do escritor francês Pascal Quignard, Rocha (2008) nos apresentou uma interpretação acerca dos primórdios da música em relação ao que a obra freudiana assinalou sobre um *além do princípio do prazer*, ao tracejar algo de um reencontro com o objeto que fora perdido na infância. A pertinência entre a tese quignardiana e o tema freudiano sobre o Complexo de castração parece indicar, também, de acordo com Rocha (2008), uma alusão à função alienante da imagem do Outro, trabalhada na psicanálise lacaniana. Assim, nos afirmou que, “nada existe no sonoro que nos devolva a nós mesmos uma imagem localizável, simétrica, invertida, como faz o espelho [...]” (QUIGNARD apud ROCHA, 2008, p. 135). Apesar de algumas controvérsias entre os pensamentos de Quignard e Lacan, Rocha (2008) sustentou uma certa aproximação entre o raciocínio dos dois a respeito de alguns aspectos do Complexo de castração, que nos é interessante ressaltar. Tais constatações de Rocha (2008) vêm agregar à nossa discussão um ponto de ancoragem sobre a vinculação entre os adolescentes envolvidos com a criminalidade e a representatividade que o funk ostentação tem na formação de sua subjetividade. Sendo assim:

[...] o significante é o horizonte de ultrapassamento da imagem especular, essa que, uma vez simbolizada, confere ao sujeito a condição de um patamar diferenciado no que se refere às suas identificações. A constituição do sujeito na linguagem pressupõe um furo, uma perda necessária na primazia da função alienante da imagem. “O que me determina, fundamentalmente, no visível é o olhar que está do lado de fora”, indica Lacan [...] Assim como, para Lacan, a linguagem confere às imagens o estatuto que lhe é próprio, para Quignard, o discurso musical ordena o caos sonoro, no interior do qual os seres falantes se encontram inexoravelmente inseridos. (ROCHA, 2008, p. 136-137).

O capitalismo pós-moderno lança sobre o sujeito uma *chuva de significantes* na qual ele imerge. Dessa chuva, alguns significantes operam como consequência de significação, todavia, restam significantes fora dessa possibilidade, que funcionam como efeitos de linguagem (ANDRADE, 2013). Por este viés, o sujeito se fixa nestes restos de significantes que não são providos de qualquer significação, logo, o sujeito ao permanecer (desen) laçado

nisso que sobra do significante, “agarra-se àquilo que é seu ponto de amarração, ao objeto a, e a letra, então, diz Lacan, torna-se litoral.” (LAURENT apud ANDRADE, 2013, p. 256). Vejamos com a música de MC PP da VS, intitulada *Do Verde*, a referência a certos “restos de significantes”, aos “objetos *a* contemporâneos” que, estampados pelas marcas e *status*, o sujeito se identifica no intuito de, na busca incessante, mas ilusória, encobrir seu desamparo.

Vem de 380 na cintura
 Vai descendo a ladeira da favela
 De cavalo de tróia faz a ronda
 E o garupa acende a vela
 Hoje é sexta e a boca tá à milhão
 A fila faz a curva na viela
 O trenzinho da putaria tá passando
 E menor de 38 dançando à vera
 E o bagulho tá louco
 Então dança que eu quero ver
 O patrão dá pipoco
 Enquanto o paredão de som faz o chão tremer
 [...]
 De Porsche Panamera subindo a ladeira
 R1 passa a mil
 Tá sem placa e sem caps
 Giroflex fingiu que nem viu
 Aí dobrando a esquina, eu de Porsche e Cyclone
 As novinha tá olhando pra mim
 E o menor que tava de 38
 Volta com a sacola gritando assim, ó
 Oba, é a maconha do verde que tem pra fumar
 Balinha que faz o bate acelerar
 E o lança que tá tendo é de maracujá

Ao portar um revólver na cintura, “descendo a ladeira da favela”, “o menor” atrai os olhares nos bailes que frequenta e junto com “o patrão dá pipoco enquanto o paredão de som faz o chão tremer”. Embalado pela “balinha que faz o bate acelerar”, o que sobressalta é o

deleite narcísico que nada mais é, senão, um espetáculo que lhe impõe uma nova roupagem para suas identificações. Armado e adornado com as marcas amplamente anunciadas pelos veículos midiáticos, bem como o efeito do “lança de maracujá”, observamos as saídas paliativas que o “menor” encontra para os impasses que o interpela. Nesses tempos pós-modernos, lidamos com uma clínica do real da adolescência que, para Lacadée (2011), nos indica que esses sujeitos têm preferido não só despotencializar o que vem do Outro, como, em uma direção contrária, se enlaçam socialmente por meio do gozo direto com os objetos de consumo e do uso particular de certas substâncias químicas que os permitem ostentar sem limites. Esse psicanalista francês nos alertou também, neste sentido, que:

Para se orientar num trabalho possível com esses adolescentes, é importante estar atento ao seu esforço de tradução da coisa inominável, do real insuportável com o qual eles têm a ver. Quais soluções eles inventaram? Se elas tratam certos pontos de impasse, não guardariam outros, dos quais se tratará, acompanhando-os, de ajudá-los a se separarem? (LACADÉE, 2011, p. 114)

Ao buscarmos articular música e psicanálise, concebemos aquela como sendo uma forma de tradução dos impasses experienciados na adolescência frente ao real do sexo exposto com a chegada da puberdade. Compreendemos que isso não acontece sem sofrimento para esses sujeitos e também não é de forma determinante que a música se tornará uma de suas invenções diante da realidade púbere. O funk ostentação é um dos meios pelo qual o adolescente pode encontrar uma maneira de expressão da estranheza que lhe apresentava, até então, silenciosa. Na tentativa de refletirmos sobre os imperativos pós-modernos que situam o sujeito e o seu gozo em *um mais* que insiste em se repetir e não perecer, ponderamos sobre como os adolescentes têm nos manifestados suas singulares soluções. Temos com o funk ostentação, portanto, uma possibilidade de escutarmos-lo a partir do momento que o adolescente, ao eleger essas músicas, nos diz “é isso que eu quero / é isso que eu sou”, condizendo com o que a psicanálise nos assevera sobre a condição de ser um *sujeito do desejo*. Embora submersos na tendência universalizante e hegemônica do consumo, não podemos ignorar que esta equivale-se “[...] à própria verdade do sujeito e do seu objeto de gozo, ambos ordenados sob a lógica do capital e do lucro.” (ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006, p. 36).

Por mais que o funk ostentação seja um gênero musical que sofra uma série de opressões por parte da mídia e de certas classes dominantes, é com esta expressão artística que os adolescentes que acompanhamos encontram uma fonte de tradução para a realidade social à qual eles e, todos, sem qualquer ponto de exceção, estão submetidos. As classes dominantes que, na sociedade regida pela produção, mantinham a exclusividade do usufruto dos bens e produtos manufaturados, se deparam na sociedade de consumo com uma insuportável divisão desse usufruir com os menos abastados. Não diferente de outros momentos da história do Brasil desde o seu descobrimento, os preconceitos por questões socioeconômicas, raciais, dentre outras, são “[...] multiplicadas ou reiteradas no curso dos anos, décadas e séculos, nos diferentes países.” (IANNI, 2004, p. 21). Um dos alçozes da contemporaneidade, neste sentido, é justamente o funk e suas vertentes.

Compreendemos a importância das questões expostas pelas letras desse gênero musical serem problematizadas. Mas isso deve acontecer em espaços que favoreçam a escuta e a circulação da palavra entre as mais diversas esferas desse contingente imenso de pessoas de diferentes classes, raças, credos e idades, que o Brasil comporta. Acima de tudo e em uma corrente inversa à que insufla a proposta de criminalização do funk⁴⁰, a psicanálise nos possibilita uma orientação que identifica na eleição do funk ostentação como estilo musical amplamente celebrado entre os adolescentes “do morro e do asfalto”, uma forma singular de laço na adolescência. Supor essa singularidade é supor também as especificidades do processo de constituição do sujeito pelo aporte psicanalítico que, dentre outras características fundamentais, nos introduz o conceito de *narcisismo* cunhado pela teoria freudiana. Para melhor assimilarmos-lo, partimos para o primeiro caso que nos apresentou uma particular vinculação entre o funk ostentação e o adolescente envolvido com a criminalidade.

4.2. Posso, logo, ostento: ecos do narcisismo na pós-modernidade

Certa vez, durante uma atividade em um Centro de Internação Provisória (CEIP) localizado na capital mineira, conhecemos Guilherme⁴¹ e outros onze adolescentes que cumpriam medida de internação provisória nesta unidade do sistema socioeducativo em Belo Horizonte. Nosso contato se deu a partir da referência do nosso trabalho com o público

⁴⁰Sugestão Legislativa nº 17/2017, em tramitação na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa no Senado Federal que propõe a “criminalização do funk como crime de saúde pública à criança, aos adolescentes e à família”.

⁴¹Vale ressaltarmos que se trata de um nome fictício dado por nós, a fim de resguardarmos a identidade do adolescente.

atendido pelo “Programa Fica Vivo!”. A direção da unidade nos dirigiu uma demanda para realizarmos uma roda de conversa com esses adolescentes que tinham entre 13 e 16 anos e aguardavam uma decisão judicial a respeito de seu cometimento de ato infracional. Na grande maioria dos casos, acentuavam-se os delitos de roubo, furto e associação ao tráfico de drogas.

A proposta da conversa com esse grupo de adolescentes foi então a de dialogarmos sobre quais os aspectos predecessores que os trouxeram até aquela situação de internação provisória e refletirmos sobre as perspectivas futuras que eles tinham ao sair dali. Essa sugestão de atividade pode ser considerada sob a iluminação da conversação, ferramenta metodológica de pesquisa em psicanálise que “[...] tem na ‘associação livre coletivizada’ o ponto forte de sustentação.” (MIRANDA; VASCONCELOS; SANTIAGO, 2007, p. 7, grifo das autoras). De acordo com Santiago (2008), este dispositivo sugerido por Jacques-Alain Miller abre o campo para a circulação da palavra em grupo, de modo que os donos dos significantes não são os pesquisadores, mas, neste caso, os adolescentes que por meio dos significantes compartilhados, significam suas inquietações e expectativas.

A partir de uma escuta ativa inspirada na metodologia da conversação, a atividade com esses adolescentes no CEIP teve, sobretudo, o intuito de promover um debate que favorecesse a reflexão e a participação efetiva dos adolescentes. Desta maneira, acredita-se que seja possível uma interação social co-construída por “[...] uma prática de fala distinta da praticada no dia-a-dia, e, a partir dela a produção de um saber em que a responsabilidade de cada um dos que estão nela envolvidos encontra-se engajada.” (RUBIM; BESSET, 2007, p. 45).

Com o intuito de encontrarmos um ponto de partida menos formal para iniciarmos nosso bate-papo, reproduzimos algumas músicas do funk ostentação identificadas como hinos pelos adolescentes que havíamos acompanhado pelo “Fica Vivo!” que, tão logo, também foram enaltecidas pelos doze adolescentes que estavam na sala. Ao notarmos então a cantoria em massa, iniciamos nossa conversa, questionando-os sobre se eles percebiam alguma influência do funk ostentação na vida deles até aquele momento.

Nesta ocasião, um adolescente em específico nos despertou atenção ao responder, com anuência dos demais, que: “a gente também quer ostentar. Aí vem o funk que parece entrar na nossa mente e diz que a gente pode”. Este adolescente era Guilherme, 13 anos, com passagem pelas medidas socioeducativas por sua reincidência no cometimento de ato infracional

análogo ao crime de roubo e morador de um aglomerado comandado por traficantes de drogas na cidade de Belo Horizonte.

Ao escutarmos esta afirmação de Guilherme, demarcamo-la como um ponto-chave para nossa reflexão sobre o possível lugar do funk ostentação na dinâmica psíquica desse adolescente em conflito com a lei. Através da nossa orientação pela pesquisa em psicanálise, o entrelaçamento do funcionamento psíquico e dos fenômenos sociais que se apresentam especificamente na adolescência, tem na música, como manifestada por Guilherme, um ponto de localização do adolescente se fazer sujeito. Inspirados também pela proposta psicanalítica de construção do caso clínico, compreendemos então que “[...] a maneira de fazer o sujeito existir é trazer à cena do tratamento o sujeito do inconsciente que se apresenta por meio de seu sintoma.” (FIGUEIREDO, 2004, p. 78).

Assim, as letras do funk ostentação apontadas pelos adolescentes como hinos nos fazem ponderar que não se trata de uma escolha musical aleatória, mas comportam em si uma proporção representativa daquilo que eles identificam como sendo sua própria verdade. Em específico, ao escutarmos a assertiva de Guilherme e termos observado a concordância dos demais adolescentes presentes na atividade no CEIP, isso nos inspirou a sintonizar o argumento cartesiano “penso, logo, sou” às premissas atuais da sociedade de consumo. Desse modo, o sujeito contemporâneo parece ser amparado, conforme nos indicou a fala de Guilherme, pela alegação “posso, logo, ostento”. Ao considerarmos isso, evidenciamos a existência de uma *cultura do narcisismo* (LASCH, 1983) onde todos os olhares se voltam para a “vitrine” que não é senão o próprio eu que pode e quer ostentar tudo.

Neste sentido, cabe-nos salientar a introdução ao conceito de narcisismo estabelecida por Freud em 1914, como forma de assimilarmos o que podemos observar com Guilherme e os demais adolescentes sobre o funk ostentação como sendo-lhes uma forma de laço. Essa assimilação da prática com a teoria, por sua vez, nos aponta para aspectos fundamentais da constituição do sujeito que, para a psicanálise, sobretudo pelo estatuto de conceito dado a partir da teoria lacaniana, somente poderá se constituir através do campo da linguagem.

Ainda que nos textos freudianos não encontramos de maneira explícita uma referência a esta dimensão simbólica, desde o seu *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1895) já concebia uma percepção do funcionamento psíquico que nos levaria assentir com a noção de sujeito tão cara aos psicanalistas⁴². Para tanto, além de lançarmos mão do conceito

⁴²Compreendemos, por este viés mais uma vez, que o *sujeito é o sujeito do inconsciente* em sua subsistência, diferenciando-se do indivíduo e também do eu que, para Lacan (1954-1955/1985), é atribuição do imaginário. Evidenciamos, pois, a concepção de sujeito trazida primeiramente pelo segundo ensino lacaniano, cuja dimensão

freudiano de narcisismo, achamos relevante a menção a outro conceito primordial trazido pela psicanálise freudiana, qual seja, o *complexo de Édipo*.

Nesta direção, é possível traçarmos uma trajetória do processo de subjetivação que nos leva a refletir sobre como os adolescentes têm (re) inventado suas saídas frente ao empuxo capitalista colocado pela pós-modernidade. Mesmo cercados por tantas outras contingências, eles encontram no consumo e na criminalidade, evidenciados pelo *funk ostentação*, uma tentativa própria de solucionar os impasses que emergem com o advento da puberdade. Reconhecemos, entretanto, que “essa solução implica um arranjo, uma composição ou um estilo de resposta que marca o ponto em que o sujeito não se adequa à civilização e tampouco resolve plenamente seu embaraço com o corpo sexuado.” (GUERRA et. al., 2014, p. 171).

Destarte, trataremos primeiramente do mito grego escrito por Sófocles que o pensamento freudiano lançou mão para descrever uma das problemáticas mais importantes para a teoria psicanalítica em geral. Antes mesmo de conceituar o Édipo enquanto um complexo decisivo para a estruturação do sujeito diante o seu processo de sexuação, no *Rascunho N da Carta 64* endereçada a Fliess, Freud (1897/1996) mencionou o seu presságio de que tão logo descobriria a gênese da moralidade, ao descrever a seu correspondente um sonho cuja referência se fazia aos extremos sentimentos para com sua filha mais velha Mathilde. Para o psicanalista, o sonho seria a manifestação do seu desejo em constatar a existência de um pai, agente da neurose.

O sonho não nos parece tão claro, pelo menos no que tange à vinculação entre o sonho e o pai como o causador da neurose. Entretanto, a seqüência (sic) das cartas e o conhecimento do desenvolvimento da teoria sobre o complexo de Édipo possibilitam-nos uma releitura do sonho, seguindo a lógica do “a posteriori” (*Naschträglich*), que abre o campo para novas significações. O sonho erótico com sua filha conduziu Freud à mitologia grega e, assim, no rascunho N, aparece a idéia (sic) da hostilidade contra os pais como elemento integrante da neurose, idéia (sic) proveniente do mito de Édipo. O adendo da carta 64 finaliza com a afirmação de que, em benefício da comunidade, os sujeitos devem sacrificar sua liberdade sexual [...] e a base para a constituição da civilização encontra-se nessa renúncia. (MOREIRA, 2004, p. 220, grifos da autora).

da linguagem marca a fundação do sujeito do inconsciente, que, posteriormente, em seu terceiro e derradeiro ensino, embora ainda sustentado pelo simbólico, é atravessado pelo real que o faz emergir como *corpo de gozo*, constituindo-se enquanto *falasser* (LACAN, 1975-1976/2007).

A problemática edipiana é descrita na teoria freudiana como um destino (tal como o mito narrado por Sófocles) do qual nenhuma criança passará isenta, uma vez que se trata de um dos pilares para a constituição do sujeito. Se é possível assim resumi-lo, o Édipo seria a experiência vivida na infância, cujo desejo sexual está direcionado para a pessoa do sexo oposto e rivalidade para com a pessoa do mesmo sexo, referindo-se ao par parental. Exige-se da criança neste momento um certo ajuste do seu desejo sexual, levando-nos a conceber o Édipo como a passagem conflituosa que “transforma” o desejo até então incontrolável, em um desejo sociabilizado, cuja percepção de uma Lei que o limita jamais poderá dar a total satisfação, a qual, um dia, acreditamos que fôssemos capazes de ter. Essa fantasia ficará registrada no inconsciente e acompanhará a vida da criança até à idade adulta.

Isto posto, o termo *complexo de Édipo* é assim anunciado no artigo sobre *Um Tipo Especial da Escolha de Objeto feita pelos homens* (FREUD, 1910b/1996). Cabe-nos ressaltar que nesta pesquisa buscamos dimensionar justamente quais as implicações que a trama edípica tem sobre o sujeito estruturalmente neurótico e do sexo masculino, haja vista que a nossa investigação se baseia no perfil majoritário dos adolescentes retratados no relatório do CIA-BH e na experiência com o “Programa Fica Vivo!” já mencionados por nós. Inicialmente, Freud (1900/1996) comparou o processo masculino com o feminino, isto é, a criança do sexo masculino tinha em sua mãe o seu primeiro objeto de amor, enquanto para a criança do sexo feminino, essa função figurava-se no pai, disputando, portanto, o amor deste com sua mãe. Tal noção o norteou até meados de 1920, quando indicou que “[...] em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe.” (FREUD, 1923, p. 45).

Em 1925, Freud trouxe uma das mais significativas mudanças a este respeito em sua obra; a diferenciação que ele fez entre o complexo de Édipo e o *complexo de castração*⁴³ para os meninos e para as meninas. Considera-se, pois, que nos meninos, o complexo de Édipo é desfeito pelo complexo de castração, enquanto que nas meninas, a trama edípica é introduzida pelo complexo de castração, esclarecendo “[...] que o complexo de Castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele limita a masculinidade e incentiva a feminilidade.”

⁴³De acordo com o *Dicionário de Psicanálise* (ROUDINESCO; PLON, 1998), “Sigmund Freud denominou complexo de castração o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos.” (p. 105). Inicialmente, Freud observou que toda criança atribuía a todos os indivíduos (masculinos e femininos), um pênis o qual o menino já reconhece em seu próprio corpo. Em 1923, a obra freudiana inseriria o complexo de castração no seu desenvolvimento da teoria da sexualidade, sendo que, “nesse momento, foi relacionado com o complexo de Édipo e reconhecido como universal.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 105).

(FREUD, 1925/1996, p. 285). Todavia, vale salientarmos que, sob os aspectos da pós-modernidade, podemos conceber mudanças significativas nas configurações familiares e socioculturais que não mais seguem os mesmos modelos cuja origem das teorizações freudianas sobre o complexo de Édipo se deu. É neste cenário pós-moderno que Guilherme e outros adolescentes encontram no funk ostentação um amparo para seus arranjos pulsionais que, com o declínio da Lei simbólica, fazem ecoar os ditames imaginários e difusos do capitalismo. Logo:

Na época das teorizações de Freud sobre o Complexo de Édipo, a composição familiar demarcava lugares e funções, dando consistência ao Outro, sendo os valores universais e incontestáveis. Com a destituição do chefe de família, a lei deixou de possuir a radicalidade de outrora, passando a ser algo negociável e de caráter temporário. Como diz Miller (1996), são tempos em que o “Outro não existe”. Na contemporaneidade os sujeitos estão em busca de outros ideais identificatórios para se orientar quanto ao campo do desejo e do gozo. A saída proposta ao desamparo gerada pela morte do pai é a fraternidade, ninguém se oferece como líder para não correr o risco de “morrer”, todos seguem igualmente as determinações da moda, do consumo, que são formas de controle de massas, estas são as novas legalidades. Quando o jovem furta um objeto ele está tentando se adequar a estas regras, mesmo que por vias marginais, já que o que importa é alcançar o objetivo de “salvar-se do desamparo”. (XAVIER; FERREIRA; PARAVIDINI, 2011, p. 49-50, grifo dos autores).

Mas antes de trazermos uma leitura mais pontual acerca desta relação subjetiva do adolescente em conflito com a lei e o contexto pós-moderno, traduzida pelas letras do funk ostentação conforme nos revelou Guilherme, retomamos aos preceitos da trama edípica que, pela obra lacaniana nos foi apresentada através de três tempos. Além disso, a problemática lacaniana sobre o Édipo acrescentou um quarto elemento à tríade mãe-criança-pai, qual seja, o falo. No ponto de vista lacaniano, então, no primeiro tempo do Édipo a relação entre mãe e filho é tracejada pelo falo, enquanto o pai se encontra velado mediante desejo da mãe. Nesse momento, a criança acredita que é tudo para mãe, ou seja, o que está em jogo é *ser* o falo (aquilo que falta à mãe).

Com a intervenção efetiva do pai, o segundo tempo do Édipo faz surgir o primeiro registro da lei para a criança, quando, em *Nome-do-Pai*, ela se dá conta de que *não* pode ser o falo. Assim, a operação simbólica do não-paterno priva tanto o filho de seu objeto de desejo, quanto a mãe de ter o filho na qualidade de seu objeto fálico. A lei da castração está inscrita e,

dessa forma, coloca para a criança a dimensão da falta: a falta da mãe, revelada pela interdição paterna e, a sua própria falta (LACAN, 1957-1958/1999).

Já no terceiro tempo do Édipo, a castração simbólica acontece através da onipotência concedida ao pai, como aquele que detém o que a mãe deseja. Então, para a criança interessa *ter* o falo. Sob a identificação a um ideal do eu, aparece a divisão entre *masculinidade* e *feminilidade*, fazendo com que a criança do sexo masculino se identifique ao falo paterno, buscando tê-lo também. Com essa submissão metafórica à imagem do pai, seguindo a orientação lacaniana, a trama edípica se declina para o menino. Dito isto, o que nos interessa em específico é a assimilação lacaniana sobre o primeiro tempo do Édipo que por esta orientação teórica, trata-se da saída do *estádio do espelho*, momento este em que o eu deixa de ser um corpo vivente para ser sujeito, uma vez que é marcado pela palavra e pelo desejo do outro (LACAN, 1953-1954/1994). Com isso, o *tempo especular* apreendido por Lacan (1949/1998), articula o imaginário, o simbólico e o real enquanto campos subjetivos para o *estádio do espelho* que, para ele, se divide em dois momentos: *alienação* e *separação*.

O primeiro, a alienação, se refere à experiência vivenciada pelo bebê como sendo um corpo despedaçado, não existindo ainda como uma unidade corporal, mas como uma identidade simbiótica com o corpo da mãe. Após esse momento de alienação, há de acontecer a separação desses corpos para que o bebê possa então eleger outro objeto de satisfação. A criança então, ao separar-se do corpo da mãe, passa a se reconhecer através da sua *imagem especular* refletida que, somente se apontada pelo olhar do outro, alcança esse reconhecimento. Isto porque, a *metáfora do espelho* só viabilizará para a criança o reconhecimento da sua imagem, como outra que não a de sua mãe, a partir de uma relação com um terceiro, o *Outro*, significante decisivo que marcará o corpo infantil, possibilitando, assim, o processo constitutivo do sujeito. Primeiramente, a criança está assujeitada ao registro imaginário até chegar a um segundo momento do processo identificatório decisivo para sua constituição, ou seja, ela começa a perceber, a partir da imagem do espelho, que há uma diferença entre a imagem do outro real e o outro. Segura que o reflexo do espelho é imagético e que se trata dela mesma, a criança estrutura para si uma identidade corporal primordial para o seu processo de subjetivação. O *estádio do espelho* torna-se, portanto, o prenúncio do sujeito, inaugurado pelo complexo de Édipo (LACAN, 1949).

Nesta sequência, podemos aludir este momento como sendo a passagem do autoerotismo ao *narcisismo*, conceito este de suma importância para a psicanálise desde a sua criação e que nos é, particularmente, valoroso nesta pesquisa, pois, é a partir dessa conceituação freudiana que nos referimos ao caso de Guilherme. Ainda que de modo não

explícito, esta concepção coloca a questão da alteridade para a constituição do sujeito sob o viés psicanalítico, possibilitando-nos assim não somente refletir sobre “[...] as dimensões alteritárias subjacentes às intrincadas tramas psicopatológicas investigadas por Freud na constituição da subjetividade, como, também, revelar as vicissitudes da alteridade no interior da reflexão sobre a cultura.” (MOREIRA, 2003, p. 253-254).

No contexto da sociedade de consumo, todavia, essa alteridade aparece malograda pela abundância de marcas e estilos de roupas, acessórios, automóveis, bebidas e outras drogas que se destacam para os adolescentes como representações daquilo que cada um deles gostaria de ser, ou melhor, de ter para então aparecer e assim ser reconhecido socialmente. Uma das músicas apresentadas para os adolescentes na atividade no Centro de Internação Provisória, foi *Vida Bandida 2* de MC Smith; Guilherme e os outros onze adolescentes que ali se encontravam nos demonstraram saber de cor os compassos daquela canção que, segundo eles, era um dos hinos do funk ostentação. Destacamos aqui um trecho dessa música, a fim de ponderarmos sobre como ela pode traduzir para esses adolescentes, especialmente para Guilherme que nos anunciou o que internamente já não “abaixava o seu volume”, isto é, a diretriz do capitalismo de consumir e ostentar, preconizada sem restrições.

Whisky Royal Salute, garrafa de porcelana
Gasta 20, 30 mil todo final de semana
Do alto do camarote chovia nota de 100
Eu portava equipamento que nem a polícia tem
Segurança máxima do lado, arsenal muito pesado
E o bloco mais afiado
Exército fardado de Lacoste ponta a ponta na favela
Que desafiou a morte para vencer a miséria
[...]
Amante do dinheiro e do perigo, mal exemplo a ser seguido
Maquinista do trem bala, odiado e perseguido, porém
Mas com o sistema o desabafo é no gatilho

Eu não tô desamparado, porque Deus é meu juiz
Jesus Cristo advogado, amém

A exemplo desta letra muito celebrada entre os adolescentes, podemos identificar objetos de consumo que os fascinam por seus altos valores pecuniários, como o whisky em garrafa de porcelana que é sinônimo de luxo no setor de bebidas alcoólicas. Além da marca que, com um “crocodilo verde” estampado em suas roupas e acessórios, se tornou um símbolo de garbo entre pessoas das mais altas classes sociais. Pela posse de armas e do lugar mais “VIP”⁴⁴ em uma festa, o sujeito contrai os olhares para si, ao se tornar, pelo seu envolvimento e prestígio no mundo do crime, um “exemplo a ser seguido”. Por meio dessa proteção camuflada em objetos de consumo, o adolescente acredita estar amparado por esses condutos de felicidade plena, tal como anunciados pelo capitalismo. Com isso, detém de todo poder, logo, tem-se a própria imagem como um ideal indestrutível de perfeição. Como nos afirmou Guilherme, esses compassos cadenciados pelo funk ostentação permitem o adolescente crer que ele também pode ostentar, ocupando um lugar em sua economia libidinal que sustente o seu ato enquanto possibilidade de acessar as posses e o prestígio. No caso de Guilherme, o seu envolvimento com a criminalidade, por meio do cometimento de roubos, o fez até desafiar “a morte para vencer a miséria”.

O adolescente se sentindo “odiado e perseguido” passa a crer que “com o sistema o desabafo é no gatilho”, assim, vê-se irredutível e não recua diante da “lei dos homens” por acreditar que não está “desamparado”, já que “Deus é seu juiz e Jesus Cristo, seu advogado”. Com o que escutamos de Guilherme, notamos que ele confia no poder que tem ao trajar-se com uma arma e com roupas e acessórios de marcas exaltadas pela sociedade do consumo. O adolescente nos pareceu evidenciar assim o caráter intransigente do próprio eu que, na pós-modernidade, se confirma enquanto “a majestade, o consumidor”. Este grifo nos parece, sobretudo, pertinente à introdução ao conceito freudiano de *narcisismo*.

Porém, antes de chegarmos à discussão propriamente sobre o narcisismo, é preciso mencionar que anteriormente ao ano de 1914, o eu era compreendido pela obra freudiana como sendo uma instância subjetiva desprovida de conflitos e com a finalidade de contenção e regulação da libido diante da realidade (primeiro dualismo pulsional: pulsão sexual – pulsão do eu / de autoconservação), cuja assexualidade do eu é assim assentida. Nesta direção, Freud (1914) promoveu uma cisão em sua teoria pulsional difundida até então, ao defender a

⁴⁴Sigla em inglês para *Very Important Person*, que em tradução literal para o português significa “pessoa muito importante”, designada a pessoas influentes e/ou locais de luxo.

possibilidade de um investimento sexual no próprio eu, diferenciando-se da primeira ideia de que o eu seria assexuado e original, cuja noção perpassa, como já mencionado, o conceito de autoerotismo desenvolvido no ensaio teórico sobre a sexualidade infantil.

Por mais que o termo narcisismo tenha sido empregado em textos anteriores, é somente em 1914 que ele surge em sua plenitude conceitual. Baseando-se no mito grego de Narciso, filho do deus-río Cefiso e da ninfa Liríope, viria se tornar um rapaz muito bonito e atraente. Mas, segundo a revelação de um oráculo, teria sua vida abreviada se caso visse seu próprio rosto. Tempo passado, muitas ninfas se sentiram desprezadas pela arrogância de Narciso em não corresponder ao seu amor. Sendo isto observado por Nêmesis, a deusa da vingança e da justiça, condenou Narciso a um infeliz decesso: ao ver seu rosto refletido nas águas límpidas de uma fonte (porém sem saber que aquele reflexo era de si próprio), ele se apaixonou por aquela imagem, que mesmo correspondendo-o no olhar, fugia-se quando ele tentava lhe tocar. Ao ficar dias a contemplá-la, sem água e alimento, seu corpo foi se definhando até sua morte. Tornou-se uma bela flor de cor arroxeadada à beira da fonte; ficando conhecida por seu nome ainda hoje⁴⁵.

Cabe-nos, portanto, salientar a abordagem do narcisismo em sua formulação teórica de 1914, ao ser anunciado como “[...] o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.” (FREUD, 1914, p. 81). Tão logo, o surgimento do narcisismo enquanto conceito neste momento, coloca uma questão quanto à distinção a ser feita entre a libido sexual e a não-sexual. Como supusera Freud antes dos seus trabalhos metapsicológicos, a pulsão do eu não continha investimento sexual, porém, com a introdução ao narcisismo, o que está em jogo é a libido enquanto energia substancialmente sexual e irrefutável no funcionamento do psiquismo.

No ano anterior, isto é, em 1913, ao escrever *Totem e Tabu*, Freud já havia feito uma significativa menção ao narcisismo como o momento situado entre o autoerotismo e as escolhas objetais, momento este quando o sujeito se porta “[...] como se estivesse amoroso de si próprio [...]” (FREUD, 1913a, p. 99). Ainda que nesta época o psicanalista assumisse não

⁴⁵Referência descrita com base no texto do Laboratório de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito_filosofia_arquivos/narciso.pdf>.

ter condições para analisar pontualmente tal fase, a reconhece como sendo aquela em que as pulsões sexuais, até então desagregadas, se congregam e catexizam o eu como objeto, suspeitando, pois:

[...] que essa organização narcisista nunca é totalmente abandonada. Um ser humano permanece até certo ponto narcisista, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido. As catexias de objeto que efetua são, por assim dizer, emanações da libido que ainda permanece no ego e pode ser novamente arrastada para ele. A condição de apaixonado, que é psicologicamente tão notável e é o protótipo normal das psicoses, mostra essas emanações em seu máximo, comparadas com o nível do amor a si mesmo. Os homens primitivos e os neuróticos [...] atribuem uma alta valorização – a nossos olhos, uma *supervalorização* – aos atos psíquicos. Essa atitude pode perfeitamente ser relacionada com o narcisismo e encarada como um componente essencial deste. Pode-se dizer que, no homem primitivo, o processo de pensar ainda é, em grande parte, sexualizado. Esta é a origem da sua fé na onipotência dos pensamentos, de sua inabalável confiança na possibilidade de controlar o mundo e sua inacessibilidade às experiências [...] que poderiam ensinar-lhe a verdadeira posição do homem no universo. Com relação aos neuróticos encontramos que, por um lado, uma parte considerável desta atitude primitiva sobreviveu em sua constituição e, por outro, que a repressão sexual que neles ocorreu ocasionou uma maior sexualização de seus processos de pensamento. (FREUD, 1913a, p. 99-100, grifo do autor).

Ao afirmar que o narcisismo é disposição crucial à formação do eu, Freud (1914) apresentou sua tese de que existiria um *narcisismo primário* e normal, consentindo com a ideia de haver um investimento libidinal sobre o eu que seria, posteriormente, dirigido para os objetos. Diferentemente da psicose (desinteresse pelo mundo externo), na neurose, mesmo podendo ter um desligamento da realidade, esta não é de um todo suspensa; a conexão erótica entre as pessoas e as coisas são mantidas pela fantasia, sendo substituídos os objetos reais por imaginários. O estudo das parafrenias indica que os sujeitos psicóticos retirariam sua libido da realidade sem o recurso da fantasia, tendo como seu destino libidinal o próprio eu, dando origem, por exemplo, aos delírios de grandeza, cuja definição feita por Freud corresponde à de narcisismo. Tal estado de megalomania seria a extensão de algo já existente; este retorno para o eu dos investimentos anteriormente direcionados aos objetos é o que Freud (1914) denominou de *narcisismo secundário*.

A conclusão de Freud (1914) é a de que o eu é investido libidinalmente desde a sua origem, sendo, posteriormente, uma parcela dessa libido confluyente aos objetos, apesar dessa libido permanecer, substancialmente, detida no eu. Desse modo, coloca-se a questão sobre qual seria a relação entre o narcisismo e o autoerotismo, a qual Freud afirmou que nenhuma unidade comparável ao eu poderia existir no indivíduo desde o princípio, logo, o eu tem que ser desenvolvido. Supõe-se ser necessário então “[...] que algo seja adicionado ao autoerotismo (sic) – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.” (FREUD, 1914,

p. 84). O acréscimo ao autoerotismo sugerido nesta citação de Freud, seria, portanto, o eu. Ao que se refere à escolha objetual, Freud distingue dois tipos, embora um não seja excludente do outro: *anaclítico* e *narcísico*. No primeiro, a criança faz a escolha do seu objeto sexual tendo como referência as pessoas responsáveis pela sua alimentação e proteção; no segundo, a criança toma ela mesma como objeto de amor e, ao amar alguém o faz conforme: “(a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.” (FREUD, 1914, p. 97).

Outra importante formulação freudiana corresponde à distinção entre *eu ideal* e *ideal do eu*. Para Freud (1914), o eu ideal seria decorrente do eu real experienciado na infância, cujo amor a si mesmo é fruto da crença de que se possui toda a perfeição, logo, o indivíduo “[...] se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância [...]” (FREUD, 1914, p. 100). No entanto, ao se deparar com as repressões do mundo externo e também internamente, se vê diante da impossibilidade de conservar tal perfeição. Com isso, o indivíduo projeta o seu ideal do eu como forma de recuperar o narcisismo perdido na sua infância “[...] na qual ele era o seu próprio ideal.” (FREUD, 1914, p. 101).

É a partir dessa noção de ideal do eu que vamos encontrar, posteriormente, as elaborações freudianas que irão consolidar a sua segunda tópica, cujo artigo de 1914 teve grande influência ao trazer uma nova concepção do eu, sendo imprescindível para a discussão do dualismo pulsional, como já apresentada por nós. Sob este viés, então, nos são colocadas questões acerca dos processos de subjetivação emaranhados nessas manifestações e organizações que a clínica contemporânea tem se deparado seja no *setting* analítico ou nos espaços institucionais que acolhem tais sujeitos, neste caso específico o Centro de Internação Provisória onde Guilherme e os demais adolescentes aguardavam uma decisão judicial em relação ao ato infracional cometido por cada um.

O universo da cultura, por este viés, aparece como um espaço privilegiado entre os adolescentes de nos mostrarem suas singulares e “[...] diferentes formas de se expressar e de se colocar diante do mundo.” (DAYRELL, 2002, p. 119). Ainda segundo Juarez Dayrell (2002), “para melhor compreensão dos significados que os jovens pesquisados atribuem à vivência dos estilos *rap* ou *funk*, é necessário contextualizar a realidade deles, apreendendo a

forma como elaboram o conjunto das expressões que vivenciam no cotidiano.” (DAYRELL, 2002, p. 121). Na contemporaneidade onde encontramos mudanças significativas nos referenciais simbólicos, a propensão ao ato (VIOLA; VORCARO, 2013) se manifesta como uma via possível para os adolescentes que conhecemos na atividade no CEIP, em específico no caso de Guilherme, para quem os recursos simbólicos já se encontravam precários devido à sua realidade social. Destarte, fazemos coro às autoras, ao nos questionarmos então como o adolescente “[...] fica neste tempo de oferta generalizada de gozo e de objetos descartáveis, de uma fragilização crescente dos referenciais e dos enlaces sócio-afetivos (sic)?” (VIOLA; VORCARO, 2013, p. 462).

Ao considerarmos o que Lacan (1968-1969/2008) falou sobre a propagação de objetos ofertados pela concretização do capitalismo enquanto discurso, interferindo no estabelecimento dos laços sociais, compreendemos que o *funk ostentação* aparece assim “[...] como janelas sonoras que nos permitem acesso a uma perspectiva específica sobre a contemporaneidade.” (GOD, 2016, p. 5). Especialmente para os adolescentes que nesse período de transição despertam em si exigências pulsionais frente ao real do corpo e a uma nova escolha objetual, a música, ou melhor, o funk ostentação lhes serve, como demonstrado por Guilherme, enquanto via de tradução dos empuxos aos quais esses sujeitos são lançados. A experiência do desamparo que parece se acentuar na adolescência e neste mundo contemporâneo onde os ideais e as referências simbólicas se encontram em declínio, é bordada por um imperativo superegóico que organiza as relações entre os seres humanos de maneira a considerar o outro uma ameaça para o próprio gozo, que é sublinhado na pós-modernidade por aspectos cada vez mais narcísicos. Para Birman (2017), a ampliação do conceito de narcisismo como *modo de ser* na sociedade atual, seja em espaços clínicos e/ou sociais, nos leva a crer que o narcisismo se impôs “[...] efetivamente como um problema real na contemporaneidade.” (BIRMAN, 2017, p. 12).

A trajetória constitutiva a qual leva o sujeito a se desligar das referências infantis, abrindo caminho para a puberdade, faz a problemática edípica ressurgir para o adolescente que, dentre outros impasses, haverá de reeditá-la de modo a superar o seu narcisismo primário, investindo em novos objetos (não mais ligados ao par parental). No momento da adolescência, o sujeito se torna então mais aliciado pelo discurso dominante por estar transitando por suas referências objetais, na busca de dar-se um lugar para suas vicissitudes pulsionais. Nesses *tempos sombrios*, assim considerados por Costa (1988), há uma derrocada dos princípios sociais e de justiça, prevalecendo então as representações e imagens conservadoras do eu narcísico de que “tudo pode”, tal como afirmado por Guilherme. Por

meio do funk ostentação, sobretudo, intercorre no adolescente uma certeza que o autoriza ostentar, uma vez que seus ditames, assim como os do capitalismo, são “para todos”.

Na azáfama em corresponder aos ideais socioculturais do consumo narcísico e hedonista proclamados na pós-modernidade, o adolescente se lança repetidamente em condutas de risco (LE BRETON, 2012; LACADÉE, 2011) que o deixa em contato direto com os objetos e lugares privilegiados entre seus pares. O envolvimento permanente com a criminalidade, especificamente com o cometimento de roubos, furtos e a associação com o tráfico de drogas, não é uma conduta exclusiva dos adolescentes, tampouco, o funk ostentação é uma predileção musical restrita a esse público. Mas onde lhes faltam recursos simbólicos enquanto bordas à pulsão, o ato de lançar-se repetidamente nessas condutas de risco (LE BRETON; LACADÉE, 2011) conclamadas em alto e bom som pelas letras do funk ostentação como o meio de exibir-se e ser reconhecido pelos bens e status fruídos, “[...] não diz da desintegração do ser vivo, mas da forma ruidosa que ele encontra para se preservar na cultura.” (FERRARI, 2006, p. 56).

Ao resgatarmos a argumentação da antropóloga Alba Zaluar (1994) e articulá-la à nossa pesquisa, de modo particular à afirmação de Guilherme de que ele e os demais adolescentes também fazem parte do “bonde da ostentação”, consideramos que não só a posse de armas, o montante acumulado de dinheiro e *gadgets*, mas, acima de tudo, “a roupa parece ser o objeto de consumo que, *do ponto de vista individual*, oferece a oportunidade mais clara e acessível para fugir à identificação de pobre, ou pelo menos a ilusão de poder fugir dessa identificação.” (ZALUAR, 1994, p. 103, grifos da autora).

Mesmo sendo cópia e não original, pois, o que importa é *parecer que tem*, como qualidade peculiar à sociedade do espetáculo depreendida por Guy Debord (1967), os adolescentes como Guilherme buscam se adornar desses indumentos como tentativa de desviarem-se dos estigmas que “ninguém quer ter”, ou seja, ser “excluído e pobre”. Por intermédio do funk ostentação, conseqüentemente, encontram um meio que justifica e traduz para eles, os imperativos pulsionais que na pós-modernidade fazem ecoar a ordem social de consumir, ostentar e gozar irrestritamente. Nestas circunstâncias, a música extrapola a característica de ser apenas uma junção entre letra e melodia, tornando-se, acima de tudo para esses adolescentes como Guilherme, um enunciado que os leva a acreditar então que tudo

podem, especialmente por pertencerem ao mundo do crime. Contudo, mesmo com essa crença narcísica de “poder tudo” e de satisfação plena ao consumir e ostentar os *gadgets* cobiçados na contemporaneidade, considerando a perspectiva freudiana na primeira tópica, o retorno em direção ao próprio eu do indivíduo (FREUD, 1915a), se constitui como:

[...] uma experiência desagradável, porque o princípio de constância constitui um dos registros que regem o aparelho psíquico. Esse represamento fere o princípio de constância. O retorno da libido para o próprio eu pode produzir um desprazer, uma vez que eleva o nível de excitação, tornando, pois, absolutamente necessária para a vida psíquica a presença do outro como objeto de investimento da libido. O excesso pulsional que surge a partir da ausência do outro, que opera a contenção, produz a loucura. O transbordamento produz o desconhecimento do eu sobre ele mesmo; o eu se quebra e se estranha sem a presença estruturante do outro. (MOREIRA, 2009, p. 239).

Como uma saída que busque, por sua vez, a presença desse outro como caráter essencial à sua constituição, o adolescente pode eleger uma via menos mortífera do que a criminalidade, porém, não menos sem marcas para ele. Apesar de o funk ostentação ainda ser um gênero musical constantemente estereotipado pelas classes dominantes, essa expressão artística pode se despontar para o adolescente como uma alternativa de se (re) compor diante do outro. Assim, tornar-se compositor e intérprete desse ritmo tem uma certa notoriedade entre seus pares, nos apontando uma possibilidade outra do adolescente fazer laço com a música. Deste modo, apresentamos a leitura do segundo caso que guiou nossa investigação acerca do lugar que o funk ostentação pode ocupar na economia psíquica no transcorrer da adolescência, em especial quando se depara com a criminalidade como atuação privilegiada para corresponder aos ideais socioculturais e individuais. O caso de MC Saulo⁴⁶, portanto, nos conduziu às concepções freudianas acerca da vicissitude pulsional da *sublimação*, conceito este que nos norteará na discussão do próximo tópico.

4.3. Sublimação: um destino possível para a ostentação

Dentre as atividades ofertadas pelo “Programa Fica Vivo!”, as oficinas de esporte, cultura e lazer são estratégias fundamentais para a aproximação entre a equipe e os adolescentes moradores das comunidades onde o programa atua. Além disso, são espaços oportunizados para o adolescente poder expressar suas singulares habilidades por meio de ofícios que apresentam outros caminhos que ele poderá trilhar que não o da criminalidade.

⁴⁶Nome fictício.

Geralmente essas oficinas são ministradas por moradores desses territórios, conhecidos como “oficineiros”. Enquanto parte da equipe técnica deste programa em um dos Centros de Prevenção à Criminalidade (CPC)⁴⁷ e por intermédio de dois oficinairos, ficamos conhecendo Saulo; adolescente de 15 anos que frequentava as oficinas de *Graffiti* e de *Break* e morava em um dos aglomerados assistidos pelo “Fica Vivo!”.

Vale ressaltarmos que as atividades de tais oficinas fazem parte das expressões artísticas difundidas pela *cultura hip-hop* que é composta: pelo *Graffiti* (arte de rua feita através de desenhos e/ou inscrições, geralmente em paredes e muros de espaços públicos); pela *Breakdance* (dança de rua criada como manifestação popular de jovens contra o movimento de gangues que tomava a cidade de Nova Iorque na década de 1970); pelo *Rap* (abreviação para “rhythm and poetry” – ritmo e poesia, gênero de música urbana ritmado por uma vertiginosa declamação de rimas que simbolizam, via de regra, questões cotidianas vivenciadas pela comunidade negra e das periferias) e pela *DJing* (atividade executada por um “disc jockey” (DJ), que seleciona e reproduz uma lista de músicas para um determinado público em eventos e/ou locais próprios para dançar). Como já visto com Neves (2016), o funk surgiu a partir dessas apropriações culturais.

Apesar das oficinas que Saulo participava não serem especificamente ligadas ao funk, o adolescente foi acolhido pelos oficinairos, que também eram MC’s, demonstrando um interesse particular pelo funk ostentação. Desde o nosso primeiro contato com Saulo, podemos observá-lo adornado com roupas e acessórios “da moda” e sua particular desenvoltura com a música. Incentivado pelos oficinairos, ele logo encetou suas próprias composições, com versos bem característicos do funk ostentação. Apresentando-se enquanto MC Saulo, o adolescente nos revelou seu objetivo em querer se tornar um compositor e intérprete deste estilo musical. Logo, ele nos disse: “eu quero me destacar pela minha música e não pelo destino que todo mundo traça pra nós”, referindo-se ao estigma que os adolescentes que moram nas periferias brasileiras carregam consigo, o de que a única chance “pra preto e pobre subir na vida é no crime”. É sabido que MC Saulo foi cooptado algumas

⁴⁷É como são conhecidos os espaços físicos onde as equipes do “Fica Vivo” e dos demais Programas da Política de Prevenção Social à Criminalidade se alocam.

vezes pelos comandantes do tráfico de drogas da “vila” onde ele morava e, com isso, até pensou “em fazer nome no mundo deles”.

No entanto, mesmo interessado em obter “fama e sucesso” e poder ostentar as roupas e acessórios, bem como frequentar o lugar mais VIP dos bailes funk, foi com a música que MC Saulo buscou transcender as normatizações socioeconômicas que poderiam fixá-lo em um lugar predeterminado no mundo do crime. Com isso, deixou-nos transparecer que a música compassada pelo funk ostentação parecia tracejar para ele uma certa manobra pulsional diante das prerrogativas adquiridas pelo consumo anunciado pelo capitalismo que:

[...] a partir da segunda metade do século XX, definida como *sociedade de consumo*, passou a atingir áreas até então deixadas de fora do mercado: os aspectos imaginários que compunham a identidade dos sujeitos passaram a ser reificados, e ideais como os de autonomia, liberdade e igualdade, herdados do Iluminismo, foram atualizados ou corrompidos no campo do consumo, sob a nova roupagem de uma felicidade individual, mensurável e visível aos olhos de todos, já que erigida em função do consumo de mercadorias (BAUDRILLARD, 1975) e mais, já que erigida em função do consumo de imagens, mercadorias-imagens democratizadas mais do que a mercadoria em si (KEHL, 2008). (SARTI; TFOUNI, 2013, p. 268, grifo das autoras).

Ao ser afetado pelo discurso dominante do capitalista, o sujeito está intrinsecamente vinculado à cultura, o que indica que sempre em contrapartida à sua satisfação pulsional, o sujeito se submeterá a um sacrifício (FREUD, 1930). Na tentativa de dar um destino à pulsão que o aflige, o sujeito, tal como MC Saulo, pode buscar no tratamento artístico das pulsões um meio de “[...] elevar o espírito e adocicar a barbárie a fim de se ter acesso a um ganho moral.” (CRUXÊN, 2004, p. 9). Assim, parece-nos irrefutável neste momento, tendo como referência o caso de MC Saulo, a menção acerca do conceito de *sublimação*, especificamente na teoria freudiana cuja definição o estabelece como um processo sem relação direta com a sexualidade, sendo o resultado do desvio ou inibição da pulsão sexual. Esta noção de um caminho direto de um estado para outro, nos remete à concepção de sublimação a partir da química difundida por Antoine Lavoisier durante o século XVIII, que corresponde à passagem direta de uma substância em estado sólido para o estado gasoso, sem passar pelo estado líquido.

Em uma tentativa de dar vazão ao circuito pulsional de uma maneira “desembolada”, isto é, sem rodeios, MC Saulo nos apresentou uma de suas músicas, a qual destacamos um trecho que ele mesmo nos autorizou reproduzir.

Porque nós gosta de fazer fumaça
O verdolado me deixou na inércia
E dessa brisa girei a nave moderna
[...]
Simplicidade a nave mais linda
Um esplendor na margem arrepia
A cidade favorece um jet
Elas se joga no toque dos chefe
Mentes brilhantes o dom de fazer milhão
Constantemente sempre a evolução
A ira vira forma de expressão
Simplifica na batida mensageiro da canção

Com significantes próprios da linguagem do funk, MC Saulo traduz em sua composição uma mudança de posicionamento, ou seja, se antes a onda era “fazer fumaça” com o “verdolado”, referindo-se ao consumo de maconha que o “deixava na inércia”, o giro da “nave” trouxe, por sua vez, a simplicidade como o “esplendor que arrepia”. Tomado por essa nova “brisa”, o “jet pela cidade” (o mesmo que dar uma volta pela cidade) é favorecido. Com sua música é possível então circular entre o morro e o asfalto sem se preocupar com os impedimentos que poderiam ter caso estivesse envolvido com a criminalidade em sua comunidade, cuja disputa pelo comando do tráfico de drogas acarreta certos limites e perigos para um “rolé tranquilo”. Além disso, MC Saulo nos deixa a mensagem na última estrofe do trecho destacado acima que “o dom de fazer milhão”, quer dizer, o sucesso e o prestígio pelas aquisições monetárias podem ser canalizados pelas “mentes brilhantes” que transformam a ira em “forma de expressão”. Mas, ao invés de se tornar mais um adolescente predestinado à criminalidade dominante em grande parte das favelas brasileiras, MC Saulo se fez um “mensageiro da canção”, apontando-nos assim, seu particular laço com a música.

Tal como fizemos com o caso de Guilherme, a nossa leitura acerca do lugar do funk ostentação na economia psíquica também no caso de MC Saulo, tem como base o método psicanalítico da construção de caso clínico. Embora não se trate de um material construído em

um *setting* propriamente clínico e, sem termos a pretensão de esmiuçar suas histórias de vida, consideramos que este método nos inspira na análise da música enquanto um fenômeno inconsciente desses adolescentes, pois, de maneira análoga à associação livre em um processo analítico, a letra compassada pelo funk ostentação nos aparece como um material que diz respeito às ficções e às fixações em que o sujeito se ancora. Por este ângulo, entendemos que:

A construção do caso clínico é uma construção democrática na qual cada um dos protagonistas do *caso* (os operadores, os familiares, as instituições) traz a sua contribuição, de uma forma que parecerá paradoxal somente àquele que está doente de tecnocracia e de modelos cibernéticos. Na realidade, trata-se de juntar as narrativas dos protagonistas dessa rede social e de encontrar o seu ponto cego, encontrar aquilo que eles não viram, cegos pelo seu saber e pelo medo da ignorância. Este ponto comum, a falta de saber, é o lugar do sujeito [...] (VIGANÓ, 2010, p. 2, grifo do autor⁴⁸).

O que nos norteia nesta dissertação, tal como pressupõe o método da construção de caso clínico, são os aspectos relacionados, especificamente, à economia psíquica do adolescente que nos apresenta o funk ostentação como uma expressão artística que, por sua vez, diz dele mesmo enquanto sujeito. É o adolescente quem nos indica a letra que compõe seu devir, seja na composição própria de MC Saulo, seja nas canções escritas por outros MC's identificados por Guilherme e demais adolescentes como "hinos". Ao trabalharmos com conceitos caros à psicanálise como o de narcisismo e o de pulsão, sustentamos o paradigma da clínica psicanalítica também nos casos que expomos, por estarmos lidando sempre com sujeitos do inconsciente. Por este viés, a fala torna-se a via pela qual o psicanalista pode ter acesso aos fenômenos inconscientes de cada sujeito em análise, com isso, tendo como base a condução metodológica supracitada e os cenários com os quais encontramos com esses sujeitos, especialmente os adolescentes como Guilherme e MC Saulo:

[...] no que se segue, a expressão 'fala' deve ser entendida não apenas como significando a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os outros métodos, por exemplo a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa. Assim sendo, pode-se salientar que as interpretações feitas por psicanalistas são, antes de tudo, traduções de um método estranho de expressão para outro que nos é familiar. (FREUD, 1913b/1996, p. 179, grifo do autor).

A familiaridade com que a música, de certa forma, nos traduz um determinado material inconsciente do sujeito que escutamos, pode ser considerada tão primordial na constituição subjetiva quanto a interpretação da linguagem onírica evidenciada por Freud

⁴⁸O grifo desta citação é acrescido pela seguinte nota: "o autor assinala a palavra *caso*, em latim *cadere*, "cair"; sair de uma regulação simbólica e, portanto, encontro direto com o real." (VIGANÓ, 2010, p. 9, grifos do autor).

(1913b). O funk ostentação enquanto expressão musical sintonizada à realidade social pós-moderna com a qual tais adolescentes se deparam, soa para eles como algo intimamente pertencente à sua própria realidade psíquica. De modo que a psicanálise transcendeu seus iminentes confins ao buscar estabelecer vínculos e/ou até mesmo cotejos com outros saberes, muitos deles ligados à arte, apesar de ter sido uma expressão artística não muito explorada pela psicanálise freudiana, esta nos abriu, assim, precedentes para tomarmos a música sob a lógica do inconsciente. Destarte, concordamos que “[...] a teoria psicanalítica é fundamentada, antes de tudo, na clínica e na tradução de uma cena que é essencialmente sonora, onde a fala, além dos significantes verbais, representa padrões de tom, timbre, ritmo e intensidade.” (DAVID, 2007, p. 27).

Apesar da nossa limitação analítica da música aos termos das letras que, como a composição de MC Saulo, traduzem traços integrantes do psiquismo do sujeito, renunciamos quaisquer determinações que sejam igualmente restritas a um único sentido que tais escrituras musicais têm para cada adolescente. Inspirados no que Weber (1999) nos asseverou sobre o seu método compreensivo, o nosso diálogo entre psicanálise e música, admitindo-se também a interface com a sociologia, concebe o funk ostentação como um dos possíveis tipos ideais, segundo as concepções weberianas, permitindo-nos analisar a relação entre o sujeito e a realidade social compassada pelo funk ostentação, sem remetê-la a uma noção pura de causalidades. Entendemos que quando é atribuída uma condição de causa-efeito entre os aspectos sociais e subjetivos, isto se deve ao fato de muitas vezes os cientistas e pesquisadores estarem imergidos em um discurso dominante da ciência “[...] que nos diz, repetidamente, que todo efeito decorre de uma causa [...] mas não há fundamento para deduzirmos que um fenômeno causa o outro. A ligação estabelecida entre causa e efeito é, pois, subjetiva.” (GOULART, 2003, p. 7).

Essa percepção de Goulart (2003) nos faz ponderar, ainda que brevemente, sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida que, por sua vez, nos abre uma possibilidade de considerar as letras do funk ostentação como uma *escritura* passível de leitura e como forma de tradução das operações psíquicas de cada adolescente. Sobre os escritos de Derrida enquanto leitor de Freud, Birman (2007) nos pontuou que:

A leitura de Derrida foi a própria *desconstrução* da tradição do logocentrismo, produzida ao longo da história da metafísica ocidental, trazendo de volta aquilo que fora excluído, qual seja, a problemática da escritura [...] Por escritura entende-se aqui todas as modalidades de escrita que sejam fundamentalmente *não-fonéticas*, mesmo que a escrita fonética tenha se constituído num tempo posterior da história da escrita [...] a linguagem dos sonhos seria um exemplo privilegiado disso, comparado que foi por Freud, pelo seu não-fonetismo [...] (BIRMAN, 2007, p. 278-279, grifos do autor).

Ao aproximarmos esta noção compartilhada por Birman (2007) e as letras do funk ostentação indicadas e celebradas pelos adolescentes, evidenciando-as como uma manifestação inconsciente, tal como Freud interpretou os sonhos (FREUD, 1900), ressaltamos assim, aspectos do funcionamento do aparelho psíquico que, dentre outros elementos, é fundamentado pelo circuito pulsional. Com isso, a forma como MC Saulo nos apresentou o lugar que o funk ostentação ocupa em sua economia libidinal e a partir do que Freud (1915a) asseverou sobre as vicissitudes da pulsão, passemos, pois, à oportuna explanação do conceito de sublimação, tendo-o como fundamento norteador da psicanálise freudiana e correspondente à leitura que fazemos do caso de MC Saulo e sua relação com a música compassada pelo ritmo do funk.

Sendo assim, como já foi dito acima, essa vicissitude pulsional postulada pela obra freudiana é compreendida, sumariamente, como um processo que faz permutar a finalidade sexual por outra moralmente assentida. Esta noção, por sua vez, corresponde às ponderações freudianas em sua primeira tópica, conforme ressaltado por Birman (2005). Este mesmo psicanalista considerou a sublimação como “uma experiência de espiritualização, de ascese, pela qual a subjetividade seria purificada de seu erotismo perturbador.” (BIRMAN, 1999, p. 132). Segundo Roudinesco e Plon (1998):

Sigmund Freud conceituou o termo em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 734).

Embora não haja uma obra freudiana específica que trate sobre a sublimação, a sua importância para os estudos acerca da interface entre psicanálise e arte é inquestionável. A arte no nosso caso é percebida através da música e, mais ainda, do funk ostentação. Ainda que a música não tenha sido apreciada de maneira sobressaída na teoria freudiana⁴⁹, destacamo-la

⁴⁹Rocha (2008) nos advertiu sobre um fragmento biográfico exposto por Ernest Jones em seu clássico registro sobre a vida e obra de Sigmund Freud que pode esclarecer certo descrédito de Freud à música: “segundo Jones, quando Freud tinha cerca de treze anos de idade, uma de suas irmãs mais novas começou a ser iniciada no estudo

enquanto uma expressão artística peculiar da constituição subjetiva. Sob uma ótica que considera as letras como um texto poético⁵⁰, entendemos que “[...] tanto a psicanálise como a poesia procuram vestígios, buscam dar contornos ao indizível, ao objeto perdido desde sempre [...] a arte é, em si, capaz de comover o humano desde os primórdios da civilização.” (MORAIS, 2006, p. 46). No fazer psicanalítico, o analista proporciona ao sujeito possibilidades diversas dele manifestar suas saídas e invenções sobre si mesmo, logo, ao escutarmos as batidas do funk ostentação através do que nos pressupõe a psicanálise, o adolescente nos aponta em suas criações sonantes um aspecto prevalente do seu modo singular de apresentar-se diante do outro. Ao compor, ou melhor, ao sublimar o que já não se silencia dentro de si, de maneira específica frente às prerrogativas vislumbradas pelo consumo narcísico e hedonista conclamado pelo capitalismo pós-moderno, o artista, como MC Saulo, teria, assim, “[...] acesso privilegiado aos elementos do Inconsciente, pelo talento natural, numa perspicácia de vanguarda que lhe iluminaria caminhos ao porvir.” (MORAIS, 2006, 47).

A sublimação não é um conceito de fácil exposição e discutido de maneira linear na obra freudiana, no entanto, encontramos e destacamos algumas indicações teóricas a seu respeito. Sob este prisma, podemos identificá-la como sendo uma via de dessexualização da pulsão (FREUD, 1905), uma vicissitude pulsional (FREUD, 1915a) e, além disso, é possível notar algumas direções que a assinalam como um processo conflituoso e não mais tão harmonioso como pressupunha a primeira tópica freudiana (BIRMAN, 2005). Não nos cabe aqui a descrição teórica pormenorizada da sublimação, especialmente no que diz respeito à teoria psicanalítica. Interessa-nos, principalmente, dissertarmos sobre a sua teorização a partir da segunda tópica freudiana que nos trouxe, com o conceito de pulsão de morte (FREUD,

do piano [...] Não obstante, Freud alegaria a sua mãe que o som do piano lhe atrapalhava a estudar, insistindo que o piano fosse retirado da casa. Assim se fez, e daí em diante nenhum membro da família recebeu qualquer instrução musical. Jones acrescenta, ainda, que [...] “a aversão de Freud à música era uma de suas conhecidas características”. (ROCHA, 2008, p. 95).

⁵⁰Tratamos aqui as composições dos MC’s do funk ostentação como poesias a fim de analisarmos, “ao pé da letra”, de que modo tais expressões musicais podem contornar na adolescência algo do real pungente trazido pela chegada da puberdade. Isto porque, as canções do funk ostentação que os adolescentes elegem enquanto trilha sonora de seus imperativos pulsionais assimilam-se à concepção de poesia que nos dicionários de língua portuguesa é definida como sendo a arte de compor versos com rimas e trovas livres através das quais o autor pode expressar seus sentimentos, ideias e/ou impressões de forma criativa e inspiradora.

1920), uma reviravolta na compreensão da psicanálise enquanto método de investigação, seja na clínica ou na universidade. A partir das mudanças do dualismo pulsional como já exposto por nós anteriormente, é que fazemos a leitura do caso de MC Saulo que, apesar de sobrelevar suas composições musicais como um modo de canalizar seus (des) arranjos pulsionais, o processo e a elaboração do produto final sublimado não isenta o adolescente de sofrimentos, haja vista a condição humana do desamparo frente à civilização (FREUD, 1930).

Todavia, antes de nos atermos neste ponto de vista, vale ressaltarmos algumas considerações sobre a sublimação enquanto um destino da pulsão (especificamente como um destino possível para a ostentação na qualidade de imperativo pulsional na pós-modernidade). Com relação a isso, Freud (1914) em seu artigo introdutório ao conceito de narcisismo já nos asseverava sobre a natural relação entre a sublimação e o fato do indivíduo não estar disposto em abrir mão da perfeição narcísica de sua infância, isto é, do eu ideal. Conforme já pontuamos no tópico anterior, ao crescer, a criança se verá importunada “[...] pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição [...]” (FREUD, 1914, p. 100). Neste âmbito, a sublimação apareceria enquanto um processo que serviria para o indivíduo desviar-se da finalidade da satisfação sexual idealizada pelo eu ideal, formando-se um ideal do eu substituto do seu narcisismo primário. No entanto, devemos ficar atentos ao que Freud (1914) salientou sobre essa associação entre sublimação e a constituição de um ideal do eu.

A formação de um ideal do ego é muitas vezes confundida com a sublimação do instinto, em detrimento de nossa compreensão dos fatos. Um homem que tenha trocado seu narcisismo para abrigar um ideal elevado do ego, nem por isso foi necessariamente bem-sucedido em sublimar seus instintos libidinais. É verdade que o ideal do ego exige tal sublimação, mas não pode fortalecê-la; a sublimação continua a ser um processo especial que pode ser estimulado pelo ideal, mas cuja execução é inteiramente independente de tal estímulo. É precisamente nos neuróticos que encontramos as mais acentuadas diferenças de potencial entre o desenvolvimento de seu ideal do ego e a dose de sublimação de seus instintos libidinais primitivos; e em geral é muito mais difícil convencer um idealista a respeito da localização inconveniente de sua libido do que um homem simples, cujas pretensões permaneceram mais moderadas. Além disso, a formação de um ideal do ego e a sublimação se acham relacionadas, de forma bem diferente, à causação da neurose. Como vimos, a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo o fator mais poderoso a favor da repressão; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver repressão.⁵¹ (FREUD, 1914, p. 101).

⁵¹Nota nossa: mantivemos nesta citação os termos originais do texto na referida edição da obra freudiana. Contudo, apreendemos que onde se lê “ego” é o mesmo que “eu”, “instinto” corresponde à noção freudiana de “pulsão” e “repressão” condiz ao destino pulsional do “recalque”.

A vicissitude pulsional da sublimação, portanto, se apresenta enquanto alternativa ao destino do recalque, que em sua essência “[...] consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância.” (FREUD, 1915b, 152). Mas como bem nos lembrou as elucubrações lacanianas sobre *O problema da sublimação*, “[...] nem toda sublimação é possível no indivíduo” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 114), pois, haverá sempre uma quota da libido que exigirá uma satisfação direta, ainda que tal finalidade seja parcial, como nos apontou Freud (1915a). Além disso, não tem como falar de sublimação sem nos referenciarmos ao objeto que esta produz, uma vez que a forma sublimada da pulsão se caracteriza “[...] por uma mudança nos objetos, ou na libido, que não faz por intermédio de um retorno do recalco, que não se faz sintomaticamente, indiretamente, mas diretamente, de uma maneira que se satisfaz diretamente.” (LACAN, 1959-1960, p. 117).

A pulsão defletida pelo processo sublimatório transforma seus objetos em uma produção sublime intercambiável que faz laço. Mas de quais objetos se trata na sublimação? De acordo com Lacan (1959-1960), são “[...] objetos socialmente valorizados, objetos aos quais o grupo pode dar sua aprovação, uma vez que são objetos de utilidade pública.” (LACAN, 1959-1960, p. 117). Porém, como já exposto por Freud (1930), é nessas ligações coletivas que o sofrimento humano se torna ainda mais contundente. Por mais que MC Saulo encontrasse na música uma forma de ladear seu desamparo, sabemos da inevitabilidade do mal-estar que a relação com a cultura nos acomete. Magnetizado pelo discurso do capitalismo que evoca ao gozo ilimitado ao fazer laço direto com os *gadgets*, que na contemporaneidade são contemplados com a promessa de felicidade absoluta ao granjeá-los e ostentá-los, o sujeito é por isso arremetido por uma constante insatisfação. Melhor dizendo, com o intuito sempre de recuperar a experiência de satisfação primordial (FREUD, 1895), o sujeito não se contenta “com pouco”, tal e qual MC Saulo assertivamente nos deixou transparecer, isto é, “quanto mais puder ostentar, melhor”.

Assim sendo, mesmo que a sublimação seja considerada pela obra freudiana um processo psíquico favorável às realizações culturais, por desviar o alvo da pulsão para outro que não seja sexual (compreendendo que a sexualidade neste caso não se restringe à relação genital, mas, pelo contrário, condiz à força motriz de toda e qualquer atividade humana), a renúncia da finalidade característica da pulsão, qual seja, a satisfação sexual, não será capaz

de eliminar os destemperos pulsionais, sobretudo na adolescência, ao bravejarem em alto e bom tom por um novo lugar para as (in) definições identitárias.

Do mesmo jeito que MC Saulo nos revelou com as suas composições, os indícios criativos podem ser manifestados no transcorrer da adolescência através de diversas maneiras, “[...] quer seja nos estilos musicais, na moda ou nas pichações e grafitismos que cobrem os muros das cidades.” (LIMA; MARTINS, 2008, *online*). A ação criativa que o adolescente traceja com a música nos remete aos pensamentos freudianos que aproximam o brincar infantil da criação do escritor, que no caso de MC Saulo torna-se um compositor de funk ostentação.

Neste sentido, Freud (1908[1907]/1996) considerou que tanto a criança ao brincar quanto o escritor, criam para si um mundo de fantasias que encara de maneira muito séria, ao investir “[...] uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade.” (FREUD, 1908[1907], p. 135-136). Para este psicanalista, somente as pessoas insatisfeitas fantasiam, à medida que “[...] toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória.” (FREUD, 1908[1907], p. 137). Freud (1908[1907]) ainda nos lembrou neste texto que nada é tão difícil para uma pessoa quanto a renúncia de um prazer já experimentado e que por isso, de fato, o sujeito nunca abre mão de nada por completo, apenas substitui por outra coisa, que “da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára (sic) de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de *brincar*, ela agora *fantasia*.” (FREUD, 1908[1907], p. 136, grifos do autor).

O sujeito que agora não é mais criança, mas sim um adolescente às voltas com os impasses da puberdade e submergido pelos ditames da sociedade do espetáculo, como vimos com Debord (1967), é patenteado pelos embalos do funk ostentação que, diferentemente do que Freud (1908[1907]) assegurou quanto à vergonha do adulto em confessar suas fantasias, não impõem nenhuma proibição a seus devaneios. Desta forma, “[...] o que a adolescência nos mostra, é a imbricação do pulsional com o cultural, ao colocar em cena novos objetos, objetos culturais.” (LIMA; MARTINS, 2008, *online*). As letras de funk encetadas pelos MC’s, sejam eles internacionalmente famosos ou sejam principiantes como MC Saulo que vislumbra com sua música ampliar seus horizontes para além da sua “quebrada”, estão visceralmente ligadas “[...] à questão do “reconhecimento social” que Freud várias vezes sublinha como essencial para o sucesso da sublimação.” (RIVERA, 2006, p. 323, grifo da autora).

Nessas circunstâncias, mesmo com as tentativas de embargo e os estigmas fixados socialmente em relação ao funk, os MC’s, assim como MC Saulo, buscam por meio de suas músicas sobrepular a ideia de que por ser “preto e pobre”, o único caminho de “sucesso” seria

tornar-se “bandido”. Com isso, almejam o reconhecimento através de sua criação artística que, pelo ato sublimatório possibilita a “[...] na *horizontalização* das ligações do sujeito com os outros, pela tessitura de laços sociais e pela produção de obras no campo desses laços.” (BIRMAN, 2005, p. 211, grifo do autor). Tal constatação nos aproxima da noção de sublimação cunhada pela psicanálise freudiana em sua primeira tópica. No entanto, com a novidade trazida pela segunda tópica, isto é, o dualismo pulsional entre pulsão de vida e pulsão de morte (FREUD, 1920) e com a problemática do desamparo no âmbito do processo civilizatório (FREUD, 1930), o destino da sublimação outrora considerado virtuoso, concebe, então, em seu cerne, aspectos conflitivos entre as duas modalidades pulsionais. Por este viés, entende-se que na dessexualização da pulsão envolvida na sublimação, acontece, de modo simultâneo, uma defusão pulsional (FREUD, 1923). Deste modo, a pulsão sublimada não só se destina à criação artística e/ou intelectual, (pulsão de vida), como também desoprime as forças destrutivas concernentes à pulsão de morte. Isto ocorre porque:

[...] o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição. Essa defusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal - o seu ditatorial ‘farás’. (FREUD, 1923, p. 67, grifo do autor).

O ideal contemporâneo de ser “a majestade, o consumidor” e poder ostentar levemente seus bens adquiridos é anunciado de forma uníssona para todos. Quando MC Saulo nos revelou que “é revoltante não poder ter tudo que quer”, mas com sua música ele poderia desviar da sina de ser “preto, pobre e bandido”, algo da tendência à agressividade inerente à constituição do sujeito nos é posta. Contudo, o adolescente encontrou no funk ostentação uma alternativa de contornar e conduzir sua hostilidade de maneira a fazer prevalecer a sua porção vital pela criação de suas composições que propagam a possibilidade da “ira virar forma de expressão” por meio das ideias que transmite enquanto “mensageiro da canção”. Por este ponto de vista:

O que deve ser enfatizado é que uma parte da energia mortífera deve ser destacada e ligada a uma atividade de Eros para que a sublimação da agressividade possa ocorrer. Desde que é missão da sublimação, para além de seu próprio potencial

disruptivo, criar condições de novas derivações para os componentes eróticos que se mesclam à agressividade, no inevitável e complexo convívio entre Eros e Thanatos. (LOFFREDO, 2016, p. 11).

A sublimação, por mais paradoxal que possa ser, torna-se um destino pulsional viável, ainda que não para todos, como nos alertou Lacan (1959-1960). Ao possibilitar uma satisfação direta da pulsão (diferindo-se do recalque), mas, ao mesmo tempo, corresponder aos requisitos do ideal do eu, o ato sublimatório é, de certa forma, “[...] essencialmente articulado ao trabalho de luto das idealizações ilusórias do eu ideal.” (SAVIETTO; CARDOSO, 2012, p. 361). Conquanto, mesmo que, em linha de regra, a sublimação permita uma certa tolerância às frustrações da civilização e do desamparo primordial, com a lógica pós-moderna do consumo e da ostentação, essa flexibilidade quanto à renúncia das idealizações narcísicas é colocada em xeque. Ao sublimar, tomando como exemplo o caso de MC Saulo, o sujeito contemporâneo nos parece apontar “[...] uma espécie de suspensão [...] necessária para que a operação de *fronteira* da sublimação possa se concretizar, operando no regime de seu “segundo tempo”, que comporta as sutilezas de sua *interlocução* cooperativa com a angústia.” (LOFFREDO, 2016, p. 11, grifos da autora).

Conforme já ressaltado por nós, a sublimação pode ser confundida, especialmente neste contexto pós-moderno, com o processo de idealização, uma vez que, “[...] diz respeito ao *objeto*; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo.” (FREUD, 1914, p. 101, grifo do autor). Se tomarmos essa afirmação sem refletirmos sobre ela, poderemos entrar em contradição e acabarmos cometendo certos equívocos. Quando lemos o caso de MC Saulo sob a lente psicanalítica acerca da sublimação, o que estamos evidenciando é a criação artística que o adolescente encetou como tentativa de dar evasão ao que dentro de si já não mais dava conta de abaixar o seu volume. O “querer ostentar” é traduzido em suas composições, na possibilidade de falar com suas letras o que todo mundo, inclusive ele, quer, dando outro lugar para a pulsão de morte que não cessa e impele, acima de tudo na adolescência, ao envolvimento com condutas de risco (LE BRETON, 2012; LACADÉE, 2011) como forma de bordejar o real despertado com o advento da puberdade.

Por sua vez, o objeto que é idealizado pelo adolescente frente às incitações da sociedade regida pelo consumo espetaculoso não é em si, a sua obra de arte, mas os *gadgets*, a droga e outros artefatos divulgados como a própria condição de ser reconhecido e valorizado socialmente e que, pela música enquanto um dispositivo de trabalho, poderá, então, obtê-los e ostentá-los. O objeto da sublimação, por outro lado, corresponderia à “[...] invenção de *novos*

objetos de investimento para a pulsão, de forma que a pulsão de vida pudesse regular devidamente a pulsão de morte.” (BIRMAN, 2010, p. 535, grifos do autor). Diante disso, compreendemos que o objeto produzido a partir desta ação pode, simultaneamente, servir como um novo direcionamento, mas também como restrição para o circuito pulsional que, na pós-modernidade e no caso de MC Saulo, é marcado pelos imperativos “consuma!” e “ostente!”.

A complexidade posta pela psicanálise a respeito do conceito de sublimação não se circunscreve no que tange essa nossa leitura de caso. Longe de findarmos nossos estudos em relação a este assunto e/ou de termos abarcado todas as nuances que ele nos sugere, o que pretendemos com esta nossa pesquisa foi, sobretudo, apreender as letras do funk ostentação enquanto objeto sublimado pertinente aos ditames pós-modernos, que através do caso de MC Saulo, nos proporcionou uma singular investigação acerca das possíveis vicissitudes que a música pode ocupar na economia libidinal dos adolescentes que, de modo direto ou indireto, encontram em sua realidade social a criminalidade como uma via exaltada e possível para ostentar os lugares, as marcas e demais artigos investidos por um mais-de-gozar pela sociedade onde o consumo narcísico e hedonista comanda os arranjos pulsionais. É ainda com muitas inquietações a respeito desse panorama que nos propomos investigar, que seguimos, então, para as nossas considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento da modernidade, a centralidade na razão e no indivíduo passou a demarcar as configurações sociais e subjetivas, podendo ressaltar a industrialização, os avanços tecnocientíficos e o capitalismo como suas dimensões. A partir disso, assistimos à uma virada, no período pós-guerras, no modelo ocidental da sociedade, que passou a ser sustentado pelo paradigma do consumo e não mais pela produção, como foi na era moderna. As sólidas vigas que asseguravam a ordem social começaram a passar por um processo de liquefação, tornando-se plurais, irracionais, indeterminadas, descartáveis e focadas no presente e não mais numa perspectiva de futuro para a humanidade.

Essas transformações não foram sem consequências para os indivíduos. Ainda que bebendo da fonte de seu tempo, Freud inaugurou a psicanálise arrebatando, particularmente, a sociedade científica com a difusão do caráter inconsciente da mente que coloca em xeque a indivisibilidade e a racionalidade do indivíduo moderno. Com a articulação dos preceitos observados pelos casos atendidos em sua clínica e com o interesse em compreender como os aspectos socioculturais poderiam afetar a subjetividade dos indivíduos, a teoria freudiana sobre o mal-estar causado pela entrada na civilização nos sugere um antagonismo fundamental entre as esferas individual e coletiva.

A problemática do desamparo rompe com a ideia inicial de Freud de que haveria uma possível harmonia entre os campos subjetivo e social. Ainda que avanços tenham se concretizados na direção da lógica da procura e da oferta, o desejo do homem não foi por isso apaziguado, tendo que “negociar” constantemente com a civilização um sacrifício em troca de uma quota de satisfação, de felicidade. Ilusoriamente, acredita-se que seja possível um novo ordenamento social capaz de suprimir por completo todo o desprazer que a cultura nos provoca, mas, segundo Freud, é inconcebível a ideia de uma civilização sem que haja tal ação coercitiva de renúncia pulsional.

Desamparados e sem meios suficientes para evitarem os impactos da natureza, os homens precisavam de um ponto de apaziguamento desses sofrimentos. Para isso, criou-se a figura de um pai universal que exercesse uma função dupla e simultânea: proteger e punir. Neste sentido, Freud nos apresentou sua elaboração mítica sobre o parricídio do pai totêmico,

ao deduzir a partir disso, a origem das instituições sociais e da moralidade na civilização, bem como sustentou seus argumentos sobre os Complexos de Édipo e de castração como processos essenciais para as constituições subjetiva e identificatória que seriam feitas ao longo da vida de cada indivíduo.

Diferentemente do que se esperava, a pós-modernidade tem nos mostrado, seja na clínica do consultório ou na clínica social, que os sujeitos têm maximizado o seu mal-estar revelado pelas manifestações e sintomas contemporâneos, como as depressões, transtornos alimentares, de ansiedade, toxicomanias e adições – efeitos de uma sociedade fracassada no acolhimento do desemprego e do desejo que é singular para cada sujeito. Na qualidade de regente do sistema capitalista, o consumo tem desencadeado uma certa homogeneização entre os indivíduos que demanda destes um gozo desmedido, um mais-de-gozar que está além do princípio de prazer, como nos apontou Lacan através da sua leitura da obra freudiana.

O discurso capitalista formulado na teoria lacaniana nos deixa margem para pensar essa relação do sujeito com o objeto, camuflado como suplemento de gozo que, unido ao discurso da ciência, escamoteia o desejo em virtude do caráter excessivo e ilimitado do gozo que impera nos dias atuais. Essa evidência da vertente gozosa pode levar o indivíduo a se posicionar diante de condutas de risco que o colocam entre a vida e a morte, especialmente o adolescente que se encontra em um momento em que vacila suas referências e abre-se um leque de experimentações. Além disso, na sociedade contemporânea podemos notar uma prevalência do gozo narcísico, contudo, ao estar voltado para o consumo, o objeto não está ligado ao outro, mas direcionado ao próprio eu, sobressaindo-se, portanto, as características marcantes da pós-modernidade, como: hedonismo, egocentrismo, abnegação da alteridade e imediatismo.

Nesse ritmo pós-moderno que nos remete à descartabilidade do que não mais é possível de nos satisfazer de imediato e à indiferença por aqui que não se assemelha ao próprio eu, deparamo-nos com uma realidade sustentada pelas aparências, uma sociedade do espetáculo que fomenta a supremacia do que é possível de ser exibido, a partir dos tipos ideais proclamados pelo capitalismo como a condição necessária de se ter satisfação irrestrita. As imagens idealizadas do eu refletem indivíduos cada vez mais preocupados em consumir e adornar-se das marcas massivamente divulgadas pelos veículos midiáticos como a solução de todos os problemas e a fonte da plena felicidade. Segundo Debord, na sociedade do espetáculo, pouco importa se é cópia ou original, logo, no momento pós-moderno o importante não é só ter as roupas, os acessórios, os automóveis e as parcerias valorizadas

socialmente; é preciso (a) parecer que tem, isto é, ostentar para que assim o sujeito seja reconhecido enquanto tal.

Na adolescência esses aspectos da pós-modernidade podem se tornar ainda mais acentuados. Para a psicanálise, esse tempo lógico de transições na vida de qualquer indivíduo é considerado uma resposta singular ao real trazido pela puberdade, levando o adolescente inventar-se em novos laços e identificações que, atualmente, não se eximem dos preceitos categóricos do consumismo ostentativo e hedonista.

Compreendemos que os conceitos escolhidos para tratar desse período transcorrido entre a infância e a idade adulta influenciam diretamente na ideia que se pretende transmitir acerca desse assunto. Logo, apreendemos que os termos juventude, adolescência e puberdade, embora dizem de um mesmo momento cronológico, sob o viés psicanalítico eles tomam dimensões diferentes. Juventude é uma categoria construída socialmente para designar um coletivo, uma parcela da população que se tornou notável com a passagem da modernidade para a pós-modernidade. Diz-se de um comportamento, de uma fatia do mercado em que todos, atualmente, buscam se identificar, com a ideia de se manterem “eternamente jovens”.

Em termos mais subjetivos, a adolescência é analisada sob uma perspectiva da singular reelaboração dos referenciais que tomam contornos distintos daqueles estabelecidos na infância. Já a puberdade, intrínseca a todos os indivíduos, comporta uma dimensão mais físeo-biológica, apesar de que, desde as concepções freudianas sobre suas transformações, nos deparamos com questões que vão além dessa condição púbere, destacando-se a ascensão da sexualidade, desde a mais tenra infância, como o ponto-chave para a estruturação subjetiva.

Com esta constatação, nos valem os mitos de Édipo e Narciso para buscarmos compreender como o processo de subjetivação pode traçar para o adolescente um caminho marcado pelas contingências capitalistas que salientam o consumo e a criminalidade como tentativas de saída dos impasses que os irrompem nesse transcurso entre deixar de ser criança para ser adulto, mas, ainda, sendo adolescente. Ao trazer a trama edípica em sua articulação com o Complexo de castração, Freud demarcou a condição de falta inerente a cada indivíduo e que, através da releitura e interpretação de Lacan sobre essas problemáticas, assimilamos a metáfora do estádio do espelho para nos referirmos à passagem do autoerotismo para o narcisismo, colocando para nós as vicissitudes da alteridade na constituição da subjetividade.

Desse modo, o eu só pode ser constituído através do contato com o outro, logo, a música proferida pelos MC's do funk ostentação nos aparenta ser uma via de tradução, carregada desses significantes outros, nos quais os adolescentes se ancoram e se identificam neste contexto pós-moderno. De um lado, ordena-se consumir, por outro lado, há uma disparidade das oportunidades e do acesso aos objetos ofertados pelo império do capitalismo contemporâneo, que são ambicionados pelo sujeito, não pela mediação do Outro, mas sim, pelo seu gozo.

O que refletimos a partir desta pesquisa não dizima a perspectiva psicanalítica do caso único, porém, notamos que a nossa questão diz de um fenômeno estrutural da nossa sociedade, onde, inúmeros adolescentes, frequentemente, se envolvem com práticas infracionais na tentativa de buscar uma resposta, um lugar para o seu desamparo. As motivações para esse envolvimento são várias e, ao mesmo tempo, singulares. Buscamos fugir de determinismos e aforismos estigmatizados da juventude brasileira e, em particular, dos adolescentes que vivem e sobrevivem no ir-e-vir, no sobe-e-desce das ladeiras dos morros onde nasceram e, para não serem mais uma “Gabriela”⁵², buscam transcender as errâncias que os fixam em um lugar já predeterminado diante do Outro. Desta forma, apresentamos uma leitura de dois casos de adolescentes que, em suas peculiaridades, nos demonstraram uma forma própria de fazer laço com a música, especificamente, com o funk ostentação – gênero musical que nos permite notabilizar importantes pontos a respeito da organização pós-moderna e como esses se interconectam com o circuito pulsional na adolescência.

Na lógica capitalista onde o sujeito se subverte em objeto, o “para um” se transforma em “para todos”, velando e desvelando a falha da Lei simbólica, prevalecendo, todavia, o imaginário, a imagem especular narcísica que o isola em seu gozo e o imbuí em sentimentos hostis para com os outros e para consigo mesmo, à medida que não reconhece a alteridade alhures e a que lhe é própria. Enquanto uma das muitas outras manifestações que atravessam o sujeito e possibilitam uma forma de laço, especialmente para os adolescentes na contemporaneidade, o funk ostentação declamado por Guilherme, MC Saulo e demais garotos que acompanhamos durante nossa experiência no “Programa Fica Vivo!”, nos possibilitou assim associar as características em destaque em suas letras às noções psicanalíticas que configuram os aspectos subjetivos e políticos dos possíveis laços (des) feitos na adolescência.

Em grande parte das letras das músicas que analisamos, o consumo em excesso nos diz da relação direta com o objeto que o sujeito estabelece atualmente sob os comandos do

⁵²Analogia à música *Modinha para Gabriela* da cantora de MPB, Gal Costa, que aprisiona a personagem do escritor Jorge Amado, em seu destino imutável: “Eu nasci assim, eu cresci assim: Gabriela, sempre Gabriela”.

discurso capitalista. Já o poder e a imagem de ser “o cara” nos leva a pensar no narcisismo enquanto arranjo cultural que o sujeito, sobretudo na adolescência, parece não querer se desfazer, remetendo-se à perfeição narcísica outrora concebida pelo eu ideal que o considerava a majestade soberana. A criminalidade violenta praticada pela via dos atos infracionais, de certa forma, materializa a pulsão de morte que irrompe na adolescência, colocando para o adolescente a questão do que fazer com o gozo que o impele, repetitivamente. Tais admoestações podem levá-lo a condutas de riscos que, muitas vezes, são os caminhos por eles encontrados para darem sentido à sua existência. Por outro lado, o adolescente pode encontrar na arte uma saída para a pulsão de morte que não abaixa o tom dentro de si. A sublimação da pulsão, neste sentido, torna um caminho menos arriscado, porém, não menos conflituoso e isento de sofrimentos.

A música compassada pelo funk ostentação possibilita a construção de alternativas de investimento libidinal que fazem com que o adolescente possa avistar com ela uma modalidade singular de laço, seja sustentando seu envolvimento com a criminalidade, seja retratando seu desejo de dar outro caminho para a tendência destrutiva da pulsão. Através das composições que elegem como hinos ou que pessoalmente compõem, tais letras ultrapassam a “simples” junção de palavras e melodia, tornam-se fontes de tradução que versam sobre o inconsciente de cada um dos adolescentes que, através do funk ostentação, localiza e nos manifesta um ponto dele enquanto sujeito.

Por fim, pontuamos que nossas elaborações não pretenderam responder tampouco determinar de forma absoluta as questões que circunscrevem a adolescência e o contexto social pós-moderno. Trata-se, sobretudo, de um convite a futuras produções que visem investigar e discutir as inúmeras e singulares possibilidades de laço social que os adolescentes podem engendrar no campo social demarcado pelos imperativos narcísicos e hedonistas do consumo.

Longe de esgotarmos as nossas discussões acerca deste tema que tanto nos instiga e inquieta, mas, ao que nos coube até aqui, consideramos, à luz do aporte teórico da psicanálise, que embora a pós-modernidade tenha trazido significativos avanços nas esferas científicas, clínicas e sociais, tais mudanças também evidenciaram a condição de desamparo do sujeito que, ao invés de tamponar o que lhe falta, confere-lhe um prolongamento do seu mal-estar

através do incessante consumo dos *gadgets* que lhe servem como suplementos de gozo, especialmente no momento da mais delicada das transições, a adolescência. Assim, os destinos que o adolescente traça para seu circuito pulsional, por mais que lhe pareça conceder “superpoderes”, não lhe é sem angústia e consequências. Precisamos lhe oferecer uma escuta que, acima de tudo, favoreça o acolhimento de seus destemperos e a construção de compassos cada vez mais sintonizados com o tom da vida.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o Outro**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ANDRADE, Cleyton Sidney. **A interpretação analítica e a escrita poética chinesa**. 2013. 362f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2013.
- BARBIERI, Cibele Prado. Os enigmas da criminalidade à luz da psicanálise. **Cógitto**. Salvador, 2012, 13, p. 8-21. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cogito/v13/v13a02.pdf>>.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BARROSO, Adriane de Freitas. Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, jan./jun. 2012, 36, p. 149-159. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n36/n36a09.pdf>>.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BELO, Fábio. Música e Psicanálise. **Afreudite**. 2011, 8(15/16), p. 64-72. Disponível em: <revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/article/view/3034/2293>.
- BIRMAN, Joel. A problemática do Narcisismo na contemporaneidade. In: PEREIRA, Marcelo Ricardo. (Org.). **Os sintomas na educação de hoje: que fazemos com “isso”?**. Belo Horizonte: Scriptum, 2017, p. 12-31.
- BIRMAN, Joel. Escritura e psicanálise: Derrida, leitor de Freud. **Natureza Humana**. São Paulo, jul./dez. 2007, 9(2), p. 275-298. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v9n2/v9n2a03.pdf>>.
- BIRMAN, Joel. Governabilidade, força e sublimação – Freud e a filosofia política. **Psicologia USP**. São Paulo, set. 2010, 21(3), p. 531-556. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psusp/v21n3/v21n3a05.pdf>>.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BIRMAN, Joel. O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 2005, 15, p. 203-224. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a10.pdf>>.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BISPO, Fábio Santos. A ética da contingência e a implicação da psicanálise no laço social. **Psicologia Revista**. São Paulo, 2014a, 23(1), p. 75-95. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/20215/15036>>.

BISPO, Fábio Santos. **Rolezinho no Shopping**. 2014b. Disponível em: <<http://atodeleitura.blogspot.com.br/2014/01/rolezinho-no-shopping.html?view=magazine>>.

CALLIGARIS, Contardo. **Ter mais e ter menos**. Folha de São Paulo, 28 mai. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2015/05/1634384-ter-mais-e-ter-menos.shtml#_=_>.

CAMARGO, Carlos. Semblante e Verdade. **Latusa digital**. Rio de Janeiro, 2009, 6(37). Disponível em: <http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_37_a3.pdf>.

CAMPOS, Carolina Silveira. Música e Psicanálise: o vento vai dizer. **Diaphora**. Porto Alegre, jan./jul. 2015, 15(11), p. 60-66. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/98>>.

CARVALHO, Camila da Silva. **O consumo e a representação da felicidade em 40 anos de propaganda brasileira**. 2010. 167f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Goiânia, 2010.

COSTA, Domingos Barroso da. A barbárie inconsciente: anomia, perversão e violência na sociedade de consumo. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano do; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; KYRILLOS NETO, Fuad. (Org.). **Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica**. Barbacena: EdUEMG, 2011, p. 67-83

COSTA, Domingos Barroso da. **A crise do supereu e o caráter criminoso da sociedade de consumo**. 2008. 157f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2008.

COSTA, Jurandir Freire. Narcisismo em Tempos Sombrios. In: FERNANDES, Heloísa Rodrigues. (Org.). **Tempo do Desejo: Psicanálise e Sociologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

COUGO, Raquel H. F. A.; TFOUNI, Leda Verdiani. (2011). A constituição do sujeito na pós-modernidade e o consumo. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, set. 2011, 11(3), p. 1189-1216. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n3/12.pdf>>.

CRUXÊN, Orlando. **A sublimação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DABLE, Felipe Figueras. **Música e Adolescência: um estudo sobre as preferências musicais de adolescentes em situação de conflito com a lei**. 2012. 99f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Departamento de Música e Artes Visuais, Programa de Pós-graduação em Música, Curitiba, 2012.

DAVID, Cláudio Munayer. O objeto sonoro em Freud. **Psicanálise & Barroco**. Juiz de Fora, 2007, 7(6), p. 18-52.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, 2002, 28(1), p. 117-136. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660>>.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Projeto Periferia, 1967/2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>>.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1990.

FERRÃO, Valéria Sampaio; POLI, Maria Cristina. Adolescência como tempo do sujeito na psicanálise. **Adolescência & Saúde**. Rio de Janeiro, abr./jun. 2014, 11(2), p. 48-55. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=445#>.

FERRARI, Ilka Franco. Agressividade e violência. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, 2006, 18(2), p. 49-62. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v18n2/a05v18n2.pdf>>.

FERRARI, Ilka Franco. O consumidor e a perversão. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, set. 2014, 17(3), p. 652-665.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, mar. 2004, 7(1), p. 75-86.

FRANÇA, Cassandra Pereira. Projeto CAVAS/UFMG: uma experiência em pesquisa de campo. In: KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. (Org.). **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade**. Barbacena: EdUEMG, 2010, p. 50-58.

FREUD, Sigmund. A Concepção Psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1910a/1996, vol. 11.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio de Prazer. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996, v. 18.

FREUD, Sigmund. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1925/1996, v. 19.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1908[1907]/1996, v. 9.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1911/1996, v. 12.

FREUD, Sigmund. Interpretação dos Sonhos. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1996, v. 4.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1917[1915]/1996, v. 14.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996, v. 19.

FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1927/1996, v. 21.

FREUD, Sigmund. O interesse científico da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1913b/1996, v. 13.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996, v. 21.

FREUD, Sigmund. Os Instintos e suas Vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1915a/1996, vol. 14.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1996, v. 1.

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1921/1996, v. 18.

FREUD, Sigmund. Rascunho E. Como se origina a Angústia. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1894/1996, v. 1.

FREUD, Sigmund. Rascunho N. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. I, 1897/1996, v. 1.

FREUD, Sigmund. Repressão. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1915b/1996, v. 14.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996, v. 14.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1913a/1996, v. 13.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996, v. 7.

FREUD, Sigmund. Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1910b/1996, vol. 11.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, vol. 3.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997, p. 73-133.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOD, Daniel de Oliveira Good. **Pulsão, desamparo e poesia: o rap como expressão cultural de uma resistência**. 2016. 121f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2016.

GOULART, Audemaro Taranto. **Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida**. Programa de pós-graduação em Letras, PUC Minas, 2003. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagadb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI2012101117531.pdf>.

GUERRA, Andréa Máris Campos et al. Risco e Sinthome: A Psicanálise no Sistema Socioeducativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, abr./jun. 2014, 30(2), p. 171-177. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n2/06.pdf>>.

GUERRA, Andréa Máris Campos et. al. Construindo idéias sobre a juventude envolvida com a criminalidade violenta. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, 2010, 10(2), p. 434-456. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n2/artigos/pdf/v10n2a10.pdf>>.

GUERRA, Andréa Máris Campos; PINHEIRO, Maria do Carmo Melo. **A escrita da violência na adolescência**. (s. d.). Disponível em: <<http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/04.pdf>>.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. **Estudos Avançados**. São Paulo, 2004, 18(50), p. 21-30. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a03v1850.pdf>>.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. **Outro Olhar - Juventude**. Belo Horizonte, nov. 2007, 5(6), p. 44-55.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACADÉE, Philippe. **O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011, n. 7.

LACAN, Jacques. **In Italia (En Italie)**. 1972/1953-1978. Disponível em: <http://www.praxislacanianita.it/wordpress/download/lacan_in_italia.pdf>.

LACAN, Jacques. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1950/1998, p. 127-151.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1949/1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 1: os escritos teóricos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1953-1954/1994.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1954-1955/1985.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1956-1957/1995.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1957-1958/1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1959-1960/2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1962-1963/2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1964/2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1968-1969/2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1969-1970/1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1972-1973/1985.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1975-1976/2007.

LACAN, Jacques. Radiofonia. In: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1970/2003.

LASCH, Christopher. **A Cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, David. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. **Política & Trabalho**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, out. 2012, 37, p. 33-44.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000

LIMA, Maria Cecília Peixoto; MARTINS, Karla Patrícia Holanda. **Inibição, sintoma e ato: sobre os destinos do saber na adolescência**. 2008. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032010000100042&script=sci_arttext&tlng=pt>.

LIMA, Nádya Laguárdia de. As Incidências do Discurso Capitalista sobre os Modos de Gozo Contemporâneos. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, set./dez. 2013, 8(3-4), p. 461-498.

LIMA, Paulo Costa. Música, um paraíso familiar e inacessível. **Percurso**. São Paulo, 2º sem. 1995, 15, p. 55-64. Disponível em: <http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p15_texto07.pdf>.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 1944/2004.

LOFFREDO, Ana Maria. **Corpo, sublimação e expressões contemporâneas de sofrimento psíquico**. Cartagena, Colômbia. 2016. Disponível em: <<http://fepal.org/wp-content/uploads/097-por.pdf>>.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986/2009.

MACÊDO, Lucíola Freitas de. **A biopolítica e as novas segregações**. Relatório de pesquisa apresentado por ocasião do VII Enapol. São Paulo, set. 2015. Disponível em: <<http://oimperiodasimagens.com.br/pt/faq-itens/a-biopolitica-e-as-novas-segregacoes-luciola-freitas-de-macedo/>>.

MARCOS, Cristina Moreira. A introdução do narcisismo na metapsicologia e suas consequências clínicas. **Analytica**. São João del-Rei, jan./jun. 2016, 5(8), p. 6-30. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/1566/1139>>.

MARCOS, Cristina Moreira. A Pesquisa em psicanálise e a Linha de Pesquisa Processos Psicossociais do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Psicologia da PUC-Minas. In: KYRILLOS NETO, Fuad.; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. (Org.). **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade**. Barbacena: EdUEMG, 2010, p. 99-111.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1867/2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Martin Claret, 1848/2004.

MERTON, Robert. Estrutura Social e Anomia. In: MERTON, Robert. **Sociologia: Teoria e Estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1968/1970, p. 203-233.

MILLER, Jacques-Alain. **Em direção à adolescência**. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/em-direcao-a-adolescencia-vers-final-2/>>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Margarete Parreira; VASCONCELOS, Renata Nunes; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa**. Colóquio LEPSI IP/ FE – USP. Ano 6, 2007. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100060&script=sci_arttext>.

MORAES, Lúcio Flávio Renault de; DEL MAESTRO FILHO, Antônio; DIAS, Devanir Vieira. O Paradigma Weberiano da Ação Social: um Ensaio sobre a Compreensão do Sentido, a Criação de Tipos Ideais e suas Aplicações na Teoria Organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**. Rio de Janeiro, abr./jun. 2003, 7(2), p. 57-71. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v7n2/v7n2a04.pdf>>.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. Poesia, Psicanálise e Ato Criativo: Uma Travessia Poética. **Estudos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, set. 2006, 29, p. 45-56. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n29/n29a08.pdf> >.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. As faces do trauma na contemporaneidade: a dialética do dizível e do indizível no transtorno do pânico, uma lacuna na história. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, mar. 2006, 6(1), p. 67-84.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Do problema da alteridade no pensamento freudiano: uma construção. **Ágora**. Vitória, jul./dez. 2003, 6(2), p. 215-270. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n2/v6n2a05.pdf>>.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**. Maringá, mai./ago. 2004, 9(2), p. 219-227.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Freud e a Filosofia: a herança schopenhaueriana. **Psicanálise e Universidade**. São Paulo, 1º sem. 1998, 8, p. 115-143.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Pesquisa em psicanálise na pós-graduação: diferentes possibilidades. In: KYRILLOS NETO, Fuad.; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. (Org.). **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade**. Barbacena: EdUEMG, 2010, p. 146-155.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, 1º sem. 2009, 9(1), p. 233-247. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a18.pdf>>.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; GUERRA, Andréa Máris Campos; COSTA, Domingos Barroso da. Pós-modernidade e mercado informal de drogas ilegais: O jovem na criminalidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**. Fortaleza, 2012, 12(1-2), p. 389-418. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v12n1-2/14.pdf>>.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROSÁRIO, Ângela Buciano do; SANTOS, Alessandro Pereira dos. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **Psico**. Porto Alegre: PUCRS, out./dez. 2011, 42(4), p. 457-464. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8943/7450>>.

NEVES, João Augusto. **Cultura funk e subjetividades consumistas: sensibilidades da juventude no fluxo das periferias brasileiras (1990 – 2014)**. 2016. 199f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em História, Uberlândia, 2016.

NOBRE, Márcio Rimet. **Realidade virtual, realidade psíquica na pós-modernidade: um encontro com Freud na infinitude fantasística do ciberespaço**. 2010. 161f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2010.

PACHECO, Lilany Vieira. **A presença do toxicômano na contemporaneidade: um apelo ao corpo**. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.estacaodosaber.art.br/destaque/a-presenca-do-toxicomano-na-contemporaneidade-um-apelo-ao-corpo/>>.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. El método de orientación clínica aplicado a la investigación-intervención. **Psicología, conocimiento y sociedad**. Montevideo: UDELAR, 2014a, 5(1).

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação. **Rev. de Estudos Culturais**. São Paulo, 2014b, 1, p. 1-18. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98367/97104>>.

QUINTELLA, Rogério. O desmentido da privação na atualidade. **Ágora**. Vitória, jan./abr. 2016, 19(1), p. 115-130.

RAMÍREZ, Mario Elkin. El método clínico de Freud aplicado a la investigación de fenómenos sociales. In: RAMÍREZ, Mario Elkin; GALLO, Héctor. **El psicoanálisis y la investigación en la universidad**. 1a. ed. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012.

RAMÍREZ, Mario Elkin; GALLO, Héctor. **El psicoanálisis y la investigación en la universidad**. 1a. ed. Buenos Aires: Gramma Ediciones, 2012.

REZENDE, Cláudio; COSTA, Domingos Barroso da. Do pacto social ao império do gozo. **Psicanálise & Barroco em revista**. Rio de Janeiro, dez. 2011, 9(2), p. 178-191.

RIVERA, Tania. Ensaio sobre a sublimação. **Discurso**. São Paulo, 2007, 36, p. 311-324. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38083>>.

ROCHA, Guilherme Massara. **Olho clínico: ensaios e estudos sobre arte e psicanálise**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2008.

ROSA, Miriam; CARIGNATO, Taeco; BERTA, Sandra. Ética e Política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneas. **Ágora**. Vitória, jan./jul. 2006, 9(1), p. 35-48. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v9n1/a03v9n1.pdf>>.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUBIM, Luiza Mendes; BESSET, Vera Lopes. Psicanálise e Educação: Desafios e perspectivas. **Estilos da Clínica** São Paulo, dez. 2007, 12(23), p. 36-55. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v12n23/v12n23a04.pdf>>.

SAFATLE, Vladimir. Sexo, simulacro e políticas da paródia. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**. Rio de Janeiro, jan./jun. 2006, 18(1), p. 39-56. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v18n1/a04v18n1.pdf>>.

SALUM, Maria José Gontijo. **A Psicanálise e o crime: causa e responsabilidade nos atos criminosos, agressões e violência na clínica psicanalítica contemporânea**. 2009. 174f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, 2009.

SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. O mal-estar na educação e a Conversação como metodologia de pesquisa-intervenção na área de psicanálise e educação. In: CASTRO, Lúcia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. (Org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 113-131.

SANTOS, Alessandro Pereira dos. **Por que matará?: sobre o processo de subjetivação de jovens membros de gangues que cometem o crime de homicídio doloso**. (Dissertação de Mestrado). 2011. 133f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2011.

SARTI, Milena Maria; TFOUNI, Leda Verdiani. Por uma língua-objeto: o avesso do gozo na cultura de consumo. **Ágora**. Rio de Janeiro, jul./dez. 2013, 16(2), p. 267-282. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v16n2/v16n2a06.pdf>>.

SAVIETTO, Bianca Bergamo; CARDOSO, Marta Rezende. Idealização e onipotência na juventude contemporânea: a drogadicção como ilustração. **Fractal, Rev. Psicol.** Rio de Janeiro, mai./ago. 2012, 24(2), p. 353-366. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v24n2/a10v24n2.pdf>>.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. 1º tomo. São Paulo: Editora UNESP, 1788-1860/2005.

SOLLER, Colette. **Declinaciones de la angustia**. Barcelona: Librería Xoroi, 2000-2001.

SOUZA, Juliana Marcondes Pedrosa de. **Responsabilização do adolescente no cumprimento da medida socioeducativa: enlaces da Psicanálise com o Direito**. 2015. 140f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2015.

STEVENS, Alexandre. Adolescência, sintoma da puberdade. **Curinga**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, nov. 2004, 20, p. 27-39.

TARRAB, Mauricio. Mais-além do consumo. **Curinga**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, nov. 2004, 20, p. 55-78.

TEIXEIRA, Vanessa Leite; COUTO, Luís Flávio Silva. A Cultura do Consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana. **Psicologia em Estudo**. Maringá, jul./set. 2010, 15(3), p. 583-591. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a16.pdf>>.

VIDIGAL, Mariana Furtado. *Goza e ostenta!: um novo imperativo superegóico no século XXI*. (Inédito). Belo Horizonte, 2015, não publicado.

VIGANÓ, Carlo. A construção do caso clínico. **Opção Lacaniana**. Online Nova Série, mar. 2010, 1(1), p. 1-9. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/a_construcao_do_caso_clinico.pdf>.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Ângela Maria Resende. Latência, Adolescência e Saber. **Estilos Clínicos**. São Paulo, set./dez. 2013, 18(3), p. 461-476. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/estic/article/viewFile/79860/83817>>.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WEBER, Max. **Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

XAVIER, Rejane Botelho Teodoro; FERREIRA, Cláudio Vital de Lima; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. Adolescentes em conflito com a lei: função materna e a transmissão do nome do pai. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, mar. 2011, 11(1), p. 41-64. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n1/03.pdf>>.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta – as organizações populares e o significado da pobreza**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ZALUAR, Alba. **Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, 1999, 13(3), p. 3-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a01.pdf>>.

ŽIŽEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do Real!**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma?. In: ŽIŽEK Slavoj. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 297-331.

ŽIŽEK, Slavoj. **Os Panama Papers e a corrupção legalizada**. 2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/04/11/zizek-os-panama-papers-e-a-corrupcao-legalizada/>>.